

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**A ABORDAGEM DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS: UMA
EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA E NO ORKUT COM ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO**

AUDA VALÉRIA DO NASCIMENTO FERREIRA

Maceió – AL
2009

AUDA VALÉRIA DO NASCIMENTO FERREIRA

**A ABORDAGEM DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS: UMA
EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA E NO ORKUT COM ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada à linha de Pesquisa Educação e Linguagem do Mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

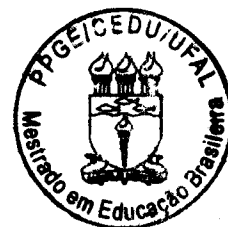
Coorientador: Prof. Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado

Maceió – AL
2009

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- F383a Ferreira, Auda Valéria do Nascimento.
A abordagem das variedades lingüísticas : uma experiência em sala de aula e no Orkut com alunos do ensino médio / Auda Valéria do Nascimento Ferreira, 2009.
190 f.
- Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante.
Co-Orientador: Luis Paulo Leopoldo Mercado
Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2009.
- Bibliografia: f. 120-124.
Apêndices: f. 125-136.
Anexos: f. 137-190.
1. Linguística – Variação. 2. Língua portuguesa – Ensino e aprendizagem.
3. Tecnologia educacional. 4. Mídias. 5. Orkut. I. Título.

CDU: 371.68

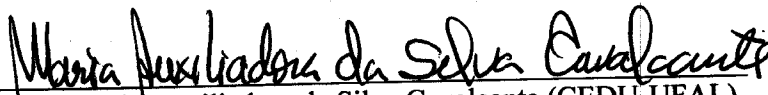


A Abordagem das Variedades Linguísticas: uma experiência em sala de aula e no Orkut com alunos do ensino médio.

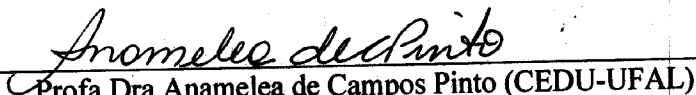
AUDA VALÉRIA DO NASCIMENTO FERREIRA

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 23 de setembro de 2009.


Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (CEDU-UFAL)
(Orientadora)



Profa. Dra. Anamelea de Campos Pinto (CEDU-UFAL)
(Examinadora Interna)



Prof. Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado (CEDU-UFAL)
(Examinador Interno)



Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (FALE-UFAL)
(Examinador Externo)

À minha mãe Antonieta Cavalcante do Nascimento

À memória de meu pai Antonio Ferreira do Nascimento

AGRADECIMENTOS

A Deus por, entre outras graças, ter disposto no meu caminho pessoas especiais, que, ao me virem empreender esta tarefa, não se esquivaram de, por quaisquer gestos, energizarem-me até finalizá-la.

À Profa. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante, por conduzir-me até aqui. Sem a sua imprescindível orientação e, ao mesmo tempo, sem o seu apoio e compreensão, não seria possível a concretização desta dissertação.

Ao Prof. Luís Paulo Leopoldo Mercado, pelas ricas referências fornecidas, pela apreciação constante dos meus textos e pelo auxílio prestado sempre que lhe recorri.

Ao Prof. Aldir Santos de Paula, pelo olhar crítico que, indubitavelmente, fez-me rever pontos significativos em minhas argumentações a partir da Qualificação, outrossim, de sua participação na Defesa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, principalmente, aos que eu tive o prazer de ser aluna enquanto mestranda nesta instituição.

À professora Anamelea de Campos Pinto pela participação na Banca Examinadora de Defesa.

Aos meus colegas de Mestrado, que tiveram paciência em me ouvir e me apoiaram ao concordar ou discordar de minhas idiossincrasias, não raro, hesitantes. Agradeço especialmente à Regina Buarque, Quitéria Pereira e Marta Minervino, mestrandas da minha linha de pesquisa.

Às colegas de profissão Francine Santos de Paula, Kátia Cecília G. de Oliveira, Tânia Maria Marques, Maria Lúcia Albuquerque e Maria Elena de Andrade. Cada uma de um modo particular e especial contribuiu para esta minha realização.

À Nitecy de Abreu e à Ana Damasceno, coordenadoras de ensino da Secretaria de Educação, que teceram suas experiências na fase inicial deste trabalho.

Aos meus amores Gizeldo de Jesus Ferreira, Bruno Eris Nascimento Ferreira e Heitor Afonso Nascimento Ferreira, pela compreensão nas minhas ausências e, sobretudo, pelo carinho e companheirismo em todos os momentos.

Às minhas amigas Clélia Lúcia Lúcio de Lima, Maria Selma Costa Temóteo, Marta Betânia Marinho e Rose Karla Cordeiro Lessa, pelo incentivo constante e pelas atenções dirigidas a este trabalho.

Aos alunos, sujeitos da pesquisa, pelo interesse e gentileza em contribuir com suas produções textuais.

À Samara Lopes, aluna do curso de Letras, que realizou o seu estágio de observação na turma experimental deste estudo e, ao relatar o desenvolvimento de algumas aulas no diário de bordo, participou da coleta de dados.

À direção da escola, *locus* deste estudo, nas pessoas de Telma Godoy, Carlos Tojal, Maria Aparecida C. de Almeida, Marcos Damasceno, Jairo Avelino, Adriano Paixão e Wellington da Silva, que permitiram e apoiaram esta realização no trâmite entre duas gestões.

Assim como não posso ser professor [a] sem me achar capacitado [a] para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, ao seu saber de ‘experiência feito’ que busco superar com ele [...] (FREIRE, 1996, p. 116).

RESUMO

Esta pesquisa analisa as idiossincrasias sobre língua e linguagem de alunos do Ensino Médio, antes, durante e depois da abordagem do conteúdo variedades linguísticas, ao levar em consideração pressupostos sociolinguísticos estudados a partir de Labov (1972), que atuam positivamente na formação do aluno ciente da concepção de língua heterogênea e plural, a depender de fatores socioculturais. Na conjuntura de uma abordagem de conteúdo, da sala de aula e de novas possibilidades de mediação do ensino e da aprendizagem, este estudo apresenta as etapas e o resultado da experiência, a partir de uma mostra com dois grupos compostos cada um de oito alunos de uma escola da rede pública estadual de ensino de Maceió. Por meio de uma metodologia mista de pesquisa do tipo experimental, ao utilizar pré-teste e pós-teste, investigamos estratégias de abordagem de conceitos sobre variação linguística em interface com a cibercultura e sua viabilidade para sensibilizar os alunos sobre a importância do respeito às variedades linguísticas. O *corpus* analisado constou de questionários, observação participante de aulas de língua portuguesa; gravação de turnos conversacionais e mensagens postadas pelos alunos no Orkut. A partir dos dados coletados, analisamos os conceitos de língua de dois grupos de alunos (grupo de controle e experimental) e comparamos o seu desempenho na apreensão de novos conceitos, a fim de verificar em qual deles (de controle ou experimental) ocorreu de forma mais efetiva. Os resultados revelam que os alunos do grupo B (experimental) passaram a utilizar uma terminologia menos vinculada ao senso comum ao referir os novos conceitos apreendidos; demonstrou compreender a diferença entre variedades linguísticas e norma-padrão e apresentou proposta de combate ao preconceito linguístico. Antes das atividades, o pré-teste revelou que os alunos desconheciam esse tipo de preconceito. Concluímos que o fato de os alunos participarem do Orkut na perspectiva de ensino e aprendizagem provocou o interesse deles pelas leituras sobre o assunto estudado.

Palavras-chave: variação linguística, ensino e aprendizagem, Orkut

RESUMEN

Esta investigación analiza la idiosincrasia de la lengua y el idioma de los estudiantes de la escuela antes, durante y después del de la aproximación a las variedades de contenido de la lengua, teniendo en cuenta los supuestos estudio sociolingüístico de Labov (1972), que actúan positivamente en la formación de los estudiantes tomen conciencia el diseño del lenguaje heterogéneo y plural, en función de factores socioculturales. En el contexto de un enfoque a los contenidos, el aula y nuevas posibilidades para la mediación de aprendizaje y enseñanza, este estudio presenta los pasos y el resultado de la experiencia, de un espectáculo con dos grupos cada uno formado por ocho estudiantes en un de las escuelas públicas en las escuelas públicas de Maceió. A través de una metodología mixta de investigación de la experimentación, con pretest y postest, estamos investigando estrategias para abordar los conceptos de interfaz de la variación lingüística con la cibercultura y su viabilidad para educar a los estudiantes sobre la importancia de respetar las variedades lingüísticas . El corpus analizado consistió en cuestionarios, la observación de la participación en clases en Inglés, la escritura y la conversación se convierten mensajes publicados por los estudiantes en Orkut. De los datos obtenidos, se analizaron conceptos del lenguaje de los dos grupos de estudiantes (control y experimental) y se comparó su desempeño en la aprehensión de nuevos conceptos con el fin de comprobar cuál de ellos (control o experimental) era tan más eficaz. Los resultados muestran que los estudiantes en el grupo B (experimental) comenzaron a utilizar una terminología menos ligada al sentido común para referirse a la asimilación de nuevos conceptos, para comprender la diferencia entre las variedades lingüísticas y la desviación estándar y presentó una propuesta para luchar contra prejuicio en la lengua. Antes de las actividades, el pre-test reveló que los estudiantes no conocemos este tipo de prejuicio. La anclaciones que los estudiantes participan en vista del Orkut de la enseñanza y el aprendizaje llevado a su interés en las lecturas realizadas sobre el tema estudiado.

Palabras claves: variación lingüística, la enseñanza y el aprendizaje, Orkut

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. O desenvolvimento da pesquisa.....	62
Quadro 2. Resumo do <i>corpus</i>	64
Quadro 3. Critérios de avaliação.....	64
Quadro 4. Detalhamento das atividades realizadas.....	65
Quadro 5. Proposta para elaboração do 1º texto (pré-teste).....	70
Quadro 6. Fragmento do texto 5.....	74
Quadro 7. Fragmento do texto 5.....	74
Quadro 8. Fragmento do texto 6.....	75
Quadro 9. Fragmento do texto 1.....	76
Quadro 10. Fragmento do texto 6.....	76
Quadro 11. Fragmento do texto 5	77
Quadro 12. Questão 2 do texto 2.....	83
Quadro 13. Questão 3 do texto 2.....	84
Quadro 14. Questão 1 do texto 5.....	87
Quadro 15. Questão 1 do texto 2.....	88
Quadro 16. Questão 2 do texto 6.....	91
Quadro 17. Questão 3 do texto 6.....	92
Quadro 18. Questão 3 do texto 5.....	93
Quadro 19. Proposta para elaboração do 2º texto (pós-teste).....	98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Texto 1 – Citações sobre língua.....	78
Figura 2. Texto 4 – Narração em Portugal é um show à parte.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Indicativo do local de acesso à internet.....	110
Gráfico 2. Indicativo do comportamento dos alunos frente às atividades no Orkut.....	111
Gráfico 3. Indicativo do comportamento dos alunos no laboratório de informática.....	112
Gráfico 4. Indicativo das condições de autoria das postagens no Orkut.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Categorias semânticas elaboradas a partir das idiossincrasias reveladas pelos alunos na produção de texto utilizada como pré-teste.....	72
Tabela 2. Resumo da análise do pré-teste e pós-teste/resultados.....	94
Tabela 3. Categoria semântica denominada terminologia.....	95
Tabela 4. Categoria semântica denominada compreensão da variação linguística.....	96
Tabela 5. Categoria semântica denominada preconceito linguístico.....	96

LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos.....	25
MEC – Ministério da Educação.....	18
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.....	29
PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.....	29
PNLD – Plano Nacional do Livro Didático.....	66
PNLEM – Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio.....	18
PSS – Programa Seletivo Seriado.....	68
SEE/AL – Secretaria de Educação de Alagoas.....	18
SEMTEC – Secretaria da Educação Média e Tecnológica.....	18
TIC – Tecnologia da Informação e da Comunicação.....	49
NURC – Norma Urbana Culta.....	38

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	9
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE GRÁFICOS.....	11
LISTA DE TABELAS.....	12
LISTA DE SIGLAS.....	13
INTRODUÇÃO.....	16
1 PRESSUPOSTOS VARIACIONISTAS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	23
1.1 Língua, variação e ensino.....	23
1.2 Mudança e nova concepção curricular para o ensino de língua materna.....	28
1.3 Conceitos de variação sociolinguística.....	30
1.4 Monitoramento estilístico.....	31
1.5 Norma-padrão é sinônimo de norma culta?.....	35
1.6 Desigualdades sociais e preconceito linguístico.....	41
2 DIFERENTES LINGUAGENS NO CIBERESPAÇO: NOVAS POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM.....	44
2.1 O ciberespaço, o ensino e a aprendizagem em sala de aula.....	44
2.2. Internet, ensino e aprendizagem.....	47
2.3 A variação linguística na internet.....	48
2.4 Do contexto ao hipertexto.....	50
2.5 Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA): Orkut.....	51
2.6. Os gêneros textuais digitais.....	53
3 CORPUS E METODOLOGIA.....	57
3.1 Abordagem da pesquisa.....	57

3.2 O percurso da pesquisa.....	59
3.3 Coleta e análise dos dados.....	60
3.4 Perfis dos grupos envolvidos na investigação.....	68
3.4.1 Perfil sociolinguístico.....	69
4 ANÁLISE DO CORPUS.....	70
4.1 As idiossincrasias sobre língua reveladas no pré-teste.....	70
4.2 Abordagens das variedades linguísticas nos textos lidos pelos alunos.....	73
4.3 Descrição e análise das abordagens sobre o conteúdo variedades linguísticas.....	77
4.3.1 Estudo da língua portuguesa e variação linguística.....	80
4.3.2. Erro de português.....	86
4.3.3 O preconceito linguístico.....	91
4.4 Resultados do pré-teste e do pós-teste.....	94
4.4.1 Análise do primeiro texto do aluno 6.....	98
4.4.2 Análise do segundo texto do aluno 6.....	99
4.4.3 Análise do primeiro texto do aluno 14.....	101
4.4.4 Análise do segundo texto do aluno 14.....	102
4.5 Entraves ao processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula.....	103
4.5.1 Interrupções durante as abordagens.....	104
4.6 Entraves ao processo de ensino e de aprendizagem no Orkut.....	107
4.7 Considerações dos alunos depois da experiência.....	109
5 CONCLUSÕES.....	115
6 REFERÊNCIAS.....	120
7 APÊNDICES.....	125
8 ANEXOS.....	137

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa é heterogênea, ou seja, varia segundo o *status* social, o grau de instrução, o lugar de origem, o sexo e a profissão, entre outros fatores. O contexto formal ou informal no qual o falante se encontra é o fator de variação linguística transformado em um dos grandes desafios da escola no tocante ao ensino do português brasileiro: abordar as questões de variação linguística numa perspectiva não-dicotômica entre o “certo” e o “errado” diante dos diversos usos da língua.

As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) reconhecem tanto as transformações dos estudos universais da língua e da linguagem, quanto os estudos relacionados ao processo de ensino e de aprendizagem como fundamentais à reflexão e ao debate acerca da necessária revisão dos objetos de ensino nas salas de aula nestes últimos anos. Isso se observa pelas modificações no uso da língua; uma maior liberdade na fala e na escrita, minimizando-se a barreira entre as modalidades de língua conhecidas no senso comum como popular e culta. A escrita e a leitura dependem das habilidades adquiridas pela lógica e sintaxe próprias da língua que permeiam os atos de comunicação. As situações de uso da língua, portanto, são determinantes do grau de formalidade, do registro utilizado e da modalidade de uso, se falada ou escrita.

Esse documento distribuído nas escolas de todas as regiões do país orienta abordagens a serem efetivadas nas práticas de ensino; na realidade, é fruto da contribuição de pesquisas linguísticas, sobretudo, da Sociolinguística. Tais abordagens, segundo o próprio documento, não são avaliadas com a importância devida, uma vez que não repercute nas escolas a ideia de que considerar a variação e a mudança linguísticas como aspectos intrínsecos aos processos sociais é uma contribuição para a escola entender as dificuldades dos alunos e criar meios para que eles compreendam quando e onde determinadas variedades são legitimadas. E, assim, possam os discentes, por meio da consciência social e linguística, atuar adequadamente nas suas interações orais e escritas. De modo algum, autoriza-se, sequer implicitamente nesse discurso, que a escola deva enfatizar o ensino¹ das variedades estigmatizadas.

À luz dos fatores envolvidos na variação linguística, estão as dificuldades

¹ É utilizado o termo “ensino” pela analogia deste com o termo “abordar” no contexto em que está inserido. Reconhece-se, entretanto, que não se ensinam variedades, são abordados conceitos de variedades linguísticas em sala de aula.

vivenciadas pelos alunos no processo de aprendizagem. Por conseguinte, os fatores determinantes da variação devem ser considerados no planejamento, na execução e na avaliação dos resultados das práticas de ensino e de aprendizagem. Essa é uma mudança significativa na perspectiva de como deve ser a prática dos professores também no Ensino Médio.

A língua, ao mesmo tempo em que é um instrumento de comunicação e poder, constitui a identidade do sujeito. A função da escola diante da variação linguística não deve desconsiderar o contexto ideal de ensino da língua, e sim, conduzir o aluno a compreender a estrutura e o funcionamento desta com todas as suas variedades sociais, regionais e situacionais.

Despertamos para o tema da variação linguística no contexto da sala de aula diante das seguintes circunstâncias, a saber: na conclusão do curso de Letras, em que tratamos do uso da linguagem coloquial na redação dos alunos de 3ª série do Ensino Fundamental e constatamos que partir da linguagem do aluno para ensinar as variedades prestigiadas é uma estratégia eficiente em sala de aula; na realização de uma pesquisa sobre os desvios ortográficos mais comuns em textos de alunos do Ensino Médio noturno que teve como foco a questão do “erro”, de modo a evidenciar os desafios que a ortografia da língua portuguesa impõe a quem busca apropriar-se dela. Em síntese, concluímos que o estigma atribuído a determinados usos linguísticos dentro da escola atinge discriminadamente aos alunos das classes menos favorecidas.

A proposta atual de ensino da língua portuguesa preconizada nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (idem) propõe a ampliação e a consolidação dos conhecimentos dos alunos para agir nas interações e nas práticas, de modo geral consideradas de prestígio. Isso inclui o trabalho sistemático com diversos gêneros textuais e tipos de texto que circulam na imprensa, na internet, na televisão e no rádio. Esses textos são escritos de acordo ou em desacordo com a norma-padrão a depender do gênero textual, ou seja, um editorial é escrito na variedade de prestígio, enquanto que a poesia popular reflete na fala e na escrita as variedades estigmatizadas. Constatamos, nas práticas sociais vigentes na sociedade atual, que ambos os gêneros citados são prestigiados cada um em sua especificidade.

A temática da variação linguística carece de uniformidade nas abordagens dos professores e dos livros didáticos, especificamente, no caso deste último. O livro didático é o principal veículo de informação e, muitas vezes, o único suporte efetivo do ensino e da aprendizagem como também da formação do professor em sala de aula.

Uma pesquisa² realizada na área da sociolinguística sobre o livro didático revela, entre outros problemas, que muitos autores adotam terminologias e/ou conceitos diferenciados para abordar o conteúdo variedades linguísticas.

Nos critérios de avaliação do livro didático do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio³ (PNLEM), uma das políticas públicas do Ministério da Educação (MEC), atendendo a uma solicitação da sociedade democrática e, sobretudo, como influência dos estudos sociolinguísticos, acresceu aos preconceitos a serem abolidos dos livros didáticos, aqueles referentes ao gênero, à orientação sexual e à linguagem. Antes, esses se resumiam aos de origem, cor, etnia e condição socioeconômica.

Durante muito tempo, a variação linguística não existiu como tema discutido em sala de aula. Mas, hoje, ela está presente em pelo menos um capítulo do livro didático, perpassando pelos demais conteúdos de um mesmo livro ou em propostas didáticas estrategicamente conduzidas em sala de aula por professores de língua portuguesa de todas as regiões brasileiras. Portanto, considerar que a ideologia implícita em tais terminologias pode ser determinante para a concepção de língua apreendida pelo aluno, é um fator importante.

Cabe à escola o papel de orientar o aluno a compreender a língua com suas variedades. A leitura, a reflexão e a escrita são o caminho para se desenvolver o senso crítico do aluno, porém as dificuldades de se incentivar os alunos a estudar justificam em parte os baixos índices de desempenho destes nos diversos tipos de avaliações aos quais são submetidos na escola e fora dela.

Constatamos, numa pesquisa de iniciação científica, certo receio do aluno do Ensino Médio de expor-se, de emitir opinião ou tirar dúvidas no contexto face a face. No referido trabalho, foi criada uma comunidade no Orkut para coletar dados a respeito das idiossincrasias⁴ dos alunos sobre o diferente, o popular e o culto em arte, língua portuguesa e literatura. Observamos ao longo desse processo que os alunos descontraíram-se mais no fórum, porém expuseram concepções distintas sobre o assunto abordado (FERREIRA et. al., 2007).⁵

² Coelho (2007), entre outros, contribuiu com os estudos sociolinguísticos ao avaliar o livro didático de português sob a ótica da abordagem da variação linguística.

³ Este programa avalia, compra e distribui livros didáticos para todas as escolas públicas brasileiras do Ensino Médio.

⁴ Ponto de vista próprio de um indivíduo ou de um grupo.

⁵ Pesquisa financiada com recursos do Projeto Alvorada III – Convênio nº 062/2002 MEC/SEMTEC – SEE/AL, ação 06, através de uma iniciativa articulada entre a Secretaria Executiva de Educação, PROEM, Fundepes e Universidade Federal de Alagoas.

Entretanto, na referida pesquisa de iniciação científica, não nos preocupamos em selecionar um material adequado à abordagem da temática. Nas outras disciplinas, arte e literatura há escassez de fundamentação teórica para o assunto e, no caso, de língua portuguesa, o contrário: um amplo referencial teórico, mas que, ao mesmo tempo, suscita debates e polêmicas. Para dar conta de uma abordagem específica das variedades linguísticas em sala de aula, precisávamos de um olhar disciplinar, focado na variação linguística e no ensino de língua portuguesa.

No presente trabalho, abordamos o conteúdo variedades linguísticas, com uma seleção de textos que consideramos adequada, por ter sido balizada pelos critérios de avaliação do PNLEM. Como suporte metodológico de ensino, inserimos o site de relacionamento Orkut⁶ como opção à tendência tradicional de ensino presente em grande parte de nossas salas de aula, no entanto, com um viés comparativo entre duas turmas de alunos, ao considerar as idiossincrasias dos estudantes diante da temática da variação linguística em ambas as turmas, e ao utilizar o Orkut somente em uma delas.

Pensamos em um “espaço” em que as vozes de todos os sujeitos fossem consideradas no processo de aprendizagem, não apenas a do professor. Um espaço que permitisse reverem-se as mensagens, no qual as ideias pudessem ser repensadas e, se pretendido, reelaboradas conforme o amadurecimento do aprendiz. Nesse sentido, inserimos o Orkut.

Considerando isso, selecionamos alguns textos⁷, inclusive de livro didático aprovado pelo PNLEM que abordam o conteúdo variedades linguísticas, e indicamos para serem lidos, refletidos e debatidos pelos alunos de duas turmas da segunda série do Ensino Médio. Uma delas constituiu-se no grupo de controle e, a outra, no grupo experimental. O primeiro participou de todas as atividades em sala de aula; o segundo, metade em sala de aula convencional e metade numa comunidade do Orkut. Compreendemos que dentro da escola as conversas entre os jovens começam, apesar de muitas delas continuarem nas salas de bate-papo, nos sites de relacionamento como o Orkut. A internet permite um tipo de interação diferente, porque se distancia do vivenciado no contexto de aula presencial, mas que pode ser complementar a este.

É senso comum entre professores a opinião de que os sites de relacionamento são prejudiciais à aprendizagem porque neles os alunos escrevem à vontade, neles os

⁶ No trabalho de iniciação científica já referido, apenas nos limitamos a utilizar o site do Orkut sem verificar a pertinência disto para o ensino e/ou para a educação.

⁷ A compreensão de texto deste trabalho é a de que o sujeito exerce a sua interpretação sobre um dado objeto, tendo em consideração quem o produz.

alunos não querem saber de comentar assuntos sérios; além de ser “perigoso” a escola incentivar o uso de um ambiente “sem dono”, de alcance mundial.

O problema desta pesquisa se consolida na necessidade da busca de estratégias as quais instiguem o debate linguístico imprescindível ao combate do preconceito linguístico. As idiossincrasias nas falas e escritas dos alunos quando abordados sobre fenômenos linguísticos refletem os conceitos estereotipados sobre a língua adquiridos ao longo de sua formação propedêutica, conceitos estes veiculados principalmente pela família, escola e mídia. Por conseguinte, por que não utilizar ferramentas presentes na internet para instigar o aluno a ler e a escrever sobre o que pensa a respeito da própria língua?

Assim sendo, alavancamos as seguintes perguntas: quais as concepções de língua⁸ dos alunos no Ensino Médio antes de estudarem o conteúdo variedades linguísticas? O que os alunos revelam sobre a norma-padrão *versus* mudança linguística; dicotomia do “erro” e preconceito linguístico a partir das leituras realizadas? Em qual dos grupos o nível de compreensão foi mais significativo? No grupo em que todas as atividades foram realizadas em sala de aula ou no grupo em que metade das atividades foram realizadas no Orkut?

Surge, por conseguinte, a hipótese de que o Orkut pode contribuir como motivador para a leitura, a reflexão e a escrita a respeito do conteúdo estudado. Temos, assim, o objeto desta pesquisa: a apreensão pelos alunos de conceitos relacionados ao tema das variedades linguísticas tendo como apoio um site de relacionamento.

Esta pesquisa tem como objetivo geral: investigar uma estratégia de abordagem de conceitos sobre variação linguística em interface com a cibercultura e sua viabilidade para sensibilizar os alunos sobre a importância do respeito às variedades linguísticas, ao tempo em que analisa os conceitos de língua de dois grupos de alunos antes e depois de tais estratégias, e compara o desempenho dos dois grupos na compreensão de novos conceitos a fim de verificar em qual deles (de controle ou experimental) deu-se de forma mais efetiva.

Assim, traçamos na linha desse objetivo geral, tendo em vista tratar-se de um trabalho com dois grupos distintos de alunos, os seguintes objetivos específicos:

⁸ Foram apresentadas aos alunos sujeitos deste experimento concepções distintas de língua. Corroboramos com Takazaki (2005), autora do livro didático em que selecionamos a maioria dos textos, ao desconsiderarmos as concepções unívocas, pois também não pressupomos sujeitos iguais e discursos monológicos. Pretendemos ao promover debates possibilitar a reflexão, a troca, e se for pertinente, a elaboração de novas ideias.

a) identificar as idiossincrasias sobre língua com as quais os alunos chegam ao Ensino Médio.

b) descrever as abordagens dos textos selecionados para as leituras feitas pelos alunos envolvidos neste estudo que serviram em parte de referência para os critérios de avaliação dos grupos ao final do processo de ensino e de aprendizagem.

c) analisar a concepção de língua dos alunos dos grupos A e B, recém ingressos no segundo ano do Ensino Médio, no que se refere à variação linguística, noção de "certo" e "errado", mudança linguística e preconceito linguístico, durante e depois da efetivação das estratégias de trabalho sobre o conteúdo variedades linguísticas.

d) analisar alcances e limitações deste trabalho sobre variedades linguísticas em sala de aula e no Orkut.

e) comparar o nível de apreensão dos conceitos relativos às variedades linguísticas pelos alunos de ambas as turmas.

No primeiro capítulo, apresentamos as considerações sobre os conceitos de variação linguística a partir de Labov (1972) que serão observados ao longo desta pesquisa e a contribuição da Sociolinguística Educacional⁹ para uma abordagem pedagógica das variedades linguísticas em sala de aula fundamentada em Bagno (2003, 2004, 2005, 2007), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Faraco (2007) entre outros.

Abordamos, no segundo capítulo, a utilização das comunidades virtuais de aprendizagem como possibilidade de mediação pedagógica, considerando o Orkut nesta perspectiva ao enfatizar a sua contribuição ao processo de ensino e de aprendizagem do conteúdo abordado. Para isso, elegemos alguns autores, que nortearam nossas discussões, como: Almeida e Eugênio (2003), Burbules (2004), Kenski (2003), Lèvy (1993, 1999), Moran (2001, 2002, 2007).

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa e explicitamos o contexto que deu origem ao *corpus* analisado, o perfil dos alunos envolvidos na pesquisa, turma A (controle) e turma B (experimento), os objetivos e o processo de coleta e análise dos dados de acordo com a natureza da pesquisa (CRESWELL, 2006), (MOREIRA; CALEFFE, 2006), (RUDIO, 1986).

⁹ Essa corrente tem se debruçado sobre vários fenômenos da variação linguística, que ocorrem no português brasileiro, ao analisar suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem da língua em sala de aula.

Analisamos o *corpus*, no quarto capítulo, a partir dos conceitos sobre variedades linguísticas apresentados pelos alunos antes e depois das abordagens em sala de aula e no Orkut; os avanços e entraves das interações em ambos os ambientes e a correlação de novos conceitos apreendidos pelos alunos.

Nas conclusões, consideramos a abordagem da variação linguística mediada pelo Orkut.

1. PRESSUPOSTOS VARIACIONISTAS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo trata da importância da abordagem pedagógica da variação linguística em sala de aula como um divisor de águas para o ensino da língua mediante a reflexão a respeito dos reais usos linguísticos no cotidiano dos falantes de ambas as variedades: prestigiadas e estigmatizadas. Discute as implicações socioculturais do conceito de norma, entre outras, referentes ao tema da variação linguística refletido nas salas de aula das escolas brasileiras.

1.1 Língua, variação e ensino

Os fenômenos linguísticos possuem sua lógica; e este estudo é condizente com as perspectivas dos precursores da Sociolinguística, daqueles que se aprofundaram em pesquisar e concluir sobre os preceitos influenciadores de tantos outros estudos, conduzindo a resultados mais do que evidentes da variação linguística. Dentre tais pesquisadores, menciona-se William Labov inclusive por dar nome à corrente na qual em parte se situa este trabalho, linguística variacionista¹.

A Teoria da Variação pode melhorar a qualidade do ensino de em sala de aula. Além de seu objeto de estudo ser a variação linguística, essa teoria trabalha sobre a realidade linguística dos usuários da língua, examinando tanto os fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) como também os de ordem externa à língua (idade, sexo, origem geográfica, situação econômica, escolarização) (CAVALCANTE; SANTOS, 2000).

Para Labov (2008), a língua é um sistema aberto, variável e dinâmico. Os condicionantes dessa variação não são apenas os fatores internos (estrutura da língua), mas também externos (social; variável de falante para falante).

Labov, linguista norte-americano, publica, entre as décadas de 1960 e 1970, resultados de pesquisas em que o objeto da análise é a comunidade de fala, nos quais os fatores externos ao falante são levados em conta. O trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, o município de menor poder econômico de Massachussetts, destaca a importância dos fatores sociais para explicar a variação e a mudança

¹ Atualmente, essa denominação está consolidada como sociolinguística variacionista, embora ainda esteja presente nas obras de alguns autores da forma mencionada.

linguística e torna-se o marco da Sociolinguística na condição de ciência dotada de método (CALVET, 2002).

Em 1964, no artigo intitulado “The Social Stratification of English in New York City²”, o autor citado desenvolve um modelo de descrição do fenômeno linguístico (como exemplo, a estratificação do “r”), de acordo com fatores como classe social, raça, idade, sexo e ocupação dos sujeitos da pesquisa.

No artigo “Empirical Foundations for a Theory of Language Change³” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), também se aborda a língua a partir do contexto social do falante. O objeto no caso é a língua heterogênea e plural, com diversas variantes, objetivando explicar e sistematizar a variação e a mudança linguísticas.

De acordo com Cavalcante (2001), a Teoria da Variação trouxe inovações para o mundo linguístico. Isso porque a estrutura social passou a ser considerada, além da estrutura linguística, na descrição e explicação dos prováveis fatores interferentes nos processos de variação e mudança linguísticas.

Segundo Labov (2008, p. 19), a explicação da mudança linguística “[...] parece envolver três problemas distintos: a origem das variações lingüísticas; a difusão e propagação das mudanças lingüísticas; e a regularidade da mudança lingüística”.

Em outras palavras, Labov apud Calvet (2002, p. 87), resume a constituição da variação:

Pode-se considerar que o processo de variação lingüística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se propaga e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se realiza e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais.

Desde a década de 1970, os linguistas brasileiros vêm compondo um amplo retrato da realidade da língua portuguesa, gerando o conhecimento das semelhanças e diferenças desta língua falada de norte a sul do país. O resultado desse trabalho, que antes se acumulava nas bibliotecas das universidades, hoje timidamente desponta nas abordagens pedagógicas dos professores.

² A Estratificação Social do Inglês na Cidade de Nova York.

³ Fundações Empíricas de uma Teoria da Variação Linguística.

Por sua vez, as linguagens verbal-oral e verbal-escrita utilizadas em sala de aula refletem os papéis sociais desempenhados pelos interagentes em diversos ambientes. A Sociologia tradicionalmente denomina esses ambientes de “domínios sociais”.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), um domínio social é um espaço físico onde pessoas assumem determinados papéis sociais ao interagirem. Estes são definidos por normas socioculturais e construídos no próprio processo de interação humana. A sala de aula, por exemplo, é um domínio social. Nela, encontra-se variação linguística na fala de alunos e professores, como também nos diversos gêneros textuais veiculados a cada curso, a cada nível de escolarização. Os professores constituem um grupo social mais experiente que o dos alunos, mas também apresentam menos formalidade e menos monitoração linguística⁴ em alguns eventos de oralidade, mesmo em sala de aula.

Isso é comum nos diversos níveis de ensino, mas citamos aqui um breve recorte de uma pesquisa que menciona o momento em que uma das três professoras, sujeitos do referido estudo, relatou em sala de aula um fato recém-acontecido na cidade: “[...] vocês viram aquele caso em Maceió, ele entrou na casa, estрупô a mãe, estрупô a filha de 12 anos e ainda machucou o filho de 7 anos” (SILVA, 2009, p. 103).

De acordo com a pesquisadora citada, a professora monitorou sua fala em quase todos os eventos em sala de aula, exceto no caso acima, em que deixou vir à tona duas regras variáveis do português brasileiro ao falar *estрупô* em vez de *estuprou*. Segundo Bortoni-Ricardo (op. cit.), podemos classificar essas variáveis em traços graduais e traços descontínuos da linguagem⁵. Os graduais estão presentes na fala de todos os brasileiros, como a supressão do fonema final /w/ de *estuprou* > *estрупô*; os descontínuos são próprios dos falantes da zona rural, como a troca de posição de um fonema para melhor acomodação eufônica, ocorrida em *estuprou* > *estрупou*.

O caso relatado ocorreu em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e não houve comentários por parte dos alunos, mas consideramos que uma regra variável de traço descontínuo aplicada pelo professor diante de alunos do ensino médio pode ser questionada no momento em que ocorre. Logo, se o aluno observa variantes estigmatizadas, inclusive, na linguagem do professor, insistir na simplificação do termo “certo” ou “errado” no ensino do português brasileiro é desconsiderar, além dos fatores

⁴ Os estilos monitorados ocorrem quando há um contexto social que o exige, seja pelo status socioeconômico do interlocutor, seja pela necessidade de causar uma boa impressão.

⁵ Os traços descontínuos são os mais discriminados nas comunidades urbanas.

sociais que envolvem o próprio falante (neste caso, o professor), as estratégias de abordagem dos fenômenos de variação em sala de aula.

Uma formação na área da Sociolinguística é o cerne para a consolidação da aparente utopia de que o professor pode aprender a lidar com a variação observada também em seu repertório linguístico. O paradoxo é constituído na ideia de que toda a educação formal do professor é transmitida pelas variedades prestigiadas. Uma hipótese para a ocorrência de uma ou mais variantes estigmatizadas presentes na fala do professor pode ser, dentre outras possibilidades, o que Labov (2008, p. 243) identificou:

[...] os falantes exibem o mesmo nível de atenção para diversas variáveis lingüísticas importantes na fala casual – quando estão menos envolvidos – e na fala excitada – quando estão profundamente envolvidos pela emoção. O fator comum para ambos os estilos é que há pouca atenção para a monitoração da própria fala.

O autor citado aponta outros fatores relevantes que redirecionaram suas pesquisas e se consolidaram na minuciosa metodologia que leva em conta, para análise da variação, o comportamento social e linguístico do falante. Para Labov (Id, Ibid.), não existe falante de estilo único, e, para se conhecer o vernáculo de um falante em particular, é preciso partir dos momentos em que este presta o mínimo de atenção à sua fala. Dessa forma, supomos que todos nós estamos e somos sujeitos à variação a depender dos fatores já apontados, mas, além disso, sujeitos de uma abordagem adequada da variação ou do conteúdo variedades linguísticas no ensino médio.

A língua portuguesa varia em todo o território brasileiro e, simultaneamente, seu ensino possui abordagens diferentes. Na maioria das vezes, depende da concepção do professor, independentemente, da situação geográfica na qual é efetivado o ensino, e sim, conforme sua concepção de língua, se teve ou não uma base sociolinguística em sua formação.

Possenti (1996, p. 22-23) alerta:

Se nossas perguntas são sempre sobre o que é certo ou errado, e se nossas respostas a essas perguntas são sempre e apenas baseadas em dicionários e gramáticas, isso pode revelar uma concepção problemática do que seja realmente uma língua, tal como ela existe no mundo real, isto é, na sociedade complexa em que é falada.

O referido autor defende o ensino de língua que priorize a leitura, a literatura e a interpretação de textos; as análises linguísticas são necessárias, porém, em grau menor, se comparadas à importância de se discutir os preconceitos. Para ele, trabalhar com gramática na escola é indispensável, mas está convencido de que "uma coisa é o estudo da gramática e outra é o domínio ativo da língua" (POSSENTI, 1996, p. 60). Assim, propõe aos professores uma perspectiva de ensino de gramática procedente ao aluno que leia e escreva, mesmo precariamente, caso sua condição social não tenha sido alterada.

Essa concepção de ensino de gramática não a menospreza, mas a dispõe num plano mais coerente com a função primordial da escola que é ensinar a ler e escrever. Quem fala uma determinada língua já usa, apropriadamente, as regras dessa língua. Segundo Antunes (2003, p. 85-86), "Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática". Obviamente, isso não significa que todo falante saiba o que é um verbo intransitivo ou um adjunto adnominal. Por isso, é importante discutir o que são e o que não são regras de gramática.

Para Antunes (Ibid, p. 86):

Regras de gramática, como o nome já diz, são normas, são orientações acerca de como usar as unidades da língua, de como combiná-las, para que se produzam determinados efeitos, em enunciados funcionalmente interpretáveis e adequados aos fins pretendidos na interação.

Dessa forma, são regras: a descrição de como estabelecer relações, por exemplo, de causa, de oposição, de tempo; de como usar os artigos; de como complementar o verbo etc. Em contraposição, não são regras de uso, mas apenas definição e classificação das unidades da língua, a saber: as diferentes funções sintáticas do *que* e do *se*; a subclassificação de cada subclasse dos pronomes e a função sintática de cada um, entre outros. "Adianta pouco saber que o 'sujeito' de determinada frase é indeterminado, por exemplo. O que adianta mesmo é saber que efeitos práticos se consegue com o uso de um determinado tipo de 'sujeito'" (Id, Ibid, p, 87).

A melhor opção em relação ao ensino de língua portuguesa na escola é reconhecer: a concepção do ensino de gramática para além dela, não, prioritariamente, ela; a importância da concepção heterogênea de língua; considerar a realidade

sociocultural em que o aluno está inserido e empreender estratégias para a abordagem adequada das variedades linguísticas em sala de aula.

1.2 Mudança e nova concepção curricular para o ensino de língua materna

Até meados da década de 1960, havia poucas escolas em comparação com o número que temos atualmente, sendo que a maioria se concentrava nos grandes centros urbanos. Eram raras as escolas na zona rural e nas cidades de menor porte. Nas escolas da zona urbana, professores e alunos pertenciam às classes média e média-alta, mas mesmo assim compunham uma pequena parcela da população.

O perfil socioeconômico e cultural da maioria dos professores brasileiros mudou significativamente em relação ao início do processo de democratização do ensino, à medida que as famílias das classes desfavorecidas migravam da região rural para a urbana e a escola acolhia as crianças dessas classes desprestigiadas; o número excedente de alunos por sala de aula, acrescido de outros fatores relacionados às condições de trabalho, ocasionou o desprestígio da profissão docente frente às classes sociais de maior poder aquisitivo. Abandonado pela classe média-alta, o magistério foi aos poucos procurado e exercido por pessoas de classe média-baixa (BAGNO, 2007).

Corroboramos com o autor citado ao considerarmos que não há problema no fato de as salas de aula estarem sob a regência de professores falantes do genuíno vernáculo brasileiro mais distante do padrão inspirado na norma de Portugal.

O problema verdadeiro é não oferecer para as professoras uma formação que permita que elas lidem adequadamente com uma série de questões que, inevitavelmente, surgem no dia-a-dia da sala de aula: se a norma é obsoleta e antiquada, ainda faz sentido ensiná-la? [...] O respeito pela variação lingüística não é incompatível com o objetivo de 'ensinar gramática', já que a gramática que se ensina só leva em conta os usos considerados 'corretos' pela tradição normativa? [...] Deixar de ensinar as formas 'certas' não significa negar ao aluno um instrumento de ascensão social? (Id, Ibid, p. 33-34).

Todo ser humano age de acordo com regras e deve saber: quando pode e quando não pode falar; o tipo de conteúdos referenciais que lhe são consentidos; quais as variedades linguísticas lhe são oportunas. A presença dessas regras é importante para o falante e para o ouvinte, que, com base em tais regras, estabelece uma expectativa em

relação à produção linguística de seu interlocutor. Isso se deve ao fato principal de que nem todos os falantes de uma determinada sociedade têm acesso a todas as variedades e, menos ainda, a todos os conteúdos referenciais. Apenas uma parte desses falantes tem acesso à variedade de prestígio. "Uma variedade linguística 'vale' o que 'valem' na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais" (GNERRE, 1998, p. 6-7).

Nas interações sociais na sala de aula, é preciso encontrar soluções para os problemas de abordagem das variedades linguísticas. A fim de evitar atitudes que repercutam um efeito contrário à proposta educativa de combate à discriminação e ao preconceito linguístico. Os estudos sociolinguísticos contribuem para isso. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) refletem a contribuição da Sociolinguística para os pressupostos de abordagem pedagógica dos fenômenos linguísticos em sala de aula.

Em relação aos PCN, Antunes (2003, p. 21, grifo do autor) afirma:

[...] não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao documento já privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social (cf. p. 19). Além disso, estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do **uso** da língua oral e escrita e o da **reflexão** acerca desses usos. Nenhuma atenção é concedida aos conteúdos gramaticais, na forma e na seqüência tradicional das classes de palavras, tal como aparecia nos programas de ensino de antes.

Desde 1970, o debate educativo centra-se em torno dos conteúdos de ensino. Trata-se de integrar às práticas de ensino e de aprendizagem na escola novos conteúdos, além daqueles tradicionalmente priorizados em sala de aula. O currículo é compreendido, sobretudo, a partir de processos de construção da prática de professores, de políticas públicas educacionais e de políticas essencialmente culturais. Todos esses aspectos inseridos nas relações sociais se consolidam na formação do aluno, que, pertencente a uma cultura, é sujeito⁶ principal do ambiente escolar.

A sociedade com suas características peculiares da pós-modernidade convida o professor a repensar suas relações com os alunos em sala de aula. Não há mais um

⁶ Termo compreendido segundo a concepção de Foucault (1979): o sujeito apenas existe como resultado de um processo de produção cultural e social.

contexto determinante da figura do intelectual dotado de todo o conhecimento. Não há mais “certezas” nem “preceitos” estabelecidos. O educador se encontra num estado constante de submissão à dúvida e aos novos questionamentos. Isso torna seu papel mais flexível, não mais representante do conhecimento estático, porém, participante de um processo social construído coletivamente e em busca de novos significados.

A educação escolarizada e pública respira os ideais de justiça e igualdade. O currículo escolar é o lugar de luta das políticas, e todos os questionamentos visam à desestabilização dos poderes. O que há é um jogo de busca, não um ponto fixo; um jogo de autorreflexão em que o indivíduo que critica também se submete à crítica.

No que diz respeito ao uso da língua, justifica-se a necessidade de se conhecer bem definidamente os conceitos de variação sociolinguística para podermos compreender que, na pragmática da escola, continua-se a legitimar apenas a cultura dominante, na medida em que se apresentam as normas e valores de tal cultura como privilegiados e não se considera o lugar da língua materna trazida pelos alunos das classes desfavorecidas na escola.

1.3 Conceitos de variação sociolinguística

Relacionar a heterogeneidade linguística com heterogeneidade social constitui-se no objetivo principal da Sociolinguística. Para esta subárea da linguística, não se estuda a língua desvinculada da sociedade, ou seja, do contexto social em que é falada. Por sua vez, “o conceito de variação linguística é a espinha dorsal da Sociolinguística” (BAGNO, 2007, p. 39).

Lidar com conceitos em sala de aula se torna mais desafiador quando o objeto de estudo é a própria língua. O ensino de língua numa perspectiva sociolinguística exige o emprego adequado de uma terminologia formulada a partir de estudos feitos nesta área, porém, em muitos casos, inclusive, nos manuais de orientação curricular para o professor, a abordagem dada à variação precisa ser unificada. É comum a confusão conceitual de termos como norma-padrão, língua culta, variante, variedade, entre outros.

Mollica (2003, p. 10) traz o seguinte conceito de variação:

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas alternativas que

configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.

Os fatores de natureza social ou estrutural e internos ou externos à língua (variáveis independentes) influenciam os usos, aumentando ou diminuindo a frequência de ocorrência da variável dependente. No conjunto de variáveis internas são encontrados os elementos linguísticos fono-morfo-sintáticos, lexicais, semânticos e discursivos. O indivíduo inerentemente reúne fatores: como etnia e sexo; propriamente sociais (escolarização, classe social e profissão); e contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva).

De acordo com Mollica (Ibid), a variação linguística pode ocorrer nos eixos diatópico/geográfico e diastrático/social. No primeiro, é observada nos modos de pronunciar as palavras, como em [tchia] ou [tia]; na escolha do léxico, como ocorre com *macaxeira*, *aipim*, *mandioca*. No segundo, é a variação verificada nas diferentes camadas sociais da população, a depender do grau de escolarização, se o falante é proveniente da zona rural ou urbana.

Bagno (2007) cita outros dois eixos, a saber: diafásico – *dia*, expressão grega que significa *através de* e *phásis*, também do grego (modo de falar) – é a variação mais observada na sala de aula, em que alunos e professores usam diferentemente a língua a depender do grau de monitoramento; diamésico – o adjetivo provém de *diá* e do grego *mésos*, que significa *meio* (de comunicação) – ocorre dependentemente do gênero textual escolhido para o ato comunicativo. É a variação em que se observam as diferenças entre as modalidades verbal-oral e verbal-escrita.

1.4 Monitoramento estilístico

O comportamento linguístico de cada falante designa um tipo específico de variação apresentada como registro, estilo, monitoração ou monitoramento linguístico. Seja qual for a nomenclatura adotada, o conceito advém dos primeiros estudos sociolinguísticos.

Para Halliday, McIntosh e Strevens apud Travaglia (2002, p. 51):

As variações de registro são classificadas como sendo de três tipos diferentes: grau de formalismo, modo e sintonia. Entre esses três

tipos de registros há correlações e superposições, o que, entretanto, não impossibilita sua análise e caracterização isolada.

O grau de formalismo representa uma escala de formalidade, que segue um maior cuidado no uso dos recursos linguísticos no nível fonológico, morfológico, sintático e lexical em direção aos usos mais aproximados dos meios prestigiados pela sociedade, como o literário, o científico e o judiciário.

A variação de modo é uma contraposição entre a língua falada e a língua escrita. Ambas apresentam em maior ou menor grau variedades que se aplicam a contextos formais. Mas, apresentam diferenças devidas às condições de produção. Na língua falada, há recursos como o da entonação, hesitação, repetições, velocidade em que se dizem as sequências linguísticas, correções. (TRAVAGLIA, 2002).

O último tipo de registro é o de sintonia; este pode ser descrito como o ajustamento na estruturação que o falante faz de seus textos a depender do conhecimento tido sobre o seu interlocutor. Portanto, o fator de intimidade entre os falantes, o vocabulário específico de uma profissão, e as oscilações de cortesia (esta última depende da ocasião e varia entre o eufemismo de um lado e a blasfêmia e obscenidade do outro) são os condutores da variação na fala e/ou escrita dos interlocutores ao longo de um evento de oralidade ou letramento. Entre os registros de sintonia, Travaglia (Id, Ibid.) cita a variação na dimensão da norma como sendo uma opção mais ou menos formal do falante a julgar pelo que este considera mais apreciado pelo ouvinte, ou seja, o tipo de variedade linguística tida pelo ouvinte como "boa" em termos de linguagem.

As pessoas monitoram a língua tanto na fala quanto na escrita, a depender do interlocutor, do grau de intimidade estabelecido entre si. Assim, não se costuma enviar um email solicitando um emprego do mesmo modo que se envia um recado a um amigo.

Na verdade, a oposição formal/informal implícita acima é uma simplificação didática. Há no mínimo quatro graus de formalidade da língua portuguesa no Brasil: o ultraformal, o formal, o semiformal e o informal, de que são exemplos, respectivamente, (no uso oral da língua): o discurso solene de um paraninfo, uma cerimônia de formatura, uma conferência, uma conversa entre cientistas que se conhecem há muito tempo sobre assunto de sua especialidade (que não ficará totalmente informal, pela natureza "intelectual" do assunto tratado) e a conversação diária. Exemplos na modalidade

escrita: do ultraformal – certos textos jurídicos e um ou outro burocrático; do formal – um verbete de enciclopédia; do semiformal – uma crônica esportiva (na mídia impressa); do informal – um bilhete.

Atualmente, circulam, na sala de aula, textos de diversos tipos e gêneros: comunicações pessoais e públicas; textos instrucionais e acadêmicos. Cada um deles traz suas variações num continuum da fala para a escrita, de estilos menos aos mais monitorados. E, mesmo que haja um maior monitoramento na escrita, está evidente que a escrita é tão heterogênea quanto a fala e, obviamente, diante da diversidade de gêneros textuais está a diversidade linguística.

A propósito, comenta Marcuschi (2001, p. 68):

[...] desfaz-se o mito de que a fala é o lócus da informalidade e a escrita, o da realização formal da língua. O certo é que formal/informal, tenso/distenso, controlado/livre, elaborado/solto etc. são usos e não atributos da língua. Muito menos características de uma modalidade de uso da língua.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 63), os fatores influenciadores do monitoramento estilístico são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. De um modo geral, a autora assim se refere ao ato de monitoramento dos estilos de linguagem:

[...] Quando vamos mudar de estilo, passamos metamensagens ou pistas, que podem ser verbais ou não verbais e que transmitem informações do tipo: 'isso é uma brincadeira', 'estou falando sério', 'estou ralhando com você'. A variação ao longo do contínuo de monitoração estilística tem, portanto, uma função muito importante de situar a interação dentro de uma moldura ou enquadre. As molduras servem para orientar os interagentes sobre a natureza da interação: se é uma 'brincadeira', uma 'declaração de amor', uma 'queixa', uma 'admoestação', um 'xingamento', uma 'explicação', uma 'crítica', um 'pedido de ajuda'.

Em pesquisas sociolinguísticas resenhadas por Bortoni-Ricardo (2005), é evidenciado que, para lidar com a variação linguística e cultural, a escola precisa tornar-se culturalmente sensível. As formas de implementação dessa pedagogia são: aproveitar as experiências e as vivências que os alunos trazem consigo, repetindo padrões interacionais que lhes são familiares; ratificar sua linguagem como falante legítimo, respeitando-lhes as peculiaridades, acolhendo-lhes as sugestões e tópicos, incentivando-os a manifestarem-se, fornecendo-lhes modelos de estilos monitorados da língua e mostrando-lhes como e quando usar estes estilos. Em outras palavras, a escola que

pretende ensinar as variedades prestigiadas da língua deve aceitar a variante do aluno. Bortoni-Ricardo e Dettoni (2001) comentam uma pesquisa realizada por Oliveira (1995), em que as análises demonstraram que estratégias facilitadoras de aprendizagem conduzem os alunos a assimilarem um estilo monitorado em eventos de escrita. Em eventos de oralidade, a linguagem popular permanece.

O fato de que cabe à escola aceitar a variante do aluno é comentado por Stubbs (2002, p. 111):

O aluno deve se adaptar à escola, mas a escola também deve se adaptar ao aluno. Uma posição equilibrada postula que o aluno tem de aceitar a realidade social da língua da escola, e a escola tem de respeitar a(s) língua(s) do aluno.

O autor citado propõe uma posição pedagógica coerente ao escrever que os professores têm a responsabilidade de ensinar aos alunos o padrão linguístico dominante⁷, contudo, sem depreciar a língua materna deles. Esclarece também o fato de os professores não conseguirem corrigir a língua falada das crianças como, inclusive, não ser adequado fazê-lo. Se em dado estágio elas se virem motivadas a aprender formas prestigiadas de fala, o processo será dado sem treinamento explícito.

Diante da realização de uma regra não-padrão em sala de aula, Bortoni-Ricardo (2004) sugere a pedagogia culturalmente sensível⁸ a partir de duas estratégias: a identificação da diferença e a conscientização da diferença. Segundo a autora, para realizar a primeira, o professor precisa estar atento e conhecer as regras, enquanto que, para a segunda, suscita outras dificuldades. É necessário conscientizar o aluno em relação às diferenças para que ele procure monitorar seu próprio estilo, mas não de modo preciso, no momento em que o aluno está em seu turno de fala. A conscientização deve ocorrer de modo a não interromper o raciocínio do aluno.

Ao longo deste trabalho, veremos que os alunos em eventos de letramento propostos em sala de aula alternam seus estilos de linguagem, de modo a demonstrar uma maior ou menor monitoração linguística, mesmo sem a interferência da professora-pesquisadora.

⁷ Na obra consultada, o autor enfatiza as inseparáveis questões de língua, educação, currículo, prestígio cultural e poder social.

⁸ Tradução de Bortoni-Ricardo e Dettoni (2001) para o termo “a culturally responsive pedagogy” de Frederick Erickson (1987).

1.5 Norma-padrão é sinônimo de norma culta⁹?

Pensar nas implicações conceituais de alguns termos empregados em sala de aula nas abordagens sobre as variedades linguísticas tem-se constituído em objeto de estudo dos linguistas, sobretudo daqueles mais voltados ao contexto escolar. Embora a variação linguística abordada em sala de aula tenha sido um avanço, sua forma de abordagem requer a desmistificação de concepções contraditórias presentes nos termos como norma culta e norma-padrão.

Segundo Faraco (2008), no discurso universitário, as expressões norma culta e norma-padrão são usadas como se fossem sinônimas, quando, na realidade, são, de fato, diferentes. O termo norma culta também aparece para designar a norma estipulada em dicionários e gramáticas, que melhor seria denominá-la de norma gramatical¹⁰.

Vejam a descrição do dicionário de David Crystal de *Linguística e Fonética* sobre a palavra *norma*:

O sentido geral do termo é usado na LINGÜÍSTICA com referência a uma prática padronizada na fala ou na escrita. A 'norma' em questão pode se aplicar a grupos de vários tamanhos dentro de uma comunidade de FALA ou à comunidade como um todo. Por exemplo, o linguajar científico utiliza CONSTRUÇÕES impessoais muito mais do que a língua usada em conversas, o que pode ser visto como uma norma para propósitos de comparação ESTILÍSTICA. Muitas vezes, as normas de diferentes grupos entram em conflito, e um grupo pode impor regras 'normativas' [...]. O conjunto dessas regras é chamado de 'GRAMÁTICA normativa'; estas gramáticas estiveram em voga nos séculos XVIII e XIX e esta tradição ainda exerce considerável influência. A linguística, hoje, enfatiza a descrição do USO real na comunidade, em oposição à preocupação PRESCRITIVA de manter um conjunto de padrões linguísticos. A SOCIOLINGÜÍSTICA salienta a necessidade de levar em conta se as diferentes VARIANTES da língua são APROPRIADAS em diferentes situações.

No dicionário, são identificados dois sentidos atribuídos ao termo norma: um específico da Linguística (o uso real da língua na comunidade, em oposição ao prescrito pelas gramáticas); outro, da Sociolinguística (que considera os fatores sociais na observação dos usos reais da língua).

⁹ Chamamos a atenção para a metalinguagem especificamente neste subtítulo, no sentido de evidenciar o objetivo maior deste item que é o de apresentar a temática através da escolha de uma única nomenclatura – quando estivermos nos referindo aos fenômenos – e concomitantemente da nomenclatura utilizada por cada autor citado.

¹⁰ Termo usado também como norma-padrão, principalmente em livros didáticos.

Matos e Silva (1997) distingue os conceitos de norma normativo-prescritiva de normas sociais. O primeiro é tradicional, porque escolhe uma variante da língua como modelo, e tudo o que foge à prescrição é considerado erro. O segundo é constituído de normas estigmatizadas (sem prestígio social) ou norma culta (de prestígio social).

Os professores, muitas vezes despercebidos, esquivam-se diante de conceitos com forte teor ideológico nas abordagens sobre variação linguística. Dentre eles, estão o substantivo *norma* e os adjetivos que o acompanham. Antunes (2007) acrescenta ao termo norma culta mais um adjetivo *ideal* ou *real*; de certa forma, "ideal" se enquadra no que temos para normativo; "real", para normal.

Do ponto de vista pragmático do trabalho em sala de aula, essas diversas nomenclaturas¹¹, que ainda podem receber outras abordagens pelos autores de livros didáticos, provocam distorções, confusões nas abordagens sobre variedades linguísticas, dificultando o processo de ensino e de aprendizagem de professores e alunos sob a perspectiva da sociolinguística educacional¹².

Segundo Antunes (Ibid), a norma culta ideal corresponde à norma representativa dos usos da língua considerados cultos. Ela situa-se no domínio da expectativa, não no domínio da experiência efetivada. A norma culta real, por sua vez, corresponde aos usos concretamente realizados.

Castilho apud Travaglia (2002) trata da dicotomia: sentido amplo e sentido restrito para o conceito de norma (culto ou padrão). Em sentido amplo, há a necessidade de o grupo social defender sua língua contra alterações que podem ocorrer no momento do aprendizado da criança e padrões desviantes no uso da língua criados por outros grupos de jovens e adultos. "Esse comportamento de padronização acaba se misturando com a atitude componente da norma em sentido restrito, que estabelece qual será o padrão lingüístico que uma sociedade adotará" (Id, Ibid, p. 62).

A confusão entre a dicotomia *ideal* e *real* sobre os usos da língua conduziu aos termos norma-padrão e norma culta como sinônimos. Castilho (1988), Travaglia (2002), Bagno (2003, 2007), Antunes (2007) e Faraco (2008) corroboram no sentido de que os preceitos ideológicos embutidos no conceito de norma culta ou padrão, que vigoram nas gramáticas, nos livros didáticos, na mídia televisiva, entre outros, acabam gerando preconceitos.

¹¹ Castilho (1988) ainda identifica os nomes *norma explícita*, *norma implícita*, *padrão real*, *padrão ideal*.

¹² Bortoni-Ricardo (2004) emprega o qualificativo "educacional" à vertente da Sociolinguística que se debruça sobre as questões de abordagem da variação linguística em sala de aula.

Há, na opção termológica "norma culta", um emaranhado de pressupostos nem sempre discerníveis, como escreve Faraco (2008, p. 29):

[...] O qualificativo 'culto', por exemplo, tomado em sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe a normas 'incultas', que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. Tal perspectiva está, muitas vezes, presente no universo conceitual e axiológico dos falantes da norma culta, como fica evidenciado pelos julgamentos que costumam fazer dos falantes de outras normas, dizendo que estes 'não sabem falar', 'falam mal', 'falam errado', 'são incultos', 'são ignorantes' etc.

Em relação ao termo "culto", Bagno (2003) afirma, de um lado, que, se do ponto de vista sociológico e antropológico, todo ser humano está inserido numa cultura, não há seres humanos incultos, todos somos cultos. Por outro lado, a designação dada às variedades linguísticas dos falantes das classes desfavorecidas¹³ aparece na literatura linguística como língua popular, norma popular, variedades populares, entre outros¹⁴.

O que se argumenta é o preconceito imbuído nos termos "popular" e inculto" como sinônimos. Não existe cultura sem povo nem povo sem cultura. Assim, é pertinente a observação de que:

[...] numa sociedade extremamente (e desigualmente) dividida como a nossa, o adjetivo *popular* é muitas vezes usado com conotações pejorativas, depreciativas, para indicar algo de menor importância, de menor valor na escala de prestígio social. Tanto é assim que muitas palavras, quando vêm sozinhas, já indicam, automaticamente, alguma coisa que não tem a ver com o 'povo': arte, literatura, música... Assim, sem qualificativos, elas já dizem o que são: 'alta cultura'. O mesmo não acontece com arte popular, música popular, que precisam do qualificativo *popular* (Id, Ibid, p. 60-61).

Hoje são realizadas ações como as do projeto Norma Urbana Culta (NURC) em diversas universidades brasileiras, com o objetivo de se registrar e documentar os modos de fala dos brasileiros considerados cultos que moram nos grandes centros urbanos. Mas os usos variam de região para região e possuem variantes comuns que se apresentam arbitrárias à variante sacramentada na norma-padrão. É o que constatamos

¹³ Esse adjetivo expressa a ideia, ainda segundo o autor citado, de falantes sem curso superior completo, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou da zona urbana empobrecida.

¹⁴ O referido autor discorda do termo "popular" como qualificativo de língua, norma ou variedades. Na definição de povo brasileiro, por exemplo, estão os mais de 175 milhões de habitantes que vivem aqui, isto é, os 40 milhões pertencentes às classes mais favorecidas também compõem a formação do povo brasileiro. Em síntese, todos são populares.

nas citações dos objetivos iniciais e atuais do projeto NURC exposto por Bagno (2004, p. 53):

1. Dispor de material sistematicamente levantado que possibilite o estudo da modalidade oral culta da língua portuguesa em seus aspectos fonético, fonológico, morfossintático, sintático, lexical e estilístico;
2. Ajustar o ensino da língua portuguesa, em todos os seus graus, a uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças lingüísticas e culturais do país;
3. Superar o empirismo na aprendizagem e ensino da língua-padrão pelo estabelecimento de uma norma culta real;
4. Basear o ensino em princípios metodológicos apoiados em dados lingüísticos cientificamente estabelecidos;
5. Conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, a fim de não sobrecarregar o ensino com fatos lingüísticos inoperantes;
6. Corrigir distorções do esquema tradicional da educação, entravado por uma orientação acadêmica e beletrista.

Ressalta-se, dessa forma, a contribuição do NURC que avançou, consideravelmente, nas décadas de 1980 e 1990, no conhecimento sobre a língua portuguesa culta falada em áreas urbanas do Brasil, como nos estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, pelos resultados alcançados com este, entre outros projetos, coordenados, sobretudo, por Ataliba de Castilho e Dino Preti.

Pela análise dos dados coletados pelo projeto NURC, em cada uma das universidades que o desenvolve, fica demonstrado que os falantes considerados cultos no uso da linguagem mais monitorada não seguem estritamente os preceitos da tradição gramatical normativa.

Preti apud Faraco (2008, p. 48) conclui um de seus textos com a seguinte observação:

Em síntese, o que o *corpus* do Projeto NURC/SP tem-nos mostrado (e isso já na década de [19]70) é que os falantes cultos, por influência das transformações sociais contemporâneas a que aludimos antes (fundamentalmente, o processo de democratização da cultura urbana), o uso lingüístico comum (principalmente, a ação da norma empregada pela mídia), além de problemas tipicamente interacionais, utilizam praticamente o mesmo discurso dos falantes urbanos comuns, de escolaridade média, até em gravações conscientes e, portanto, de menor espontaneidade.

Os falantes considerados cultos da zona urbana (com nível superior completo), mesmo em situações monitoradas, usam variantes semelhantes às dos falantes urbanos

comuns (com menor escolaridade). Se os preceitos gramaticais não são seguidos preponderantemente por nenhum destes constructos de falantes, então a norma-padrão, como escreve Bagno (2007) “[...] não é uma das variedades lingüísticas empiricamente observáveis no uso dos falantes em comunidade. Ela é um construto sociocultural, uma norma no sentido mais jurídico do termo”. Todavia, o comportamento lingüístico do sujeito tanto na fala quanto na escrita sofre a sua influência.

Segundo Faraco (2008), com o passar do tempo foram criados conflitos entre o que prescreve a gramática normativa e o que se observa na norma culta/comum/*standard*. Tais conflitos, a depender do contexto, desembocam em impasses a serem amenizados através de balizas culturais. Um exemplo citado pelo autor é a colocação do pronome átono em construções com o futuro do presente e o futuro do pretérito.

No caso acima, resta-nos a próclise ou a mesóclise, já que a ênclise foi descartada pela norma gramatical. Embora a próclise seja condenada se o pronome átono iniciar o período e a mesóclise tenha sido arcaizada, podemos optar pela próclise se deixarmos explícito o sujeito. Mas nem sempre é possível tal estratégia.

Numa cultura como a brasileira absolutamente plural e, ao mesmo tempo, nas questões de uso da língua profundamente arraigada nos vieses da gramática normativa, o senso de adequação se subordina ao da correção. No momento, é imprescindível o debate destas questões que vão além das discussões teóricas, porque repercutem na sala de aula, na prática do professor, no livro didático que ele utiliza, na formação que ele recebe na universidade.

Para amenizar as divergências conceituais ou aparente contradição em torno dos termos norma culta e norma-padrão, tomemos, inicialmente, a expressão citada anteriormente: norma culta/comum/*standard*. De acordo com Faraco (Ibid, p. 73), o termo designa "o conjunto de fenômenos lingüísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita". O elo entre a ideia de monitoramento e as práticas da cultura escrita conduz os falantes a atribuírem prestígio a essa norma ao tempo em que a considera melhor do que as outras.

Os falantes passam inclusive a confundir a norma com a língua, de modo a internalizar ideia de que outras variedades sejam degradações, desvios da língua

verdadeira. No entanto, como sabemos, as mudanças linguísticas passam por contínuas reconfigurações estruturais, porém, mantêm o seu caráter estruturado¹⁵.

Por ser heterogênea, a língua comporta em si todas as variedades. Portanto, a norma culta é apenas uma dessas variedades, e seu prestígio, segundo Faraco (Ibid, p. 74), "[...] não decorre de suas propriedades gramaticais, mas de processos socio-históricos que agregam valores a ela."

Assim, em razão do prestígio social atribuído à norma culta e da necessidade política de se alcançar certa unidade linguística entre os Estados Centrais que se constituíam, na Europa (entre o final do século XV e o início do século XVI), houve a denominada padronização da língua, ou seja, foi considerada neste processo apenas a norma culta/comum/*standard* das línguas européias ocidentais modernas da época.

Norma culta e norma-padrão, como vimos, não são a mesma coisa. Faraco (Ibid, p. 75, grifo do autor) esclarece:

Em resposta à profunda diversificação do mapa lingüístico de cada um dos novos Estados, emergiu um projeto padronizador. Desde Antonio de Nebrija (autor daquela que é considerada a primeira gramática de uma língua moderna – a gramática do castelhano publicada em 1492) se buscou estabelecer, por meio de instrumentos normativos (gramáticas e dicionários), um **padrão** de língua para os estados Centrais Modernos, de modo a terem eles um instrumento de política lingüística capaz de contribuir para atenuar a diversidade lingüística regional e social herdada da experiência feudal. A esse instrumento damos o nome de norma-padrão.

A codificação do Português Brasileiro feita na metade do século XIX não tomou como referência, a exemplo dos países europeus, a norma culta/comum/*standard*; mas sim, o modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do romantismo.

O modelo que serviu de referência para a gramaticalização do português brasileiro não foi a língua de Portugal, mas apenas a variedade dos escritores clássicos portugueses. Embora tenha sido atribuído à Lusitânia o interesse por esse processo, os responsáveis por essa escolha surgiram da nossa própria elite letrada.

No Brasil, diferentemente, dos interesses da elite européia, o objetivo principal do projeto da norma-padrão foi o de combater as variedades estigmatizadas e as

¹⁵ "Uma mudança não ocorre de forma abrupta. As evidências acumuladas ao longo dos anos mostram que a instauração de uma nova variante é progressiva e que, entre estágios de uma língua, podem ser identificados sistemas transicionais que suscitam questões sobre a forma como uma variante passa de um indivíduo para o outro e de um contexto social a outro" (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 141).

variedades prestigiadas (dos escritores brasileiros, por exemplo) faladas aqui. Isso, posteriormente, sofreu uma desmistificação, quando a primeira geração dos escritores modernistas consolidou na literatura brasileira o que hoje se observa: a distância entre norma-padrão e a norma culta/comum/*standard* brasileira.

Consideramos todas essas discussões entabuladas, nesta sessão, de conteúdo bastante complexo. Embora o debate se concentre mais nos meios acadêmicos, é imprescindível que haja mais estudos, as análises ainda carecem de consistência, algumas questões conceituais, mesmo que compreendidas por alguns teóricos da área, ainda refutam incompreensões por parte dos interlocutores desses discursos, os quais estão na sala de aula das universidades – formando professores – ou dos cursos propedêuticos, com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos críticos.

1.6 Desigualdades sociais e preconceito linguístico

O conflito estabelecido entre as classes sociais desfavorecidas e a cultura da escola tem sido um tema discutido por muitos educadores. “Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionantes a enfrentar” (FREIRE, 1996, p. 67). Embora o fracasso escolar muitas vezes atribuído ao fracasso linguístico esteja representado mais significativamente nas séries iniciais, é possível constatá-lo até o nível superior.

O ensino de língua materna, além da proposição de tarefas técnicas, deve propor estratégias de luta contra o fracasso escolar. O ensino deve ser uma tarefa política contra os preconceitos e a desigualdade social. “É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso” (SOARES, 1992, p.17). Portanto, a escola torna-se paradoxalmente o espaço em que as variedades linguísticas estigmatizadas tornam-se um empecilho à aprendizagem das variedades socialmente prestigiadas.

No Brasil, as diferenças linguísticas são relacionadas à péssima distribuição de renda. Assim, elas não constituem, como em outros países, um modo de manter a identidade de um grupo; possuem uma estreita relação com a desigualdade social, ou seja, com a péssima distribuição dos bens econômicos e culturais.

Essa realidade brasileira deve ser considerada no momento de se estudar as teorias sociolinguísticas e de se propor estratégias de ensino da língua portuguesa. Em síntese, os saberes sociolinguísticos e os valores culturais trazidos pelo aluno à sala de

aula devem ser respeitados. Aprender as variedades prestigiadas passa a significar, desse modo, uma ampliação dos conhecimentos linguísticos e comunicativos do aluno.

Sendo assim, teríamos uma simplificação da questão do direito à preservação da identidade cultural do falante da região rural ou urbana, das classes favorecidas ou desfavorecidas, não fosse o fato de, no Brasil, a variante que se desvie da gramática normativa, independentemente do contexto, ser considerada “errada”, sobretudo quando usada por falantes das classes menos favorecidas.

Bagno (2003, p. 21) pontua que a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil dos instrumentos de controle e coerção social. Após anos de investigação sobre preconceito linguístico, o autor conclui que o preconceito linguístico não existe, o que existe é o preconceito social. Isso, quiçá, sobrevenha da constatação de que a noção de erro não é, como escreve o autor citado, “absoluta nem estática: a noção de erro varia e flutua de acordo com quem usa a língua e contra quem”. Geralmente, quem atribui a si mesmo um maior conhecimento linguístico tende a mencionar os “erros” cometidos na fala e escrita até mesmo dos membros de sua própria classe social. Porém, em qualquer caso, o evidente é o “outro”, o “diferente”. É assim quando o assunto é a língua, é assim ao se tratar de quaisquer formas de preconceito e discriminação social.

O ensino das variedades linguísticas prestigiadas é recomendado pela sua importância na mobilidade social do falante. Qualquer pessoa precisa dominar as variedades linguísticas que lhe permitirão o acesso ao nível superior de ensino, a um trabalho bem mais remunerado.

No entanto, a pragmática escolar¹⁶ é formada por sujeitos que interagem permeados por várias vozes, múltiplas linguagens que se relacionam integralmente com a língua. Isso aumenta a complexidade do processo de ensino e de aprendizagem, e o professor se depara com novos desafios dentro e fora da sala de aula.

A compreensão dos pressupostos sociolinguísticos para o ensino da língua portuguesa é uma necessidade dos professores e deve se constituir num compromisso dos organismos que compõe sua formação. Sendo a língua heterogênea e plural, é preciso alavancar, conseqüentemente, uma abordagem que não se distancie dessa concepção. Não se ensina na escola a língua que o falante concebeu com seus pais. O ensino da língua portuguesa visa, por conseguinte, ao seu desenvolvimento.

¹⁶ Refere-se ao conjunto de considerações práticas sobre o comportamento social dentro da escola.

A melhor decisão do professor em relação ao trabalho em sala de aula corresponde a aproveitar os conhecimentos linguísticos científicos sobre variação e mudança, mas, além disso, mostrar as implicações ideológicas das abordagens preconceituosas em relação à língua, com o objetivo maior de o aluno compreender que algumas variedades linguísticas são prestigiadas pela sociedade e outras estigmatizadas, sem, contudo, haver atribuição de valor linguístico a nenhuma delas: ambas são variedades da língua.

Porém, ao compreender as variedades, o aluno compreenderá, circunstancialmente, o conceito de adequação, os contextos de produção da fala e da escrita; o contínuo de monitoração linguística e os gêneros textuais que se aplicam a diversas intenções de comunicação. A partir do reconhecimento pelo aluno das implicações ideológicas presentes na língua, este estará, ao mesmo tempo, diante do saber prévio necessário para que ele o desenvolva com a ajuda do professor e dos meios dispostos pela escola. O objetivo maior é ampliar o repertório linguístico do aluno e garantir-lhe o acesso a outras variantes linguísticas.

2. DIFERENTES LINGUAGENS NO CIBERESPAÇO: NOVAS POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Neste capítulo apresentamos algumas considerações sobre a importância de se fazer uso na modalidade presencial de ensino das diferentes linguagens presentes no ciberespaço como meio de proporcionar estratégias significativas de ensino e de aprendizagem. Evidencia-se que a escola pode extrapolar seu espaço físico, ao apropriar-se da internet, do hipertexto e das comunidades virtuais de modo a distanciar-se do modelo didático-pedagógico estritamente presencial.

2.1 O ciberespaço, o ensino e a aprendizagem em sala de aula

As diferentes linguagens do ciberespaço estão cada vez mais presentes nos diversos contextos em que alunos e professores interagem dentro e fora da escola. Trazer essas linguagens, a língua, a variação linguística para convergirem em possibilidades de mediação do ensino e da aprendizagem, para além do espaço físico da sala de aula, mais que um desafio, é uma necessidade.

No âmbito do ensino e da educação, imaginam-se os alunos de algum modo unidos nas comunidades do ciberespaço e, conseqüentemente, formando grupos conforme seus interesses, criando alguma identidade. Por meio das diferentes linguagens presentes no ciberespaço, novas possibilidades de ensino e de aprendizagem, apresentam-se ao aluno e ao professor. Segundo Lévy (1999, p. 17), “O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. Com este conceito corrobora Ramal (2002, p. 65) “Ciberespaço é toda a estrutura virtual transnacional de comunicação interativa”. Portanto, o termo especifica, além da infraestrutura material da comunicação digital, o universo de informações nela presente e as pessoas que interagem e constroem esse universo.

As linguagens que antes apenas se presenciavam nas falas, imagens, sons e movimentos, em situações presenciais ou através das redes televisivas, hoje estão sincronizadas no ciberespaço. É principalmente nas interações entre os jovens que se verifica o uso simultâneo de linguagens. Eles “curtem” jogos eletrônicos, filmes de ficção e ação, batem papo com os amigos já feitos e fazem novos “amigos” tudo num mesmo lugar, se assim desejarem: a internet. De acordo com Kenski (2003), encontrar um denominador comum entre as diversas formas de linguagens muito diferentes, isto é,

estabelecer um diálogo entre elas, é um dos inúmeros desafios que se impõem à escola atualmente.

Se pensarmos a sala de aula convencional pela polifonia de seus interagentes, as conversas paralelas entre alunos ao longo do discurso monológico do professor, vozes ecoadas do pátio, do corredor, de outras salas, constatamos que, a favor da paradigmática do silêncio, a escola ignora seus ruídos ou os procura silenciar.

Nessas salas de aula, são revelados diferentes perfis de professores e alunos, mas seu espaço geográfico, a disposição de seus objetos, o tempo de aula e o próprio comportamento dos atores nesses cenários nem sempre conduzem à aprendizagem. Pelo menos não a uma aprendizagem significativa para o aluno.

O perfil da sala de aula convencional, as crenças estabelecidas na figura do professor centralizador do “poder”, e as crenças dos professores em relação ao aluno, ao subestimar suas potencialidades, reforçam as práticas da exposição oral como estratégia principal de ensino e de aprendizagem.

Numa mesma escola, é possível verificar em duas salas de aula paralelas a realidade dicotômica de nosso sistema presencial de ensino. De um lado, o que nos mostra Kenski (2003, p. 65):

No silêncio da sala de aula ecoa a voz do mestre. Alunos calados escutam e copiam suas palavras. Pausadamente, o professor dita sua verdade absoluta. Alguns dos alunos permanecem com os olhos fixos no ambiente da sala, mas o pensamento viaja.

De outro lado, em um ambiente, separado apenas por uma singela parede, encontra-se uma sala de aula lotada, vários alunos falando ao mesmo tempo e um professor elevando a voz para fazer-se escutar. O assunto que motiva os jovens é o mesmo que o professor vocifera, mas a quem pertence o turno da fala? A quem pertenceria a “verdade” se houvesse espaço na sala para as subjetividades dos alunos? Embora a relação professor-aluno nos apresente bem distintas nos dois casos relatados, são convergentes no fato de não proporcionarem um ambiente propenso à aprendizagem.

Serpa (2005, p. 163) amplia tais reflexões ao escrever que os alunos questionadores sinalizam a todo tempo o fato de a escola não mais atender aos seus anseios, às suas necessidades e expectativas. “Contudo, nem os responsáveis por

implementar políticas públicas nem os professores conseguem perceber as indicações dadas pelos alunos”.

O fato de os contextos presenciais e virtuais virem a ser complementares em ambas as situações: quer na modalidade de ensino a distância, quer na presencial, tem sido divulgado nos trabalhos de Moran (2002) e Tori (2003). O primeiro indaga: “O que fazemos melhor ou mais rapidamente quando estamos juntos numa sala de aula?”, o segundo completa: “O que fazemos melhor ou mais rapidamente no espaço virtual?”. Esses questionamentos são inconfundivelmente concernentes ao pensar sobre o contexto atual de ensino e de aprendizagem em ambos os casos.

Tori (2003) destaca algumas possibilidades de ações pedagógicas que podem ser utilizadas em situações presenciais e a distância de ensino e de aprendizagem, entre outras:

- substituição de aulas expositivas, com grande número de alunos, por material interativo on-line¹, complementado por aulas presenciais, com menor carga horária e pequeno número de alunos, destinadas a atividades que envolvam discussões, esclarecimentos de dúvidas, dinâmicas de grupo, orientações;
- criação de fóruns de discussão por série, por área, por disciplina e por projeto;
- oferecimento de monitoria on-line aos alunos;
- oferecimento de laboratórios virtuais, que permitem aos alunos a realização de experiências preparatórias, reduzindo-se o tempo necessário para experimentações em laboratórios reais ou, em alguns casos, substituindo-se laboratórios que ocupam espaço físico;
- apoio a projetos colaborativos, mesmo que realizados em sala de aula, por meio de recursos virtuais.

A sala de aula rompe os muros da escola ao permitir que as diferentes linguagens ecoadas entre paredes se misturem às formas intensivas das vidas criadas no ciberespaço quando essas mesmas linguagens se entrelaçam. O maior empecilho às práticas inovadoras integradoras dessas diferentes linguagens é o formato institucional em que os saberes, o tempo, o espaço e os atores/sujeitos estão atrelados. Não há política pública efetiva no sentido macrossocial sem alteração das condições microssociais, nas quais professores e alunos se encontram.

Moran (2007) traz à discussão a importância de se reorganizarem os ambientes presenciais de ensino. Ensinar não necessariamente precisa se relacionar com frequentar regularmente as salas de aula. O autor visualiza o acesso a outros ambientes. Na sala, os

¹ Observamos na literatura específica deste capítulo a grafia *on-line* e *online*. Optamos pela segunda, mas mantivemos a forma *on-line* nas citações.

agentes da aprendizagem se conhecem, os procedimentos didáticos são organizados e os alunos, motivados, são orientados sobre as pesquisas e de como utilizar outros ambientes. Depois de algum tempo, volta-se à sala para apresentar os resultados, trocar experiências, contextualizar e generalizar as aprendizagens individual e coletiva. Assim, professores e alunos estarão menos tempo juntos fisicamente, mas será um momento intenso.

2.2 Internet, ensino e aprendizagem

O surgimento da internet facilitou o intercâmbio, o debate e a visibilidade das discussões entre grupos ou comunidades de natureza peculiar. Encontrar pessoas com os mesmos interesses ou afinidades na comunidade na qual mora, no local de trabalho, na escola, nem sempre é viável. As comunidades virtuais, as listas de discussões, os blogs e as teleconferências aproximam as pessoas distantes por aspectos geográficos ou sociais. Tornar esses recursos subsídios metodológicos de aprendizagem é uma necessidade a cada dia mais presente nas instituições de ensino, independentemente, de se tratar se da modalidade a distância.

Na última década do século passado, Valente (1993) já escrevia que pelo surgimento diário de novos usos do computador como recurso pedagógico é possível alterar o paradigma educacional da centralização no ensino para a centralização na aprendizagem.

Segundo Mercado (2001), as pessoas estão inseridas no processo de globalização e, neste contexto, a internet surge como uma forma de comunicação de fácil acesso e custo, que irá certamente transformar a vida de milhares de pessoas, pois permite informações que, de outro modo, seriam difíceis de adquirir.

A internet, um dos mais importantes meios de comunicação, apresenta diversas tecnologias que proporcionam maior integração, troca de conhecimentos e colaboração entre os internautas. Para Castells (2003), a internet processa a virtualidade e a transforma em nossa realidade, construindo a sociedade em rede, a sociedade em que vivemos.

Utilizar a internet na escola necessariamente não garante atividades pedagógicas. A aula pode continuar com o mesmo perfil da aula expositiva, sem uma aprendizagem significativa para o aluno. Ter acesso à tecnologia não é suficiente. O professor precisa estar atento ao uso que faz da internet a fim de propiciar ações contrárias à reprodução

de um modelo já defasado, como se pode inferir das palavras de Silva (2005, p. 67):

A dinâmica e as possibilidades da interface on-line permitem ao professor superar a prevalência da pedagogia da transmissão. Na interface, ele propõe desdobramentos, arquiteta percursos, cria ocasião de engendramentos, de gerenciamentos, de significações. Ao agir assim, estimula que cada participante faça o mesmo, criando a possibilidade de co-professorar o curso com os aprendizes.

A internet possibilita a socialização de textos de diversos gêneros numa dinâmica imensurável. Na perspectiva do ensino de língua materna, isso se constitui num incentivo, além de informações, curiosidades e especificidades; estas carecem de um olhar específico, que questione e instigue questionamentos.

2.3 A variação linguística na internet

A escrita nos blogs, Orkut e chats é a principal ferramenta para trocar mensagens, correspondências, trocar informações, conversar, pesquisar e estudar. Tudo isso de modo autônomo. Para Pimentel (2005), a escrita na internet chama a atenção pelas variantes pertinentes ao meio – outras maneiras de usar a língua – ou seria uma nova variação linguística?

A maioria dos educadores vê a notação gráfica usada na internet como um atentado à língua. Os jovens cifram as palavras, mas criam coletivamente as regras dessas cifras. No Orkut, por exemplo, “você” é “vc”; “também” é tb, fim de semana é “fds”. Receia-se que a escrita usada no ciberespaço distancie ainda mais o jovem de uma escrita adequada aos contextos mais formais de interação. Alguns estudos, entretanto, revelam o contrário, ou minimizam as dúvidas sobre o assunto. Martins, Reis e Shuelter (2005) chegaram à conclusão de que um grupo de internautas, alunos do ensino médio, ao fazerem uma redação em sala de aula tende a utilizar registros mais formais. Nos blogs ou fotologs, nas salas de bate-papo, no Orkut, os mesmos alunos utilizaram uma escrita que os identifica sem representar, com isso, uma real ameaça à língua escrita convencional.

Temos o desafio de pensar em estratégias para conduzir os alunos a utilizarem as variedades prestigiadas e estigmatizadas, além do internetês, optando pelo registro adequado nas diversas contextualizações sociais. As variedades socialmente prestigiadas possuem seu espaço inviolável. Como professores, devemos abordar a

variação linguística de modo a legitimar as formas estereotipadas, conquanto sua condição de linguagem “correta” em situações informais, a fim de provocar o interesse do aluno em desenvolver a forma “prestigiada” para utilizá-la em suas interações formais (conferências, relatórios, entrevista de emprego).

A escola continua abordando a língua portuguesa como se ela fosse um fenômeno estático, desconsiderando as intenções dos alunos, produtores e co-produtores dos significados. Evidencia-se um novo estilo de sociedade, que compreende a inteligência como o resultado de agenciamentos coletivos que envolvem pessoas e dispositivos tecnológicos (RAMAL, 2002).

Observa-se uma mentalidade, uma cultura e uma tradição popular e oral serem desprezadas, embora esteja altamente disseminada em todos os segmentos da sociedade. Tudo se problematiza porque com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) surgem outras possibilidades de manifestações da linguagem, outras formas e registros, e a chamada linguagem cifrada amplia a polêmica: quais usos considerar como legítimos?

Não devemos esquecer que o desenvolvimento vertiginoso do conhecimento, a facilidade, a velocidade na transmissão de informações e a complexidade das aplicações tecnológicas a todos os âmbitos da vida cotidiana requerem o desenvolvimento de códigos simbólicos cada vez mais elaborados e complexos, e que aqueles indivíduos que, em sua vida cotidiana e em seu cenário social, só elaboram orientações de código restrito se encontram próximos da marginalização e dependência, pois seu código restrito não lhes facilita a compreensão e a adaptação às situações complexas que utilizam códigos elaborados e que são as habituais nas esferas mais desenvolvidas e privilegiadas da sociedade atual (PÉREZ GÓMES, 2001, p. 255).

Amplia-se o desafio da escola de pensar em estratégias para conduzir os alunos a utilizarem as variedades prestigiadas e estigmatizadas, além do internetês, optando pelo registro adequado nas diversas contextualizações sociais. As variedades socialmente prestigiadas possuem seu espaço inviolável. Os professores devem abordar a variação linguística de modo a legitimar as formas estereotipadas, conquanto sua condição de linguagem “correta” em situações informais, a fim de provocar o interesse do aluno em desenvolver a forma “prestigiada” para utilizá-la em suas interações formais (conferências, relatórios, entrevista de emprego).

Se antes os professores prostravam-se frente às dificuldades de ensinar a norma-

padrão nas comunidades histórica e geograficamente consolidadas pelo uso das variedades estigmatizadas, com a inserção dos sites de relacionamento na qual a linguagem verbal escrita adquire um espaço imensurável, surge mais um desafio: utilizar essas comunidades virtuais como ferramenta de pesquisa e de ensino.

Nas pesquisas qualitativas, quantitativas ou mistas, o ambiente virtual tem se constituído um meio mais rápido e eficiente de coletar dados. No ensino, são necessárias mais pesquisas que, ao debruçarem sobre as práticas de ensino da língua portuguesa e os meios pelos quais os alunos têm aprendido, colaborem efetivamente com o processo de ensino-aprendizagem mediado pelas TIC.

2.4 Do contexto ao hipertexto

Antes de acompanhar o surgimento do hipertexto, pensemos nas comunidades ágrafas, cuja língua não possui escrita. Nelas, a história ainda é transmitida por meio das narrativas orais. Os relatos são ouvidos e memorizados, depois passados para as novas gerações. A capacidade de memorizar é associada à inteligência nessas comunidades. Não é para menos, já que sem ela toda uma cultura estaria em risco de exterminar-se.

Com a escrita, segundo Lèvy (1993, p. 87), “O eterno retorno da oralidade foi substituído pelas longas perspectivas da história”. Por conseguinte, concebe-se que a escrita, ao intercalar o processo de emissão e recepção de informações instaura os riscos de mal-entendidos, de outras interpretações. A escrita corre esses riscos e aposta no tempo. “Uma vez escrita, a ideia perpetua-se no tempo e pode passear pelo espaço, numa carta, caderno, livro ou num quadro, por exemplo. Uma informação escrita não precisa ser memorizada” (KILLNER apud KENSKI, 2003, p. 61).

Daí a importância de a escola apropriar-se dos recursos do texto nas comunidades virtuais. “Os avanços tecnológicos reorientam a leitura na escola para outros textos e imagens. O ato de ler se transforma historicamente” (Id, Ibid, p. 62).

A linguagem audiovisual incorporou-se num espaço ideal para a mixagem – textos, desenhos, fotografias, sons e movimentos – e a escola nunca esteve tão próxima de efetivar seus pressupostos da formação de um aluno autônomo. Com o acesso demasiado à informação é imprescindível adquirir-se autonomia e muito mais responsabilidade. O que o jovem deseja aprender? Como buscar informações? Como o jovem direciona seu aprendizado?

Nas comunidades virtuais também se trabalha, se estuda, se conversa. Constrói-se uma bagagem de referências, compartilha-se um contexto, criam-se outros contextos de interações capazes de tornar significativo o estar “ali” em determinado espaço e não em outro lugar.

Essas comunidades online estão além do surgimento comum da escrita quando nos referimos a significados. Ler-se em Lèvy (1993, p. 72) ao esclarecer seu próprio questionamento:

O que é significação? Ou antes, para abordar o problema de um ponto de vista mais operacional, em que consiste o ato de atribuir sentido? A operação elementar da atividade interpretativa é a associação; dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos, e portanto é o mesmo que construir um hipertexto.

O autor citado nos remete à compreensão do hipertexto para além da linearidade do discurso, ao dizer que um texto sempre foi um hipertexto, uma rede de associações. Para Ramal (2002), o hipertexto como texto é objeto de estudo do campo das Letras, da Linguística, da Análise do Discurso, ou, em alguns aspectos, da Semiótica. A autora considera que uma nova ecologia cognitiva está vinculada às formas pelas quais os sujeitos internalizam os aspectos formais do hipertexto como mediação para novas produções, acepções e significação do conhecimento. Se a forma do hipertexto influencia a organização do texto, também pode influenciar, por extensão, a maneira de organizar o pensamento. De um ponto de vista peculiar, trata-se o hipertexto como uma nova tecnologia intelectual, mediadora das relações com o conhecimento, que pode romper com “certas categorias intelectuais” e relacionar-se a outros modelos cognitivos.

2.5 Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA): Orkut

Dentre as diversas possibilidades de uso da internet destacam-se os sites de relacionamento. O Orkut batizado com o primeiro nome do seu criador Orkut Buyukkokten é um site de relacionamento que surgiu em janeiro de 2004. A ideia inicial de seu fundador foi a de compor uma comunidade em que só pudesse participar as pessoas convidadas por outras, a fim de manter ou gerar laços de amizade e afinidades.

O Orkut como ferramenta relacionada ao Google é um portal virtual bastante acessado no mundo inteiro. Permite que os internautas ampliem ou resgatem o círculo

de amigos. Este site tem chamado a atenção de investidores, pesquisadores sociais, juristas e educadores, entre outros aspectos, pela crescente adesão de crianças e jovens às suas “comunidades virtuais” e páginas de recados.

Segundo Almeida e Eugênio (2006, p. 67), o que chama a atenção na página dos dados demográficos do Orkut é a proporção de usuários brasileiros do referido site em comparação com os de outras nacionalidades. “Em agosto de 2005, os brasileiros respondiam por 75,56% da população do Orkut, contra 5,79% de norte-americanos (nacionalidade de origem do site)”. Em agosto de 2009, estes números correspondem a 49,66% para os brasileiros contra 20,49% dos estadunidenses. Nas comunidades do Orkut, criadas pelos próprios internautas, as pessoas também se encontram para debater sobre temas de interesse comum. Existem comunidades que debatem sobre o ensino de diversas disciplinas, política externa dos Estados Unidos, Literatura, Física, entre outros, como, no caso específico apresentado neste trabalho, que aborda o conteúdo variedades linguísticas através das ferramentas do Orkut. Há, sobretudo, comunidades nas quais se podem expressar sentimentos e opiniões.

O Orkut pode se tornar uma comunidade virtual de aprendizagem à medida que suas ferramentas vão sendo utilizadas com o objetivo de ampliar situações de aprendizagem. De acordo com Salinas (2003), uma CVA pode ser: de discurso, de prática, de construção do conhecimento e de aprendizagem. É possível inferir que uma mesma comunidade virtual possua duas ou mais dessas características, o que favorece a construção de conhecimento, uma vez que seus membros se relacionam com os mesmos objetivos de aprendizagem. Silva (2005) destaca a importância de o professor utilizar as comunidades virtuais para criar com seus alunos um ambiente de comunicação e aprendizagem em sala de aula presencial e online. “Elas favorecem integração, sentimento de pertença, trocas, crítica e autocrítica, discussões temáticas, elaboração, simulação e descoberta”.

É relevante apoderar-se desses recursos, principalmente nas escolas públicas, pela necessidade da inclusão digital. Embora os alunos participem das comunidades virtuais à revelia da escola, como acontece nas comunidades tradicionais, é função desta colaborar para minimizar conflitos. Para isso, ela pode utilizar as comunidades virtuais e criar tópicos de discussões. Uma vez disponibilizados, esses debates contribuem para a aquisição de conhecimentos.

O fato de as interações online ocorrerem na maioria das vezes sem a identificação visual do interlocutor pode constranger a alguns, mas não é empecilho

para a maioria das pessoas, visto o grande número de internautas que cresce a todo o momento. Burbules (2004, p. 220) questiona se o fato de uma conversa virtual ser mediada por vídeo de duas vias a torna menos “real” do que se for cara a cara, e se as pessoas fossem mais honestas em links de vídeo do que cara a cara, qual interação seria mais honesta. O autor também enfatiza: “O pressuposto de que interações cara a cara sejam mais honestas ou diretas do que interações on-line é desmentido por participantes que dizem experimentar exatamente o contrário”.

Esse autor ainda afirma que o texto é o meio principal de interação online nos dias atuais. E não apenas os textos de mensagens individuais enviadas por e-mail, por exemplo, mas também a forma de novos tipos de publicações. Escrita e meios de publicação estabelecem comunidade através de seus próprios meios de composição, distribuição e compartilhamento.

Segundo Moran (2001), o educador precisa tirar proveito das tecnologias, para acompanhar de perto o que seus alunos produzem e o que pensam sobre o mundo. Assim, sendo, os ambientes de interação “virtual” podem influenciar os alunos a escreverem melhor, para mostrarem o que pensam de forma mais clara dentro da internet. O relacionamento entre professor e aluno torna-se mais próximo, pois além do contato “real”, o professor passa a interagir num dos ambientes mais frequentados pelos alunos.

2.6 Os gêneros textuais digitais

De modo geral, fizemos um recorte da descrição de Mercado (2006) a respeito das ferramentas interativas online e as considerações feitas por Marcuschi e Xavier (2004) sobre os gêneros textuais, que por nossas observações e experiências neste trabalho também se infere como gêneros textuais digitais no/do domínio do site de relacionamento Orkut.

Compreendemos ser a internet o grande suporte de todos os gêneros digitais, e estão a serviço dela diversas ferramentas a serem utilizadas com fins interacionais. Quando a iniciativa interacional acontece são veiculados textos verbais e não-verbais que pelas características operacionais que os suportam e, principalmente, pelas suas características de forma e conteúdo linguístico constitui num ou vários gêneros digitais. Assim, o e-mail é uma ferramenta se vista como suporte para a veiculação de diversos gêneros. Em contrapartida, é um gênero “Se tomarmos o gênero enquanto texto

concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, ‘relativamente estável’ do ponto de vista estilístico e composicional” (MARCUSCHI, 2008, p. 198).

Segundo Mercado (2006, p. 27), o e-mail é uma forma de comunicação escrita, assíncrona, relativamente fácil, realizada por pessoas conhecidas, sendo raro o anonimato. Inicia-se com o endereço do destinatário, em seguida a descrição do assunto, a elaboração da mensagem, o envio opcional de um arquivo e finalmente o envio da mensagem. No fórum, “a atividade central é alimentada por um debate de um determinado tema. Ao ser introduzido um assunto novo, por um membro do grupo, os outros membros iniciam as reflexões sobre o tema”.

É importante destacar que o Orkut possui o e-mail não apenas como forma de integração ao site, mas também, de interação assíncrona. Para se cadastrar no Orkut deve-se abrir uma conta de e-mail que servirá para o envio de mensagens que podem ser visualizadas na própria caixa de entrada do e-mail como também servir de aviso para que o usuário visite sua página no site e possa interagir com seus amigos. Em caso de mais privacidade, deve-se utilizar o e-mail ao invés do fórum de interação denominado “recados” encontrado na página principal de cada pessoa cadastrada no Orkut.

O endereço eletrônico tanto o de e-mail quanto da home-page é outro gênero textual de acordo com Marcuschi (2008, p. 202). O estudo dos gêneros emergentes está apenas no início. Quais as implicações ao se considerar um gênero como acesso a outro gênero? O que não se concebe é desconsiderar os gêneros textuais digitais como meios legítimos de se manifestar as variações linguísticas. Não há como controlar nem os usos nem os usuários da língua nos bate-papos virtuais abertos, por exemplo, assim como ocorre com as línguas naturais. “Embora haja um sistema linguístico subjacente a cada língua, ele não impede a variação. As variações não são aleatórias e sim sistemáticas, no caso dos usos linguísticos”.

Marcuschi e Xavier (2004) concatenam estas discussões ao dizerem que os bate-papos por escrito, em tempo real, os fóruns eletrônicos de discussão, comunidades virtuais, e-mails, simultaneidade de textos verbais e não-verbais (hipertexto) são configurações textuais que podem ser chamados de gêneros digitais.

Diante dos recursos de interação que uma ferramenta online nos favorece, surgem novas formas de escrita, novos gêneros textuais. Mas deixando claro que uma mesma ferramenta comporta diversos gêneros textuais, estes últimos por sua vez podem determinar a variedade linguística a ser utilizada.

As diferentes linguagens as quais nos referimos estão presentes no ciberespaço como um todo, mas se particularizam em suas representações através do hipertexto, nas comunidades virtuais, nos sites de relacionamentos. Considerá-las como mediadoras do processo de ensino e de aprendizagem significa conceber o aluno e o professor em um contexto cada vez mais distante da sala de aula estritamente convencional, ou seja, um espaço físico delimitador das interações sobre um determinado conteúdo.

O hipertexto propriamente funciona como mediador das produções, das recepções e das significações dos conhecimentos que possa comportar. Ele permite que autores e leitores de diferentes ideologias dialoguem num mesmo espaço virtual para através das discussões conceituais exporem suas opiniões chegando ou não a um consenso. Portanto, a arquitetura do hipertexto permite uma ampla possibilidade para novas práticas de ensino, mas é necessário que a escola adquira um formato convergente à implementação e desenvolvimento dessa forma de mediação do ensino e da aprendizagem, menos centralizada na figura do professor e mais direcionada aos modos de leitura feitos pelos alunos.

A escola não perderá a sua essência por causa da presença do ciberespaço na vida social dos alunos. Os estudos na área da educação apresentarão novas teorias, algumas tecnologias transformar-se-ão, mas a escola continuará. No entanto, não será a mesma, caso aproprie-se das diferentes linguagens do ciberespaço e, a partir delas, transforme as práticas pedagógicas presenciais vigentes no espaço físico de uma sala de aula para além dela.

Enfim, a temática principal deste trabalho discorreu sobre o que a escola deve aproveitar: o interesse natural dos jovens estudantes pelos sites de relacionamentos, pelas comunidades virtuais, pelo hipertexto e utilizá-los para mediar a relação estabelecida pelo estudante entre informação e reflexão coletiva e para melhorar a relação professor-aluno. Neste último caso, a aproximação com os alunos ajuda o professor a considerar novas perspectivas, novas estratégias de abordagem do tema estudado a partir das idiosincrasias apresentadas pelos próprios alunos. Em se tratando de aproveitar o interesse do aluno pelos sites de relacionamento, cita-se o tema da variação linguística como um dos mais pertinentes para ser abordado em sala de aula em interface com a cibercultura. De um lado, a notação gráfica surgida nos ambientes virtuais; de outro, a variação linguística propriamente dita revelada tanto nestes ambientes quanto nos presenciais.

Nas pesquisas qualitativas, quantitativas ou mistas, o ambiente virtual tem se

constituído um meio mais rápido e eficiente de coletar dados. No ensino, são necessárias mais pesquisas que revelem: novas práticas de ensino da língua portuguesa, por exemplo; meios pelos quais os alunos têm aprendido; e colaborem efetivamente com o processo de ensino e de aprendizagem mediado pelas TIC.

3 CORPUS E METODOLOGIA

Este capítulo explicita os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste estudo que determinaram o tipo de pesquisa e estão descritos do momento que se iniciou a sua realização até a fase final da coleta de dados. Trataremos aqui das diversas etapas da pesquisa, a saber: escolha do *locus* de todo o processo; seleção dos sujeitos participantes; aplicação dos instrumentos de coleta de dados; critérios de avaliação do *corpus* analisado. Apresentamos também o perfil dos sujeitos, alunos do Ensino Médio, e a justificativa para a escolha dos textos, bem como o detalhamento das atividades aplicadas como subsídios para parte da coleta de dados.

3.1 Abordagem da pesquisa

Esta pesquisa é do tipo experimental porque verifica a relação de causalidade que se estabelece entre variáveis designadas como independentes e dependentes. No caso deste estudo, temos o Orkut como variável independente e a aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo variedades linguísticas, a variável dependente. Aplicamos a variável independente para investigar o que acontece com a dependente. "Na pesquisa experimental, o pesquisador manipula deliberadamente algum aspecto da realidade, dentro de condições anteriormente definidas, a fim de observar se produz efeitos" (RUDIO, 1986, p. 69).

Corroboramos com o pressuposto de que, "embora seja difícil realizar pesquisas experimentais nas escolas, elas podem revelar causa e efeito e conhecimento que nos capacita a prever e controlar eventos" (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 72). O objetivo de controlar as possíveis variáveis que possam interferir nos resultados é o grande desafio deste tipo de pesquisa no contexto educacional.

Os autores citados em nota anterior nos apresentam uma possibilidade de realizar uma pesquisa experimental em que se surgirem outras variáveis não isoladas na fase do projeto de pesquisa que estas possam também ser exploradas desde que não comprometam os dados. No caso específico desta pesquisa, não previmos, por exemplo, que a escola (local da pesquisa) entrasse em recesso antecipado por causa de problemas de infiltrações no teto, entre outras questões estruturais as quais resolvemos tratar como variáveis intervenientes ao processo experimental, na época, em andamento.

Em uma pesquisa experimental, coletam-se os dados de modo que todos participem e não somente um grupo experimental se beneficie. Isso exige que se forneça algum tratamento para todos os grupos de maneira a não promover desigualdades que provoquem danos a quaisquer dos sujeitos (CRESWELL, 2007).

É possível inferir a natureza distinta de uma pesquisa experimental da área das ciências sociais (caso deste estudo) e uma pesquisa da área das ciências naturais em que se visa o conhecimento rígido, objetivo e se exige do pesquisador um método de acordo com o paradigma positivista. Como a pesquisa experimental é característica das pesquisas naturais, e, no caso deste estudo, aborda um contexto preponderantemente social (a sala de aula), seus pressupostos epistemológicos nos encaminharam para um método misto¹.

A propósito, a integração de dados de natureza mista pode ocorrer do seguinte modo:

[...] em diversos estágios do processo de pesquisa: na coleta de dados, na análise de dados, na interpretação ou em alguma combinação de locais. Integração significa que o pesquisador 'junta' os dados. Por exemplo, na coleta de dados, essa 'mistura' pode envolver a combinação de questões abertas com questões fechadas de um questionário (Id, Ibid, p. 215).

O procedimento de tratamento dos dados qualitativos e quantitativos desta pesquisa foi o que Tashakkori e Teddlie apud Creswell (Ibid) classificaram como concomitante. Assim, o pesquisador coleta os dados qualitativos e quantitativos simultaneamente e, depois, integra as informações na interpretação geral dos dados. No caso desta pesquisa, isso ocorreu principalmente nas análises.

Para efeito quantitativo dos dados, esta pesquisa considerou numa das etapas o percentual das categorias investigadas para efeito da elaboração do perfil sociolinguístico da turma. A abordagem de cunho qualitativo, por seu caráter estritamente interpretativo, mostrará através das descrições e análises feitas, a partir da observação participante, quais foram as estratégias de ensino e de aprendizagem efetivadas em sala de aula convencional e no Orkut sobre variação linguística para que os alunos apreendessem os conceitos, por exemplo, de norma-padrão *versus* variedades linguísticas e estabelecessem uma relação com o preconceito linguístico. Levantamos

¹ Os métodos mistos são relativamente novos nas ciências sociais e humanas. Sua definição consiste na necessidade de coletar e analisar dados quantitativos e qualitativos (CRESWELL, 2007).

um escopo para efeito de análise. Foram focados os eventos significativos para efeito do fenômeno, com o fim de serem analisados.

3.2 O percurso da pesquisa

Este estudo foi realizado em duas turmas de alunos do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de ensino localizada na região metropolitana de Maceió² no período equivalente a dois bimestres do ano letivo de 2008. Pretendíamos realizar a coleta de dados em dois meses, mas se interpolaram ao processo uma greve de funcionários administrativos e um recesso compelido por problemas estruturais no prédio da escola.

Para se ter acesso aos trâmites necessários à realização deste estudo, foi escolhida a escola na qual já havíamos feito outra pesquisa. A viabilidade e a pertinência de este trabalho ser realizado no referido local podem ser justificadas tanto pela nossa inserção natural na comunidade escolar (no caso, o ambiente da pesquisa), quanto pelo fato de a escola ser equipada com um laboratório de informática composto por 20 computadores conectados à internet, além de professores-facilitadores e um técnico em informática, que presta serviço regularmente à escola. Para tal, foi enviado um requerimento à direção da escola com o fim de se obter consentimento para a realização da pesquisa; também se fez ciência aos dirigentes da escola, da relevância do estudo para a própria escola, para os pesquisadores e para os alunos.

Nosso maior objetivo, ao transformarmos a sala de aula, ambiente natural em que estamos inseridas no dia-a-dia de nossa prática profissional, num constructo de dados de pesquisa, foi o interesse de investigarmos estratégias de abordagem do conteúdo variedades linguísticas em interface com a cibercultura. Entretanto, ao utilizarmos o Orkut, pretendíamos apenas verificar se os alunos se interessariam em interagir ali com propósito de aprendizagem. Mas, fomos além, ao alavancarmos a hipótese de os alunos apreenderem melhor o conteúdo se escrevessem suas idiossincrasias a respeito dos temas abordados numa comunidade no Orkut.

Propusemos uma estratégia de complementação à abordagem de sala de aula do conteúdo variedades linguísticas. Enfatizamos a ideia de complementaridade, não de substituição das aulas presenciais no Ensino Médio. É fundamental atentarmos para o

² Optamos por não divulgar o nome da escola.

fato de, embora o termo presencial direcionar-se para um entendimento contrário ao contato cara a cara, as atividades em sala de aula são, muitas vezes, realizadas distantes da face do professor. O contato dito cara a cara reserva-se aos momentos de menor ou maior interação (nas aulas expositivas e nos debates em sala de aula), mas os exercícios, trabalhos em grupo, em dupla, individuais muitas das vezes são feitos em outros locais.

O contato com os alunos enveredou-se em busca da constatação ou não de nossa hipótese voltada à abordagem das variedades linguísticas mediada pelo Orkut. Nesse ínterim, elegemos como questionamentos desta pesquisa, os pontos que, à priori, orientaram-nos aos resultados mais amplos deste estudo.

1) Quais são as ideias prévias dos alunos sobre o conteúdo variedades linguísticas? Eles utilizam a terminologia de acordo com os textos lidos? Ou são indiferentes?

2) De que modo os alunos revelam os novos conceitos em fase de apreensão ao longo das abordagens?

3) Até que ponto pode-se afirmar que um dos grupos obteve mais conhecimento do que o outro diante das estratégias utilizadas?

3.3 Coleta e análise dos dados

Iniciamos a coleta de dados em 02 de junho de 2008 e concluímos em 1º de outubro do mesmo ano³. Começamos a etapa de coleta de dados com cerca de 50 alunos em cada turma. Ao longo do ano letivo, houve transferências⁴ e desistências em ambas as turmas; por isso, completamos os dados com a participação efetiva⁵ de 29 alunos em cada turma.

Na etapa da análise, deliberamos o trabalho a partir de uma mostra devido à quantidade de dados por turma. Assim, foram escolhidos aleatoriamente de cada uma das turmas envolvidas no estudo oito alunos compondo uma mostra de dezesseis no total. Estes formaram, respectivamente, em relação às turmas A e B, os grupos tratados durante toda a análise como “Grupo A” e “Grupo B”. Identificamos por números os

³ No Orkut, há postagens feitas até o dia 1º/11/08, mas foram iniciativas dos próprios alunos. Elas não constaram dos dados analisados.

⁴ O número maior foi de alunos transferidos, na maioria, para o turno noturno da própria escola sob a alegação de necessitarem trabalhar.

⁵ Consideramos efetiva a participação dos alunos que cumpriram todas as atividades.

sujeitos de cada grupo, sendo do um ao oito (1-8) alunos do grupo A (controle) e do nove ao dezesseis (9-16) alunos do grupo B (experimental).

Pelo fato de no ambiente online não haver privacidade, apesar das atividades terem sido realizadas numa comunidade “com dono”⁶, foram utilizados pseudônimos. O primeiro texto escrito pelos alunos de ambos os grupos (Anexo 11) serviu como sondagem, e o último (Anexo 11) serviu para verificação do nível de apreensão adquirido no decorrer das abordagens.

Todo o material didático foi analisado segundo os pressupostos sociolinguísticos adequados ao nível de escolarização dos alunos. Assim, descrevemos, aqui, as etapas práticas desta pesquisa que partiram da observação participante de 16 aulas dadas em cada uma das turmas onde estavam os grupos de alunos focados para análise dos dados. Houve uma variação no grupo B, pois este contou com 8 aulas em sala convencional; as outras 8, foram no laboratório de informática da escola.

Ambos os grupos leram os mesmos textos referentes ao tema variação linguística. O programa destinado ao aluno para esta experiência foi dividido em quatro abordagens como se verifica sequencialmente no roteiro de aulas. Dividimos as atividades equitativamente de modo a evitar desigualdade de condições para os alunos do grupo A e do grupo B. Em contraposição, pela natureza do estudo, fizemos algumas adaptações. O grupo A participou de todas as abordagens em sala de aula e as questões solicitadas foram respondidas oralmente ou por escrito em suporte de papel. O grupo B assistiu a menos aulas expositivas, e as questões solicitadas foram respondidas por escrito em suporte de papel e no Orkut.

Um dos grupos se dirigiu ao laboratório de informática. Nesses momentos, tivemos cerca de 1h e 40min de atividade à tarde, em horário reservado no laboratório. A intenção foi a de envolver todos os alunos numa ação conjunta de aprendizado, enquanto focamos uma mostra para efeito de análise. Os alunos da mostra foram sempre os mesmos, mas nem eles nem os outros alunos obtiveram conhecimento sobre o procedimento de coleta.

Os procedimentos de coleta perpassaram por dois vieses, a saber: os dados coletados em sala de aula através de questionário e textos escritos pelos alunos de ambos os grupos, textos orais apenas dos alunos do grupo A; e os dados dos alunos do grupo B (experimental) coletados no Orkut.

⁶ Recurso disponível no site do Orkut que permite a visualização da comunidade, embora a participação só ocorra quando autorizada pelo criador da comunidade.

Os instrumentos da coleta de dados foram:

Entrevista semiestruturada: questionário aplicado com questões abertas e fechadas (Apêndice A), a fim de elaborarmos o perfil dos alunos das turmas participantes deste estudo.

Textos dissertativo-argumentativos (Anexo 10): em tópicos de discussão propostos por nós ou pelos alunos na comunidade "com dono" do Orkut sobre as abordagens no tocante à noção de "erro", variação, mudança linguística, e preconceito linguístico, segundo a concepção dos alunos. Também foram coletadas opiniões e interpretações dos alunos em questões propostas (Apêndice B, C e D) a partir da leitura de textos.

Observação participante: durante todos os eventos de oralidade e de letramento, respectivamente, em sala de aula e no laboratório de informática. Na sala de aula, com o objetivo de viabilizar as descrições das estratégias, gravamos alguns momentos presenciais com uma câmera digital imobilizada (captação de vozes). No laboratório de informática, embora também tenham ocorrido eventos de oralidade, o foco foi a interação no ambiente online, e, nos eventos de letramento, não houve a mesma necessidade de se utilizar gravações; além disso, contamos com um colaborador externo, uma aluna de Letras em estágio de observação, que fez uso do diário de bordo em parceria conosco.

A parte prática da pesquisa cumpriu cinco etapas de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 1. O desenvolvimento da pesquisa

Etapas	Procedimento
Identificação do perfil das turmas participantes da pesquisa	Questionário semiaberto aplicado aos alunos
Observação das aulas em sala de aula e no laboratório de informática	Gravação de alguns momentos das aulas e anotações no diário de bordo
Análise das aulas, do material didático utilizado no ambiente convencional e no Orkut	Transcrição ortográfica dos eventos de oralidade, escrita de fragmentos de textos lidos pelos alunos, escrita de fragmentos de textos dos próprios alunos
Análise dos textos dos alunos do grupo A e B sobre a temática variedades linguísticas	Transcrição de fragmento do texto inicial e final de cada aluno que compõe a mostra
Verificação das idiossincrasias dos alunos do grupo B sobre o trabalho no Orkut	Questionário semiaberto aplicado apenas aos alunos do grupo B

Fonte: dados da pesquisa

Cada etapa foi analisada a partir de seguimentos distintos:

- I- Perfil do grupo A (controle) *versus* Perfil do grupo B (experimento).
- II- Descrição dos intervenientes observados no trabalho em sala de aula e no Orkut.
- III- Análise comparativa dos textos/respostas dos alunos dos grupos A e B.
- IV- Análise comparativa dos primeiros e últimos textos dos mesmos alunos.
- V- Apresentação dos dados coletados no questionário respondido apenas pelos alunos do grupo B.

A primeira etapa foi elaborada a partir dos dados coletados através de questionário semiaberto (Apêndice A), o qual foi utilizado na elaboração dos perfis das turmas. Justificam-se os perfis por tratar-se de um estudo comparativo. É fundamental verificar-se em que aspectos ambos os grupos assemelham-se ou divergem a fim de (des)considerarem-se prováveis variantes intervenientes que (des)consolidem os resultados.

Durante a realização das atividades em sala de aula e no laboratório de informática surgiram alguns transtornos. Através de uma mostra das gravações das aulas e das anotações do diário de bordo, descrevemos os fatores intervenientes do processo, respectivamente, em sala de aula e no Orkut.

Na terceira etapa, expusemos as análises dos textos dos alunos, detalhadamente, à medida que descrevemos as condições de produção de seus textos, ou seja, quais textos foram lidos e quais perguntas especificamente lhes foram feitas. Esta etapa foi a mais significativa para a confirmação da hipótese de que um site de relacionamento como o Orkut pode contribuir como motivador para o aprendizado do aluno.

No início da pesquisa, foi aplicado o pré-teste em que se solicitou que os alunos escrevessem um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema variedades linguísticas. Cada aluno elaborou o seu texto – reservado para análise apenas ao final da penúltima etapa –, que se constituiu de um novo texto do mesmo tipo depois dos eventos em sala de aula (grupo A e B) e no Orkut (apenas grupo B). Os primeiros e últimos textos foram comparados entre os grupos A e B.

Na última etapa, depois das análises, e antes de elaborarmos as considerações finais, procuramos os alunos que estão atualmente concluindo o terceiro ano do Ensino Médio, para investigar algumas questões as quais nossos dados não responderam e que

foram consideradas relevantes, por exemplo: como o aluno se comportara em relação à leitura dos textos; de que modo participou do fórum no Orkut; além da escola, de onde acessou o site. (Apêndice E).

Quadro 2. Resumo do *corpus*

Dados analisados	Grupo/s
16 textos (pré-teste)	A e B
16 textos (pós-teste)	A e B
16 questionários	A e B
10 questões propostas em sala de aula	A
Diário de bordo de 32 aulas	A e B
64 tópicos de discussão postados no Orkut	B (laboratório de informática)
1h40min de gravação transcrita em 73,5kb de texto digitalizado	A e B (em sala de aula)
8 questionários	B

Fonte: dados da pesquisa

Como critério de avaliação dos textos, utilizamos categorias elaboradas a partir da fundamentação teórica que se encontra no primeiro capítulo deste trabalho e que perpassa pelas leituras feitas pelos alunos. O quadro a seguir apresenta os critérios utilizados no pré-teste e pós-teste⁷:

Quadro 3. Critérios de avaliação

TERMINOLOGIA	A mesma dos textos lidos
	A mesma do sendo comum
	Confunde os termos
COMPREENSÃO DA VARIÇÃO LINGUÍSTICA	Evidencia a presença de variabilidade linguística x norma-padrão
	Não distingue variedades linguísticas de norma-padrão
	Não menciona o fenômeno
PRECONCEITO LINGUÍSTICO	Apresenta proposta de combate ao preconceito
	Apenas menciona o assunto
	Não menciona o assunto
	Demonstra preconceito em seu texto

Fonte: Adaptado de Coelho (2007)

⁷ Foram utilizados os mesmos critérios ao considerarmos que o conteúdo variedades linguísticas foi visto pelos alunos no ano letivo anterior.

As atividades foram aplicadas na íntegra, algumas, adaptadas, e outras, propostas especificamente para um roteiro de aulas que subsidiou a análise posterior. O gênero textual variou, mas mantivemos o tipo dissertativo-argumentativo.

Quadro 4. Detalhamento das atividades realizadas⁸

Período (aula/dia)	Proposta para o grupo A	Proposta para o grupo B
1 ^a e 2 ^a aulas	Debate em sala de aula, a partir da leitura do texto “Citações sobre Língua”, comentário sobre “erros de português” e o que seria para eles estudar a língua portuguesa ⁹ .	Debate em tópicos de discussões no Orkut ¹⁰ : “Citações sobre conceito de língua” “Idéias sobre língua” e “focando a língua mais usada no nosso dia-a-dia” ¹¹ .
3 ^a a 6 ^a aulas	Leitura dos textos “Brasil e Portugal já falam duas línguas diferentes”, Marcos Bagno; “Jerimum Tresandado”, Ricardo Valadares e “Narração em Portugal é um show à parte”, Raquel Santana. Discussão e pesquisa a partir de questões propostas sobre a temática de cada texto.	Debate em tópico de discussão e pesquisa no Orkut. (Os tópicos possuem o mesmo título dos textos lidos)
7 ^a e 8 ^a aulas	Leitura compartilhada da 1 ^a parte da entrevista de Marcos Bagno. Em seguida, leitura silenciosa a fim de responder a algumas questões formuladas a partir do texto.	Continuação da atividade proposta anteriormente.
9 ^a e 10 ^a aulas	Leitura silenciosa da 2 ^a e 3 ^a partes da entrevista a fim de estudar o vocabulário e continuação da atividade de compreensão do texto.	Não houve variação.
11 ^a e 12 ^a aulas	Aula expositiva sobre variação e norma em sala de aula.	Não houve variação.
13 ^a e 14 ^a aulas	Leitura da entrevista “Língua enrolada” cedida por Pasquale Cipro Neto ao jornalista Mário Sabino. Leitura de fragmento dos PCN. Leitura do artigo: “Erro de Português não existe”, de Flávio Lobo.	Não houve variação.
15 ^a e 16 ^a aulas	Proposta de questões sobre os textos lidos para serem respondidas em dupla.	Não houve variação.

Fonte: dados da pesquisa

⁸ Os textos lidos pelos alunos serão referenciados no capítulo das análises.

⁹ Os alunos do grupo B (experimental) participaram das atividades apenas no Orkut. Os alunos do grupo A participaram apenas do debate em sala.

¹⁰ Não mencionamos o processo de leitura sempre que entregamos o texto com antecedência de dois dias da aula no laboratório. Nestes casos, sugerimos que o texto fosse lido em casa.

¹¹ O tópico e seu título foram criados por um aluno (adaptação da questão respondida pelo grupo A).

A avaliação foi feita a partir da verificação dos conceitos emitidos pelos alunos no primeiro texto (pré-teste) e a análise do conteúdo de sua produção textual no segundo texto (pós-teste).

Os parâmetros foram o uso de uma terminologia mais de acordo com os textos lidos, a compreensão dicotômica de língua heterogênea e norma-padrão e o interesse pelo tema do preconceito linguístico.

O conteúdo variedades linguísticas é apresentado pelo livro didático adotado na escola sede da pesquisa em apenas um capítulo, o qual propõe que o aluno identifique exemplos de variedades linguísticas e os atribua a diferentes grupos sociais. Em outros capítulos, há pouco enfoque na questão da variação linguística. De qualquer modo, os alunos cursavam o segundo ano e deviam ter estudado esse capítulo no ano anterior durante o primeiro ano.

Os PCNEM preconizam abordagens sobre língua e linguagem que consideram os fatores geográficos, de gênero, idade, profissão e status social do falante, englobando, todos os aspectos socioculturais. De acordo com os PCNEM, a abordagem das variedades linguísticas almeja conduzir o aluno a adequar os recursos expressivos às diferentes situações comunicativas. A questão não é de erro, mas de utilização adequada da linguagem. É preciso saber escolher o modo de expressão pertinente com a intenção de comunicação, o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige.

Ao pensar nos pressupostos do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula e nas condições de trabalho da rede pública de ensino do Estado, integrados, em parte, aos objetivos atrelados às especificidades de uma pesquisa acadêmica, optamos pelo que seria mais acessível a outros professores da rede: uma seleção de textos a partir da proposta pedagógica de livros didáticos avaliados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Os critérios para avaliação do livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio, apresentados no Edital de convocação para inscrição das editoras interessadas a configurarem no catálogo do PNLEM, sugerem observar: a) "o processo de apropriação da linguagem escrita pelo aluno, assim como das formas públicas da linguagem oral – o mais complexo e variado possível"; b) "o desenvolvimento da proficiência da norma-padrão, especialmente em sua modalidade escrita, mas também nas situações orais públicas em que seu uso é socialmente requerido"; c) "a prática de análise e reflexão sobre a língua, na medida em que se fizer necessária ao desenvolvimento da proficiência oral e escrita" (COELHO, 2007).

Esses critérios são inseridos nos livros didáticos por seus autores em níveis diferenciados. O livro didático utilizado por nós foi um dos mais adequados a tais critérios de acordo com a avaliação do MEC, e na pesquisa de Coelho (Ibid) o objeto foi o tratamento da variação linguística nos livros didáticos do Ensino Médio. Portanto, ao escolhermos os textos que seriam lidos ao longo das aulas, consideramos todas essas observações. A maioria dos textos sugeridos no cronograma foi selecionada do livro adotado pelos professores da escola, *locus* desta pesquisa, para ser utilizado durante três anos consecutivos, quando haverá nova escolha.

Além dos textos selecionados do referido livro didático, adaptamos entrevistas publicadas em revistas de magazines¹², que trazem temas atuais, e, na oportunidade, entrevistas com personalidades importantes no contexto da sociolinguística e do ensino do português brasileiro.

O interesse pela pesquisa experimental em duas turmas distintas de alunos se deu pela necessidade de se realizar um estudo comparativo como se percebe através dos objetivos específicos traçados previamente.

Realizamos uma observação de todo o contexto de ensino e de aprendizagem em que se situavam os sujeitos no momento das abordagens do tema variedades linguísticas durante esta experiência. No Ensino Médio, acredita-se que os alunos já possuem certo amadurecimento linguístico, ou seja, as condições relativas aos processos de reflexão sobre língua e linguagem. Isso pelo fato de já terem passado pelo ensino fundamental que, em seus PCN, prescrevem uma abordagem de língua heterogênea e plural a depender de fatores socioculturais. No entanto, é comum observarmos que os alunos oriundos do Ensino Médio desconhecem noções básicas de variação, a abordagem dada à variação linguística carece de uma adequação. Na maioria dos casos, reforça-se o preconceito linguístico e aumentam-se as barreiras entre as variedades trazidas pelos falantes (alunos) e a gramática normativa ensinada na escola como única possibilidade legítima de uso da língua.

¹² Nestas revistas, os textos escritos possuem uma linguagem mais simples. São, por isso, considerados mais apropriados para o contexto didático com alunos mais jovens. A variação linguística é um tema metalinguístico, e, neste caso, é conveniente salientar a variação observada entre as revistas científicas, lidas por especialistas de áreas específicas e as revistas de divulgação científica em que os artigos são destinados ao público leigo e/ou interessado em tais leituras. As revistas de magazine, no contexto abordado, são aquelas que, além de divulgar ciência, trata de assuntos de ordem política, econômica e cultural.

3.4 Perfis dos grupos envolvidos na investigação

Distribuímos 16 questionários com o objetivo de coletar informações para a elaboração do perfil dos grupos. Todos os alunos entregaram o questionário respondido entre 10 e 20 minutos.

Cada grupo é constituído de 8 alunos. O grupo A de alunos entre 15 e 18 anos. O grupo B com idades entre 16 e 18 anos. O grupo B questionou o período do desenvolvimento da pesquisa ao ser informado da proposta de quatro meses. Os componentes alegaram falta de tempo para outros conteúdos considerados essenciais porque faziam parte do Programa Seletivo Seriado (PSS) da UFAL. A maioria dos alunos pertencentes aos dois grupos desconsiderava as variedades linguísticas como conteúdo de ensino com relevância para concursos e exames.

Verificamos nas fichas de matrícula dos alunos, que se encontram na secretaria da escola, ser todos provenientes de comunidades de classe média baixa, sendo moradores do mesmo bairro em que se localiza a escola. Esta última informação constatamos também através de questionário: nele identificamos em ambos os grupos características bastante homogêneas, levando-se em conta sexo, moradia, situação escolar, dentre outros aspectos a serem vistos posteriormente. Pertencem ao sexo feminino 56% contra 44% do masculino.

Em relação à situação escolar, 93,75% concluíram o ensino fundamental em 2006, enquanto 6,25% o fizeram no ano de 2005, verificado nos dois grupos de alunos analisados. Sobre o tipo de escola, constatou-se que 12,5% dos alunos do grupo A estudaram ao longo de todo o ensino fundamental em escola pública. Outros 50% fizeram a maior parte de seus estudos na rede pública. 25% dos alunos disseram ter estudado a maior parte do ensino fundamental em escola particular e 12,5% cursaram todo o fundamental na rede particular de ensino.

O grupo B apresenta 87,5% dos alunos como estudantes que cursaram o ensino fundamental totalmente em escola pública e 12,5% cursaram a maior parte em escola pública. Em nosso questionário, para levantamento dos dados aqui apresentados, os alunos foram abordados sobre suas perspectivas após o Ensino Médio e assim se revelaram: 75% do grupo A pretendem trabalhar e estudar; 12,5% desejam apenas trabalhar e 12,5%, apenas continuar a estudar. O grupo B apresentou-se unânime ao assinalar o item trabalhar e estudar, apresentando, assim, 100%. Esse resultado do grupo B revela-nos que se trata de um grupo interessado na colaboração mais iminente com o

orçamento doméstico de suas famílias. A constatação cada vez mais óbvia entre os alunos do Ensino Médio é a de que estes precisam trabalhar cada vez mais cedo, apesar do interesse e da necessidade da continuação de seus estudos.

3.4.1 Perfil sociolinguístico

Situar a produção verbal (oral e/ou escrita) de um falante em culta ou popular nunca foi fácil. Era comum a mistura de critérios sem distinção das variedades regionais, socioletais ou até mesmo funcionais. Segundo Bortoni-Ricardo apud Bagno (2005, p. 168), “não se levavam em conta as características distintas das modalidades oral e escrita e dos gêneros discursivos”.

Para amenizar este e outros problemas, a autora propôs um modelo de análise das variedades linguísticas que são compreendidas: no continuum rural-urbano, no continuum oralidade-letramento e no continuum de monitoração estilística. Neste trabalho, situa-se cada aluno em função de seus antecedentes (onde nasceu e residiu na infância, lugares em que morou ao longo da vida), ou seja, enfatizamos o continuum rural-urbano. Desse modo, verificou-se que 62% dos alunos do grupo A nasceram em Maceió; 25%, no interior e 12,5%, no sudeste do Brasil. O grupo B revelou que 81,25% são naturais de Maceió; 12,5% nasceram no interior e 12,5%, em outra cidade do nordeste. Em relação à moradia, ambos os grupos apresentaram baixa migração. No caso do grupo A, 100% dos alunos nunca saíram da capital, Maceió. O grupo B contou com 75% nascidos na capital; 25% nasceram no interior e, posteriormente, mudaram-se para a capital.

Os dados dos alunos diferenciaram-se de seus pais em que do grupo A 37,5% nasceram e moraram até o momento da aplicação do questionário de entrevistas na capital; 37,5% nasceram no interior e, só depois de alguns anos, mudaram-se para a capital; 25% dos alunos do grupo A não souberam responder o quesito sobre a moradia dos pais; o grupo B revelou que apenas 12,5% de seus pais nasceram e cresceram na capital; 12,5% viveram entre a capital e o interior; 62,5% nasceram no interior, mas, atualmente, moram na capital; 12,5% não souberam responder à questão.

Os resultados inferiram que ambos os grupos de alunos escolhidos por sorteio representam uma comunidade de alunos cuja maioria não passou pelo estigma da repetência, estudou sempre em escola pública, pretende trabalhar assim que concluir o Ensino Médio e é falante do contínuo rural-urbano pelo menos em relação aos pais.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, apresentamos as análises dos conceitos revelados pelos sujeitos (alunos) antes, durante e depois das abordagens em sala de aula e no Orkut; o espaço e o tempo em que foram efetivadas as atividades em sala de aula convencional e no laboratório de informática; e a correlação de novos conceitos apreendidos pelos discentes de ambos os grupos participantes da pesquisa, para alcançarmos o objetivo de investigar estratégias de abordagem dos conceitos sobre variedades linguísticas e sua viabilidade, com o fim de despertar o interesse dos alunos pelo estudo do respectivo tema em interface com a cibercultura.

4.1 As idiossincrasias sobre língua reveladas no pré-teste

No primeiro contato com a turma, antes de iniciarmos as atividades de leitura, realizamos o pré-teste com os alunos, na oportunidade da aplicação do questionário para elaboração do perfil da turma. A última questão do referido instrumento serviu como proposta para a elaboração de um pequeno texto (Apêndice A).

Quadro 5. Proposta para elaboração do 1º texto (pré-teste)

Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.
--

Fonte: instrumentos da pesquisa

A expressão "linguagem" indica uma faculdade humana, ou seja, a faculdade de usar signos com objetivos cognitivos. É ela quem caracteriza a espécie humana como *homo sapiens*, isto é, como um sujeito reflexivo. A expressão "língua" refere

uma das tantas formas de manifestação concreta dos sistemas de comunicação humanos desenvolvidos socialmente por comunidades lingüísticas e se manifesta como atividades sócio-cognitivas [*sic*] para a comunicação interpessoal (MARCUSCHI, 2005, p. 22).

Partindo da definição do autor citado, o conceito de linguagem é universal, enquanto que a língua é uma manifestação particular. A perspectiva maior do trabalho de Marcuschi (2005) refere-se a qual o lugar que a oralidade pode ocupar nos livros didáticos, sendo a língua tratada como um instrumento de comunicação homogeneizado, ou seja, desvinculada dos usuários, semanticamente autônoma e a-histórica.

Ao sugerirmos que os alunos escrevessem a partir da proposta (quadro 5), não supúnhamos que se detivessem na terminologia usada, mas que conseguissem expressar suas ideias sobre o assunto. Por isso, o interesse pela terminologia empregada no tratamento das variedades linguísticas refletiu esta justificativa: não intencionamos influenciar os alunos a usarem os termos "língua" ou "linguagem", mas é importante ressaltar que, neste momento do pré-teste, eles não tinham uma referência, uma leitura precedente. Obviamente, a tendência seria a de utilizarem a nomenclatura do texto antecedente, que, neste caso, foram os termos "linguagem popular" e "linguagem culta" usados na proposta. No entanto, não referimos quem utilizou essas nomenclaturas à categoria "terminologia/a mesma dos textos lidos". Neste caso, julgamos mais pertinente referi-las à categoria "terminologia/a mesma do senso comum".

Justificamos o emprego dos termos "linguagem popular" e "linguagem culta" por serem os mais conhecidos pelos alunos, uma vez que são também os mais empregados pelos autores de livros didáticos e aparecem frequentemente nos enunciados dos exames de vestibulares.

Sobre a diferenciação entre língua e linguagem, todo livro didático de português traz uma abordagem, geralmente, numa seção de meia página. Mas, cotidianamente, os dois termos são sinonímicos.

Nesta etapa do trabalho, fizemos um comparativo entre os grupos, contudo não convêm quaisquer análises detalhadas desses dados comparados, uma vez que ambos estiveram nas mesmas condições de produção em sala de aula e ainda não havíamos iniciado as atividades didático-pedagógicas.

As análises comparativas serão feitas após a descrição e análise das abordagens sobre o conteúdo variedades linguísticas. Compreenda-se por abordagem: o que se lê nos textos; o que se pergunta a partir dos textos; o que se apreende dos textos; e a partir de quais estratégias tudo isso se viabiliza.

Tabela 1. Categorias semânticas elaboradas a partir das idiossincrasias reveladas pelos alunos na produção de texto utilizada como pré-teste. (Alunos registrados de 1 a 8 formaram o grupo A e de 9 a 16, o grupo B).

Categorias verificadas	Verificação das categorias	Sujeitos (alunos)	Grupo A	Grupo B	Total
Terminologia	A mesma dos textos lidos				
	A mesma do senso comum	2, 3, 4, 6, 8, 9, 12,13, 14, 16	5	5	10
	Confunde os termos	1, 5, 7,10, 11, 15	3	3	6
Compreensão da variação linguística	Evidencia a presença de variabilidade linguística <i>versus</i> norma-padrão				
	Não distingue variedades linguísticas de norma-padrão	12, 13, 15	0	3	3
	Não menciona o fenômeno	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 16	8	5	13
Preconceito linguístico	Apresenta proposta de combate ao preconceito		0	0	0
	Apenas menciona o assunto	9, 10	0	2	2
	Não menciona o assunto	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15,16	7	6	13
	Demonstra preconceito em seu texto	1	1	0	1

Fonte: dados da pesquisa

O pré-teste mostrou que a terminologia empregada na abordagem da variação linguística pode influenciar o aluno na sua produção textual. 62,5% dos sujeitos do grupo A, que não participaram da experiência no Orkut, como também, do grupo B, que participaram da experiência no Orkut, utilizaram as expressões “linguagem culta” e “linguagem popular” em seus textos. Percebemos o quanto esse resultado foi homogêneo pela correlação destes números com as respostas ao item “confunde os termos”; ou seja, a mesma quantidade de alunos (37,5%) ao se referirem à gíria, por exemplo, usaram a expressão “linguagem popular”. Em síntese, o que é “certo” na língua é “linguagem culta” e o que é “errado” é “linguagem popular”.

Esse aspecto verificado relaciona-se ao fato de os alunos não terem compreendido o conceito de língua além do senso comum, quer dizer, de que a língua é o conjunto das regras existentes na gramática normativa. Constatamos isso, a partir dos dados evidenciados no grupo A, dos quais 100% deixaram de apresentar quaisquer ideias contrárias à visão purista da língua. No caso do grupo B, 62,5% também não mencionaram. 37,5% do grupo B reconhecem a variação linguística, mas atribuí à norma padrão o *status* de "variedade certa" em contraponto às variedades linguísticas presentes no uso real dos falantes. Sobre o preconceito linguístico, 25% dos alunos do grupo B mencionaram ter algum conhecimento sobre o fenômeno. No grupo A, não houve nenhuma representação nesse sentido, ao contrário, 12,5% dos alunos demonstraram preconceito linguístico em seus próprios textos. No grupo B, 25% dos discentes mencionaram conhecer o fenômeno do preconceito.

O próximo passo foi avaliarmos os textos que constituiriam o conteúdo principal dos momentos planejados, com o objetivo de provocar uma reflexão crítica sobre alguns pressupostos a respeito da língua e seus diversos usos. Optamos pela concepção de língua heterogênea e plural como profissionais que somos do ensino e da educação de língua materna: a língua viva, constituída, nas interações sociais, em transformação constante.

4.2 Abordagens das variedades linguísticas nos textos lidos pelos alunos

A partir das considerações feitas no primeiro capítulo desta dissertação, julgamos mais adequado apresentar primeiramente as principais abordagens empregadas pelos autores dos textos, referindo-se à temática das variedades linguísticas.

Apresentamos fragmentos desses textos, apreciando o conceito de que a leitura é o veículo principal de acepção do vocabulário. A partir do hábito de ler, o indivíduo adquire seu estilo linguístico, ou parte dele, sem nenhuma espécie de exercícios de memorização de regras ou nomenclaturas. Ao selecionarmos os textos, assumimos o interesse de desmistificar o conceito singular de língua. Para isso, buscamos trabalhar com a exposição de pontos de vista diferentes; e os textos atingem este objetivo pelo antagonismo de ideias que seus autores apresentam em seus argumentos. A terminologia empregada ainda é difusa, mas o que devemos observar, neste ínterim, não é o termo em si, mas a sua significação criada pelo contexto.

O fragmento de texto a seguir apresenta o conceito de língua e norma em conformidade com as recentes discussões teóricas: a primeira é natural; a segunda foi criada, inclusive, para fins burocráticos. O que pretendemos salientar aqui é o fato de a abordagem possuir um tom criterioso, baseado nos estudos históricos (Anexo 5).

Quadro 6. Fragmento do texto 5

MICAELLA PIVETTI Existe um aprendizado que não necessariamente é natural. Em todas as culturas, aprender a falar corretamente é uma coisa ensinada, existe uma norma. Isso seria elitizar pela língua, ou seria uma questão de todo mundo poder ter direito a uma boa educação, com bons professores e um bom método?

Existem os casos mais gerais das culturas ocidentais e o caso específico do Brasil. O aprendizado da língua se dá naturalmente fora da escola, aqui nesta roda todo mundo aprendeu a falar em casa com os pais, com os vizinhos, com os amigos. A língua se aprende na interação social, na infância, com as pessoas que estão ali. Evidentemente essa, digamos, língua natural, num determinado momento da história desse povo vai ser arrancada do seu estado natural e transformada naquilo que você chamou de norma. Qual é o estado natural – sempre entre aspas – de uma língua? É que as pessoas das diferentes idades e diferentes gerações falem de maneira diferente, então a variação lingüística, a heterogeneidade lingüística, é o estado natural da língua. Quando você vai estudar uma língua de um povo que não tem escola, não tem escrita, vive numa sociedade ágrafa, é que você vai ver que há uma enorme diversidade lingüística [...].

Fonte: Azevedo et. al (2008)

A continuação do texto corrobora com o seu início, mas requer do leitor um contraponto com outras leituras e possibilidades de visão contraditórias de um mesmo assunto

Quadro 7. Fragmento do texto 5

[...] para poder emitir documentos, produzir as leis, era preciso ter um modelo de língua, então a língua foi retirada da heterogeneidade natural dela e transformada num modelo mais homogêneo, houve essa normatização da língua. No caso específico do português brasileiro, o grande problema é que essa norma é muito rígida, muito obsoleta, muito ultrapassada. Em outros países, que têm sociedades mais democráticas, por exemplo, nos Estados Unidos, a língua inglesa em geral, à medida que vão surgindo novas formas de falar e escrever, essa norma padrão vai incorporando sem muito trauma, os dicionários autorizam e por aí vai. Aqui no Brasil isso não acontece porque é fruto do nosso processo colonial, a tentativa das nossas elites desde sempre de se afastar do vulgo, do populacho, da negriada, da índiada e criar uma casta branca superior, europeizada. E essas benditas formas brasileiras continuam sendo consideradas erros a ser evitados, e vai o Pasquale Cipro Neto vociferar na televisão e na Folha de São Paulo que aquilo ali não pode, que é língua de índio, de pobre, de burro [...].

Fonte: Azevedo et. al (2008)

É importante ressaltar a influência que o programa de televisão “Nossa Língua Portuguesa” (apresentado pelo professor Pasquale Cipro Neto), veiculado pela TV Cultura, exerce no constructo de informações sobre língua adquirido pelo telespectador, na maioria, sem formação sociolinguística. Embora seja considerado um programa educativo, no quesito variação linguística, o programa se distancia do que deveria ser uma das suas principais funções: divulgar a língua portuguesa com respeito às suas variedades. Ao eleger a gramática normativa como forma única e legítima de manifestação linguística, dispondo de um lado o “certo”, de outro, o “errado”, o “Nossa Língua Portuguesa” parece ignorar o que a sociolinguística concebe como língua. E seus telespectadores, influenciados, tornam-se cada vez mais distantes dos conhecimentos sobre a variação linguística.

A leitura do próximo fragmento de texto (Anexo 6) trouxe uma abordagem contrária à apresentada no texto 5 (mostrado no quadro anterior). Uma das propostas da autora do livro do qual retiramos quase todos os textos lidos pelos alunos era possibilitar a leitura de textos diversos. Especificamos que "diversos" foi empregado no sentido de ideias divergentes, outras concepções de mundo e, conseqüentemente, do conceito de língua, de preconceito etc.

Quadro 8. Fragmento do texto 6

Veja – O ex-presidente Fernando Collor errava muito?

Pasquale – e como! O curioso é que muitas pessoas que votaram nele justificaram sua escolha dizendo que o Lula era analfabeto. Ora o Fernandinho detonava a língua. Ele costumava mandar bilhetinhos para seus assessores com erros de concordância. Certa vez escreveu: 'causa-me espanto as repercussões', com o verbo no singular e o sujeito no plural.

Fonte: Sabino (2005, p. 12-13)

Esses textos publicados em revistas de magazine atingem leitores de todas as classes sociais e são formadores de opinião. Onde mais seria pertinente se ler e comentar textos dissertativos com forte teor preconceituoso como esse, senão, na sala de aula? No entanto, é importante frisar que não houve por parte de nós quaisquer comentários em sala que causasse o efeito contrário: como, por exemplo, a intolerância

às idiosincrasias do outro, impondo a nossa opinião. Preferimos que os alunos chegassem por si próprios às suas conclusões através do cruzamento entre as leituras, quem são os autores, o público-alvo, qual é o assunto.

Outra questão abordada nos textos em sala de aula (Anexo1): a discussão dicotômica do português falado em Portugal e no Brasil perpassada mais ou menos entre o nível de importância dado ao tema e a real influência que significativamente exerça na modalidade de língua falada ou escrita pelos brasileiros.

Quadro 9. Fragmento do texto 1

Me perguntam frequentemente se o português do Brasil e o português de Portugal já são línguas diferentes. Os cientistas que encaram a língua como atividade social, um trabalho empreendido pelos falantes nativos em conjunto, por meio do qual eles constroem a identidade cultural de sua comunidade lingüística, respondem sim, brasileiros e portugueses falam línguas diferentes [...].

Fonte: BAGNO (2005, p. 144)

Mas, em contraponto à abordagem não purista de língua, três dos oito textos lidos pelos alunos apresentam uma concepção preconceituosa, além da constatada visão purista da língua. Exemplificamos isso numa pequena transcrição da entrevista cedida a Fernando Sabino pelo professor de português Pasquale Cipro Neto publicada numa revista de circulação nacional e adotada por muitos professores como recurso didático. Salientamos que qualquer veículo de comunicação pode ser uma ferramenta de ensino e de aprendizagem desde que previamente analisada pelo professor.

Quadro 10. Fragmento do texto 6

Certa vez fui ao Maranhão porque me disseram que lá se falava um português menos contaminado. Pura lenda. Acho que, no cômputo geral, o carioca é o que se expressa melhor na norma culta. Ele não come o "s" quando usa o plural, utiliza os pronomes com mais propriedade, não erra tanto nas concordâncias e têm uma linguagem mais criativa.

Fonte: Sabino (2005, p. 12-13)

Para confrontar, o linguista Marcos Bagno assim se pronuncia quando questionado a respeito da língua falada, sem marcas de preconceito (Anexo 5):

Quadro 11. Fragmento do texto 5

Se você quiser conhecer realmente o dialeto de um determinado lugar, você vai entrevistar de preferência um analfabeto, ali que você vai ver realmente como é que se fala naquela região, porque quando a pessoa vai para a escola a escrita já começa a influenciar. A pessoa vai querer falar 'brasileiro', 'beijo', quando no Brasil a gente fala 'brasileiro', 'bejo'. A pessoa quando entra em contato com a escrita, fatalmente a sua maneira de falar acaba sendo influenciada pela ortografia, pela leitura.

Fonte: Azevedo et. al (2008)

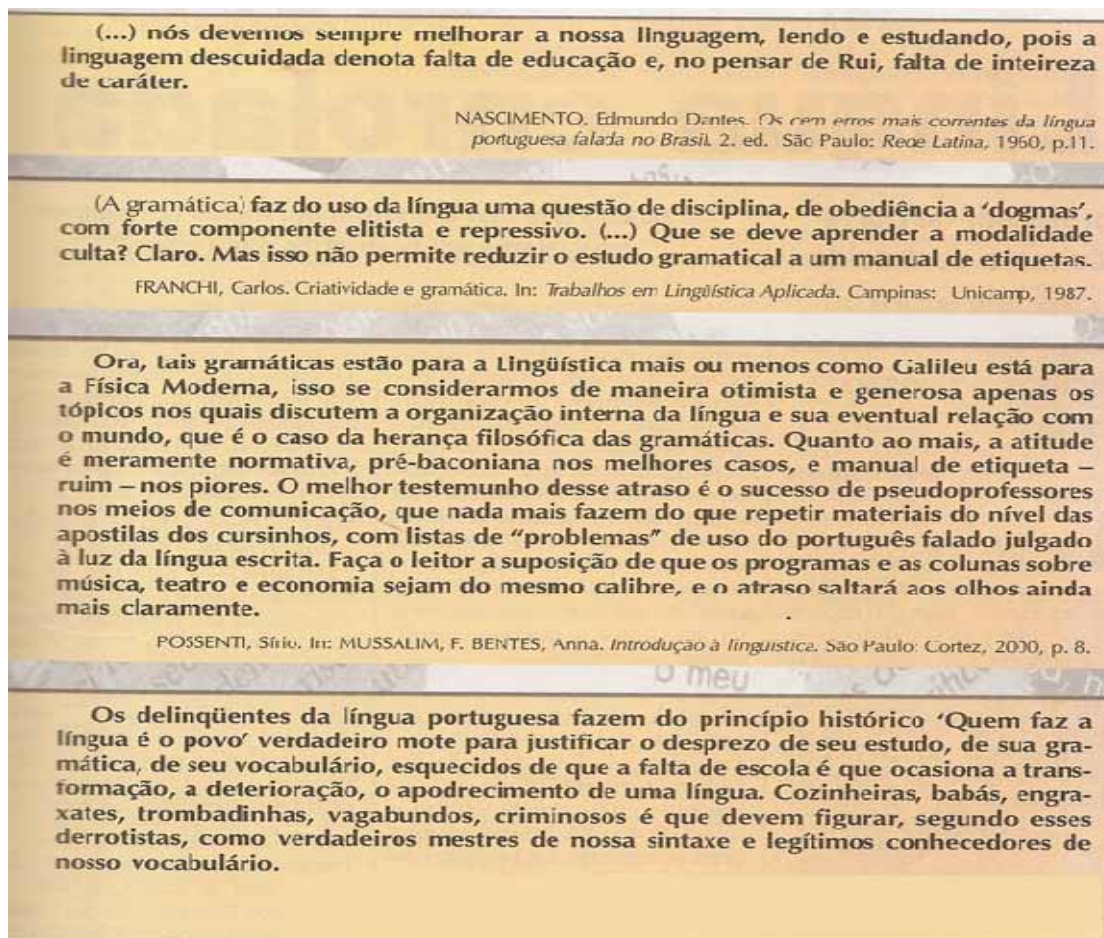
Identificar determinadas variantes geográficas como o melhor português falado é desconsiderar a interferência de uma variante em outra, como vimos acima. Comparar o português falado no Maranhão ou em qualquer outro estado brasileiro atribuindo-lhe conceito de valor é uma visão muito rígida e preconceituosa de língua e linguagem. Além disso, é necessário erradicar as afirmações infundadas de que algumas línguas ou variedades de uma mesma língua são mais "bonitas" ou mais "corretas" que outras.

4.3 Descrição e análise das abordagens sobre o conteúdo variedades linguísticas

Apresentamos algumas citações sobre as concepções de língua de gramáticos e linguistas entre outros educadores de várias épocas da história do português brasileiro como tópico introdutório da temática a ser tratada no decorrer das aulas, ou seja, as variedades linguísticas.

O texto 1 traz algumas citações sobre língua (Anexo 1) escolhidas para dar início a este processo que serviu como pano de fundo para oportunizá-los a manifestarem suas ideias, opiniões, conceitos e preconceitos já previstos por nós, em nossas idiosincrasias, presentes em nossa pragmática, mas carentes de um tratamento descritivo-analítico aqui exposto e sujeito a outros olhares.

Figura 1. Texto 1



Takazaki (2005, p. 111)

Em sala de aula, para o grupo A, as citações foram lidas e comentadas numa estratégia de debate; porém, dominamos quase todo o tópico conversacional, mais por necessidade do que por alguma estratégia planejada. Embora tenhamos começado a aula com o propósito de ouvir e anotar as contribuições dos alunos às discussões sobre a temática textual no quadro de giz, para em seguida comentá-las, sentimos uma grande inércia em fazê-lo diante das evasivas dos alunos. Optamos pela estratégia de insistir nas interações, sem preocupação com o seu conteúdo. Naquele momento, o mais importante era provocar o interesse pelo assunto que estava sendo iniciado.

Em geral, verificamos a temática da dicotomia do erro, do conceito de norma culta e do preconceito linguístico sucintamente apresentada nas citações, mas não esperávamos a compreensão por parte dos alunos a partir apenas dessa abordagem.

Pretendemos oportunizar aos alunos o acesso a pontos de vista divergentes a respeito do assunto abordado para que a partir da relação entre o conhecimento adquirido e outros pressupostos sobre língua pudessem formar suas próprias opiniões, sem atribuímos, contudo, o conceito de certo ou errado em relação a estas idiosincrasias. Apenas detivemo-nos em expor os argumentos aos olhares de todos.

Em outro momento, os alunos leram os textos 2, 3 e 4, respectivamente, *Brasil e Portugal já falam duas línguas diferentes*, de Marcos Bagno; *Jerimum Tresandado*, de Ricardo Valadares; *Narração em Portugal é um show à parte*, de Raquel Santana (Apud Takazaki, 2006).

Nesses textos (Anexos 2, 3 e 4), os autores abordaram as variedades da língua portuguesa em suas especificidades regionais (contraponto com o português falado em Portugal), sociais e temporais (gerações).

No texto 4, o foco é a polêmica de que Brasil e Portugal não falam a mesma língua, ou melhor, as diferenças entre a língua portuguesa falada (e escrita) em Portugal e no Brasil apresentam variedades além do léxico, porém a imprensa comenta preferencialmente a mudança lexical, como se verifica no texto abaixo:

Figura 2. Texto 4



Fonte: Santana (2005, p. 145)

Cada atividade foi dirigida individualmente. Sua temática, a depender da natureza da questão dirigida ao aluno, perpassou pelas categorias de análise, as quais

compreenderam mais especificamente as noções de: variação e mudança linguísticas; "certo" e "errado"; e preconceito linguístico apresentadas a seguir respectivamente, como: estudo da língua portuguesa e variação linguística; erro de português; e questões de preconceito linguístico.

4.3.1 Estudo da língua portuguesa e variação linguística

Distribuímos nesta seção alguns fragmentos de textos dos alunos do grupo A e do grupo B correspondentes em parte a algumas discussões entre as demais postergadas por Marcuschi (2005, p. 24), que, embora se refiram a estudos da fala, aplicam-se ao estudo da língua de um modo geral.

[...] um aspecto central no estudo da fala é a variação. Será de grande valia, pois, mostrar que a língua falada é variada e que a noção de um dialeto padrão uniforme (não apenas no Português, mas em qualquer língua) é uma noção teórica e não tem um equivalente empírico. Assim entre muitas outras coisas, a abordagem da fala permite entrar em questões geralmente evitadas no estudo da língua, tais como as de *variação e mudança*, dois pontos de extrema relevância raramente vistos. Noções como "*norma*", "*padrão*", "*dialeto*", "*variante*", "*sotaque*", "*registro*", "*estilo*", "*gíria*" podem tornar-se centrais no ensino de língua e ajudar a formar a consciência de que a língua não é homogênea nem monolítica.

Neste trabalho, os alunos foram orientados a ler e a comentar (através da fala ou da escrita) os textos distribuídos em sala de aula. A fala e a escrita receberam o tratamento de modalidades de uso da língua igualmente responsáveis pela formação do aluno inserido na sociedade cibernética. Portanto, consideramos as respostas dos alunos nas diversas circunstâncias de produção: em sala de aula, nos eventos de oralidade e letramento; e no Orkut, nos eventos em que ocorre uma escrita nos moldes descritos por Marcuschi (2004, p. 29): "[...] esta escrita tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo".

Nesta e em outras seções é possível notar a inserção do Orkut como uma tentativa de oportunizar a socialização das mensagens e promover a interação síncrona e assíncrona entre os alunos. Pretendíamos ampliar o "espaço" da sala de aula convencional à proporção que objetivávamos uma abordagem reflexiva sobre um determinado conteúdo, principalmente, quando se trata de um tema teórico com implicações empíricas e socioculturais.

Iniciamos as análises do *corpus* coletado durante as aulas, estabelecendo um contraponto entre a estratégia utilizada nos eventos em sala de aula convencional e as abordagens no Orkut. Abaixo, expomos um dos questionamentos (excerto1)¹ dito em sala de aula aos alunos do grupo A; e o equivalente a este (excerto 2) postado no Orkut.

(1) O que é estudar a língua portuguesa? (silêncio) O que é estudar a língua portuguesa para você? Se a pergunta fosse “você gosta de estudar a língua portuguesa” ficaria melhor? Ficaria. Qual a sua resposta?

(2) Para você, o que é estudar a língua portuguesa? Dê sua opinião, mas não se esqueça de observar as opiniões dos outros, certo?

Em sala de aula (grupo A), essa atividade foi subsidiada pela nossa mediação como professora interagindo cara a cara com os alunos. Nota-se o refacimento da pergunta, ou seja, a tentativa de obtenção de uma resposta ao recorrer à subjetividade. No Orkut, pela possibilidade de mediação de um recurso online, sugerimos aos alunos observarem as opiniões do outro. Nas interações cara a cara também é comum sugerir aos alunos que ouçam e prestem atenção às respostas dos colegas, mas o processo natural de emissão e recepção da fala não permite se retomarem as mensagens, salvo em gravações com repetitivas escutas.

De qualquer modo, tivemos clareza da dificuldade de abordagem sobre o estudo da língua comprometido a preservar a subjetividade dos alunos. Não esperávamos frases feitas. Tencionávamos um discurso mais expressivo e representativo das idiossincrasias dos sujeitos que estão em sala de aula há mais de nove anos. Por que não ocorreu? Por que não disseram que estudar a língua portuguesa é ler e escrever de modo cada vez mais sofisticado? Será que cada um destes alunos perceberá isso por si mesmo frente ao papel social imbricado em suas futuras profissões?

Em ambos os grupos, houve pouca participação nesse momento. No grupo A (que não participou do Orkut), a maioria (5/8) dos alunos não se pronunciou. Ao contrário desse resultado, no grupo B (que participou do Orkut), poucos (3/8) deixaram de postar suas respostas. Será que no Orkut os alunos se desinibiram? Constatamos apenas, através dos dados, que os alunos do grupo B foram mais participativos e um pouco mais consistentes em algumas respostas.

¹ Utilizamos excerto ao invés de trecho sempre que mesclamos citações orais e escritas respectivamente do grupo A e do grupo B.

08. A4. Bom... pra mim... Bom, professora, eu acho que é tipo uma... Professora, tipo um desafio [...].

32. A5. É aprender a falar corretamente porque falar todo mundo sabe.

13. É nada mais do que regras normativas, interpretar textos enriquecer o vocabulário e etc.

16. Para mim estudar a língua portuguesa é mais do que um simples estudo. É a contemplação do que eu sou, da minha cultura e da minha identidade como pessoa [...].

Distante dos fatos, questionamos que tipo de resposta específica poderia ser dita pelo aluno 4 diante da pergunta e da circunstância daquele momento. *Um desafio* expressa muito bem o senso comum sobre a língua. Ele não foi específico em relação à resposta esperada para o seu nível de estudo, porém representou a maioria do povo brasileiro, inclusive, escolarizado que não ingenuamente compreende ser o estudo da língua portuguesa difícil, pois corresponde a apreender algo distante do que se fala e se escreve cotidianamente.

Os alunos não revelam nada além do que é reproduzido em sala de aula através do currículo, dos livros didáticos, da prática dos professores. Indubitavelmente, a gramática possui sua função sociocognitiva, mas não se devia exagerar metalinguisticamente como é feito no cotidiano das aulas de língua portuguesa na maioria das escolas brasileiras quando em quase todo o tempo reduz-se o ensino de língua à ortografia e às regras gramaticais. E, curiosamente, há quem perceba isso:

Trecho [1]²

37. A8³. Professora, assim... tipo... é... assim... Porque... muitas coisas que a gente vê assim na língua portuguesa, não vai ajudar a gente. A gente não vai precisar quando a gente crescer... no nosso trabalho... Muitas coisas assim são importantes, mas nem todas são.

Optamos pela não-ratificação da fala da aluna, neste caso, para não antecipar aspectos conceituais de gramática num contexto de discussão que apenas estava em fase inicial. Contudo, foi uma satisfação perceber que aquela aluna possuía uma concepção de língua menos atrelada à classificação de termos gramaticais do que aos mecanismos linguísticos.

² Os trechos são transcrições das gravações das aulas.

³ Turno 37; aluno 8 (Anexo 9)

Sabíamos que estávamos tratando de um assunto polêmico, por isso foi necessária atenção redobrada para não passarmos a ideia de conformação. O objetivo era formar. Porém, sabíamos que não se formam concepções, não se transformam as convicções de um ser humano numa aula ou num período de tempo curto como o que dispusemos – é o que o professor de modo geral dispõe –, para abordar um tema como a variação linguística num formato de conteúdo no Ensino Médio.

Precisávamos primeiro “conquistar” os alunos, trazê-los para momentos de reflexão tão raros na sala de aula. Assim, demos mais um tempo para adentrarmos em questões conceituais, tidas como “as corretas” do ponto de vista dos estudos sociolinguísticos realizados desde as quatro últimas décadas do século passado aos dias atuais. Pretendíamos, em contraponto, deixá-los expressar suas próprias opiniões, suas idiosincrasias a respeito da língua nossa falada e escrita no dia-a-dia.

Trecho [2]

46. P. Nós vamos deixar algumas questões para depois. Até porque os textos que eu vou trazer irão corroborar ou não com algumas questões colocadas por vocês.

Ao inserirmos os textos para leitura em sala de aula, fizemos questionamentos orais, escritos em suporte de papel, no Orkut, a fim de observar posteriormente quais conceitos os alunos revelariam sobre o tema da variação linguística.

À guisa de demonstração de como se seguiram as análises, têm-se, a seguir e, ao longo das demais seções, algumas questões respondidas pelos sujeitos (alunos) desta pesquisa:

Quadro 12. Questão 2 do texto 2

Baseado na opinião que Brasil e Portugal falam línguas diferentes, qual a proposta de Bagno para a nomenclatura da língua portuguesa no Brasil?

Fonte: instrumentos da pesquisa

Grupo A: Português brasileiro.

Grupo B: Para ele a língua falada aqui deve ser chamada "português brasileiro".

A pergunta acima é objetiva "São as P [perguntas] que indagam sobre conteúdos objetivamente inscritos no texto [...] numa atividade de pura decodificação. A resposta acha-se centrada exclusivamente no texto" (MARCUSCHI, 2005, p. 5). Assim sendo, todos os grupos deram respostas semelhantes.

Na próxima pergunta, temos a classificação proposta por Marcuschi (Id. Ibid, p. 55) de que se trata de uma pergunta *subjetiva*, a saber: "Estas P [perguntas] em geral têm a ver com o texto de maneira apenas superficial, sendo que a R [resposta] fica por conta do aluno e não há como testá-la em sua validade". Ou seja, não pretendíamos atribuir juízo de valor às respostas dos alunos, e sim, considerar as suas subjetividades. No entanto, mesmo que superficialmente, uma pergunta elaborada a partir de um texto visa a uma resposta de acordo com o mesmo parâmetro. Assim, desmistificamos um critério de avaliação aparentemente paradoxal: as subjetividades não podem ser mensuradas por si mesmas, mas podem ser confrontadas com o objetivo de (des)estabelecer um constructo. É no contato com o "diferente" que são criadas as situações para isso.

Quadro 13. Questão 3 do texto 2

Vocês concordam com a nova denominação da língua portuguesa que Bagno propõe?
Comentem.

Fonte: instrumentos da pesquisa

Grupo A: Sim! Pois o povo brasileiro é uma nação diferente da de Portugal, com suas culturas e etnias. O Brasil é formado por três culturas diferentes, na qual essa miscigenação designou o brasileiro. Por isso temos o direito de ter nossa própria língua. O português só tem direito infelizmente ao marco da história, ou seja, de colonizador.

Grupo B: sim. Ao termos uma "própria" língua podemos não nos prender no que é considerado como certo pela língua-mãe. E assim podermos variar em nossa forma de expressar.

As opiniões dos alunos convidam-nos a refletir, se, no Ensino Médio, o conhecimento histórico, o qual possui os alunos, é suficiente para a constatação da pluralidade de línguas existentes no Brasil. O que se evidencia é “o direito de se ter nossa própria língua” (grupo A).

Mas é possível que os alunos de ambos os grupos desconheçam o fato histórico de índios massacrados no período colonial pelo Marquês de Pombal para “esquecerem” sua língua, sua cultura e “aprenderem” a língua dos portugueses. Hoje, convivemos com a herança de tal período, uma herança excludente, que teima em não considerar como legítimas as variedades estigmatizadas do português brasileiro (BAGNO, 2003).

Foram apresentados textos dissertativo-argumentativos ainda com a intenção de dar oportunidade aos alunos de se exporem, de se colocarem diante de opiniões diversas sobre aspectos fenomenológicos da língua.

A leitura da entrevista do linguista *Marcos Bagno* à revista *Caros Amigos* foi realizada em três etapas. Na última, foram entregues questões por escrito para serem respondidas em casa e comentadas em outro momento presencial.

Em sala de aula, durante a primeira etapa, comentamos algumas partes, fizemos algumas perguntas aos alunos, mas estes quase não responderam. O principal motivo foi a timidez. Uma aluna do grupo A (grupo que não participou do Orkut), que geralmente participava em sala, fez questionamentos a respeito do conceito de “certo” e “errado” em casos de fala e escrita. Para ela, as pessoas “erram” quando dizem *Vou pra praia* em vez de *Vou à praia*. Como não aceita o *pra*, diz que o correto é *para*. Isso revela a confusão da aluna, pois não distingue uso e contexto de uso no caso da variação fonética entre *para* e *pra*. Nem considera a mudança linguística, como *Vou à praia* que cedeu espaço para *Vou pra (para) praia*. Pelo fato de ambas as preposições *a* e *para* darem ideia de movimento, a tendência popular, guiada pelo sentido e não pelas normas, tem prevalecido na fala e na escrita dos falantes, inclusive cultos. A distinção feita em relação à ação expressa pelo verbo e pela preposição: *ir a* (algum lugar por tempo determinado) e *ir para* (algum lugar e permanecer) já não se percebe na fala nem na escrita da maioria dos falantes cultos.

Outra aluna questionou o fato de o linguista Marcos Bagno afirmar que “nós vai” e “nós vamos” do ponto de vista linguístico não têm nenhuma diferença. Sobre isso, fizemos uma explanação, procurando esclarecer aos alunos a que Bagno se referiu:

Trecho [3]

83. P. O que a linguística quer mostrar... É que essas formas todas são corretas porque são compreendidas. Porque, de acordo com o ponto de vista linguista, o que importa é a comunicação, e não se você utiliza a regra dita gramatical, normativa. Foi nesse sentido que Bagno se colocou também... Aí ele fundamenta a colocação dele justificando que an-ti-ga-men-te não existia a gramática normativa. A gramática normativa foi criada para se estabelecer modos de falar, modos de escrever... Principalmente, de escrever. Para que não houvesse dificuldade no entendimento por conta da enorme variedade de formas. [...] Agora, se você quer ouvir de mim se as duas expressões estão corretas, eu posso dizer que, do ponto de vista linguístico, as duas formas estão corretas. Do ponto de vista da gramática normativa, só a primeira está correta... Porque é o plural do verbo *ir*, o plural do verbo *ir* não é *vai* é *vamos*, *vai* está no singular. [...]

Todo falante possui um conhecimento intuitivo das regras de sua língua. É na escola que o falante se põe diante da explicação de como essas mesmas regras se aplicam aos diversos contextos. É inegável a competência linguística que o falante adquire ao refletir sobre os seus usos da língua em textos orais e escritos.

Sobre isso, esclarece Antunes (2003, p. 98):

É de grande importância que se procure caracterizar, de forma adequada, a norma-padrão [...] mas não como sendo a única norma 'certa'. 'Certo' é aquilo que se diz na situação 'certa' à pessoa 'certa'. [...] as normas estigmatizadas também têm seu valor, são contextualmente funcionais, não são aleatórias nem significam falta de inteligência de quem as usa.

Essas concepções, entre outras, provocam-nos a expectativa de que as noções de "norma" e "variação linguística" sejam ampliadas, discutidas e efetivadas nas estratégias de ensino de língua portuguesa. Para isso, faz-se necessária uma abordagem que confronte opiniões e pontos de vista, mas sempre em busca do conhecimento relevante para a superação das dificuldades que permeiam o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa.

4.3.2 Erro de português

Enfocamos algumas atividades, a fim de provocar a reflexão dos alunos sobre a temática do "erro" na língua, a partir de seus pontos de vista, mas numa perspectiva de

que, mesmo assumidos por eles, essas opiniões pudessem ser provisórias, caso fossem muito contraditórias aos pressupostos sociolinguísticos que nortearam este estudo.

Quadro 14. Questão 1 do texto 5

O que a 1ª parte da entrevista revela sobre a sua língua? (Considere alguma idéia completamente desconhecida até o momento para você).

Fonte: instrumentos da pesquisa

Os alunos do grupo A e do grupo B responderam à atividade acima em suporte de papel (Apêndice C).

A análise geral das respostas a essa pergunta revela que 62,5% do grupo A não compreenderam com clareza as ideias do texto. 37,5% demonstraram compreensão em relação ao conceito de adequação. No caso do grupo B, esse conceito foi percebido por 50% do grupo. 25% esclareceram que a expressão "ponto de vista linguístico" era muito nova para eles e 25% se referiram ao fato de as formas prestigiadas e estigmatizadas serem ambas corretas.

1. Ele revela, por exemplo, como no texto 'nós vamos' e 'nós vai' tem a mesma função na comunicação, mas quando se escreve é muito diferente pelo meu ponto de vista.

13. No decorrer da entrevista, compreendem-se todos os pormenores de âmbito lingüístico, então, no que se refere à forma de falar não há erro desde que o receptor entenda a mensagem transmitida. Mas isso é relativo ao lugar, em que situação, em que cultura, em que sociedade.

O comentário do aluno 1 corrobora com os estudos que apontam para a necessidade de um redirecionamento do tratamento do conteúdo variedades linguísticas em sala de aula. A escrita é concebida pelo senso comum como a representação da fala. Por isso, a escola equivocadamente concebe que a fala deve ser “ajustada” a um modelo de língua que conseqüentemente será mais facilmente espelhada na escrita. O aluno 13, por sua vez, revela a noção de adequação linguística, que situa a fala e a escrita no mesmo patamar de importância para a interação social.

Quadro 15. Questão 1 do texto 2

Vocês concordam ou não com a idéia defendida por Marcos Bagno: “A maioria dos brasileiros rejeita sua maneira de falar, porque tenta ouvir e ver sua língua com ouvidos e olhos do Outro”. Comentem.

Fonte: instrumentos da pesquisa

Os alunos apresentaram respostas distintas descritas em duas categorias: 1ª) A língua do outro é melhor; 2ª) Os meios de comunicação influenciam a língua; 3ª) As línguas são diferentes sem juízo de valor. Em suma, 62,5% do grupo A e 37,5% do grupo B corroboram com a 1ª categoria. 37,5% do grupo A contra nenhum do grupo B estão de acordo com a 2ª categoria. Em contrapartida, nenhum aluno do grupo A considerou a 3ª categoria como uma resposta mais adequada à questão, enquanto que 62,5% do grupo B assim o fizeram.

Sintetizamos o texto lido pelos alunos para uma melhor compreensão: o autor declara que o português falado no Brasil e o de Portugal são línguas diferentes, apenas aparentadas. O termo adotado pela maioria dos pesquisadores para tratar da língua no Brasil é português brasileiro. É inadmissível atribuir às diferenças linguísticas entre o português de Portugal e o português brasileiro o estereótipo de erro; aliás, de um modo geral, não há erro na língua. O autor comenta o comportamento incoerente dos meios de comunicação que publicam manuais de redação com regras obsoletas, enquanto escrevem textos com exemplos criativos e eficientes do uso real do português brasileiro.

Em suma, os alunos do grupo A chegaram à asserção de que o brasileiro não sabe falar sua língua, de que a língua está em decadência, de que o brasileiro valoriza mais outras línguas do que a sua própria língua e os meios de comunicação influenciam toda essa relação. Os alunos do grupo B concordam em parte com essas considerações, mas não mencionam os meios de comunicação e consideram a importância da variação.

Todos leram os textos e expuseram suas opiniões inferidas a partir da leitura. Poderiam ter discordado do autor e apresentado o que prega o senso comum, mas foram quase fiéis, não fosse por deixarem de perceber que o outro ao qual Marcos Bagno se refere no texto é o português, ou seja, o português falado pelos portugueses.

O grupo B compreende o uso da língua vinculado às características culturais e, ao contrário do caráter falacioso do discurso de língua única e invariável, apresenta a possibilidade dos supostos “erros” serem ignorados.

8. Sim! Porque o brasileiro tenta seguir o padrão lingüístico colocado nos meios de comunicação, embora algumas pessoas não compreendam o que se está falando, mas prefere seguir esse padrão para não parecer ignorante [...].

16. Concordo. O Brasil por muito tempo foi considerado um país diferente culturalmente falando. E porque não ser diferente também na língua falada? Compreender que há uma diferença entre as línguas e que os supostos erros devem ser ignorados [...].

Em outro momento, respectivamente no grupo A e no grupo B, fizemos a mesma pergunta da seguinte forma:

P. O que você entende por "erros de português"?

P. Olá, pessoal! Vamos iniciar nossas discussões e estudo sobre a língua portuguesa a partir do seguinte questionamento: o que você entende por "erros de português"?

A pergunta para o grupo A foi feita no contexto de sala de aula durante a leitura do texto. Nestas condições, evidentemente, os alunos têm menos tempo para formular suas respostas; o contexto “cara a cara” também pode provocar inibições. O fato é que apenas 12,5% responderam à pergunta. Enquanto isso, o grupo B, antes de ler o texto, dirigiu-se ao laboratório de informática, leu e respondeu a pergunta. Assim, 100% participaram. A seguir, uma mostra das respostas respectivamente do grupo A e do grupo B:

7. Eu entendo como erro de ortografia, pontuação, acentuação...

14. Os 'erros de português' ocorrem quando se foge à regra, mas em país como o nosso de tantas desigualdades, é preciso levar em consideração quem conhece a regra.

É claro que quem conhece a regra deve usá-la, eu apenas acho que quem não teve a oportunidade de conhecer não deve sofrer preconceito, deve ser respeitado, afinal as pessoas precisam respeitar as diferentes culturas.

O aluno 7 do grupo A sintetizou a noção de "erro de português" da maioria dos alunos independentemente do grupo analisado. Mas a resposta do aluno 14 do grupo B surpreendeu. Ainda não tínhamos distribuído os textos, pois esse momento fez parte das

abordagens iniciais antes das "Citações sobre Língua" que deram início à temática. No entanto, neste aluno, percebemos a noção do que pode ser um trabalho do professor de língua portuguesa, como sugere Bagno (2007, p. 84):

levar o/a aluno/ a tomar consciência da escala de valores que existe na sociedade com relação aos usos da língua: algumas variedades lingüísticas são consideradas mais "bonitas" e "certas" que outras; alguns sotaques são valorizados, outros são ridicularizados; os usos escritos são mais prestigiados que os usos orais etc. – mas atenção: tomar consciência não significa aceitar essa situação de discriminação nem submeter-se a ela!

No tópico "Idéias sobre língua", em que foi feita a pergunta desta seção, realizaram-se algumas tentativas de diálogo com os alunos, mas não houve reciprocidade. Ou melhor, houve menos do que esperávamos. A seguir, expomos uma mostra coletada neste tópico com relação a nossa tentativa de interação:

11. Bom, vejamos erros de português as vezes podem ser abreviações ou podemos nos distrair na quando estivermos digitando ou escrevendo algo... e com isso podemos muitas vezes ser vistos como pessoas sem estudo por causa de uma besteira de nada... Mas as nossas abreviações é que ajuda na maioria dos nossos erros...
P. Seja mais claro, [...]. O que você pretende mesmo dizer sobre abreviações?

Outro aluno, logo em seguida, iniciou seu tópico numa tentativa de contraponto ao aluno 11, mas em seguida corroborou com ele.

10. Bom, erros de português não seria só em escrever errado, mas também em falar com concordância das palavras, entre outras. Mas um dos principais erros seria mesmo na parte de escrever, pois, às vezes, nós nos atrapalhamos com alguns homônimos e parônimos. Mas, devo confessar que me complico muito com alguns. Pronto, está aí minha opinião. Até breve.

O aluno 11 não retoma o comentário do aluno 10 e se detém a responder a nossa pergunta:

11. Por exemplo, Professora... quando estamos digitando ou escrevendo algo nós simplificamos as palavras... blz...inte...ñ...vc...XD...lol... enfim é a linguagem popular entende... ou seja, quando a linguagem culta não é bem empregada... para mim isso é erro de português...
P. Certo, [...] Entendi o que você quis dizer.

Salvo as condições de produção de texto, acompanhamos as opiniões dos alunos do grupo B, mas não interferimos com pareceres positivos ou negativos ao longo das postagens, pois não pretendíamos, neste momento, influenciá-los. Como as contribuições de todos permanecem elencadas no fórum, qualquer intervenção avaliativa do professor, seria decisiva para reforçar o conteúdo das próximas postagens. O aluno 14 do grupo B citado acima foi o 15º a postar sua contribuição e se distinguiu de todos. O caminho que este traçou nossos dados não revelam, porém, de algum modo, o recurso online permitiu-nos num nível de iniciação o que amplamente professores e alunos podem construir ao longo de um curso, da abordagem de um conteúdo etc.: um debate em que haja uma interrelação aluno-aluno, aluno-professor e aluno-conteúdo.

4.3.3 O preconceito linguístico

O preconceito linguístico em relação à fala e à escrita repercute em toda a sociedade, seja nas classes favorecidas ou desfavorecidas. Nesta última, sobretudo, o preconceito não é linguístico. Bagno (2003) afirma que, antes, é social.

O fato é que o referido tema precisa ser abordado na escola, mas não é tarefa fácil. É imprescindível desmistificar alguns conceitos que conduzem ao preconceito linguístico, ou pelo menos, identificar alguns mitos expostos por Bagno (1999): a língua portuguesa é muito difícil; quem não tem escolaridade fala errado; apenas em Portugal se fala bem a língua portuguesa, entre outros.

As questões abaixo conduziram a maioria dos alunos a convergirem suas ideias às do entrevistado. A temática do texto dissemina o preconceito ao invés de combatê-lo, contudo preconcebemos que este texto seria um dos mais pertinentes aos objetivos da pesquisa. Constatamos isso posteriormente.

Quadro 16. Questão 2 do texto 6

Ao longo da entrevista, os argumentos usados pelo entrevistado justificam que o brasileiro fala errado? Por quê?
--

Fonte: instrumentos da pesquisa

Essa questão foi respondida em sala de aula pelos alunos de ambos os grupos. Eles responderam individualmente, mas foi permitida a discussão em dupla e todos tiveram 1h20min para responderem às três perguntas referentes ao texto lido.

No grupo A, 100% disseram "sim", ou seja, que os argumentos do entrevistado justificam que o brasileiro fala errado. Enquanto que, no grupo B, 62,5% disseram "sim", mas os outros 37,5% responderam "não".

Como justificativa, houve pouca variação. A maioria do grupo A está representada a seguir na resposta do aluno 1. E o grupo B pelo aluno 9.

1 - Sim. Porque os brasileiros estão lendo muito pouco, o ensino da língua acabou confiando a professores despreparados, etc.

9 - Sim, porque o ensino de língua portuguesa acabou confiando a professores despreparados para as tarefas e os alunos acabam presos nas regras gramaticais.

Quadro 17. Questão 3 do texto 6

Você concorda com o professor Pasquale quando afirma que os locutores esportivos são uma "tragédia"? Justifique.

Fonte: instrumentos da pesquisa

No grupo A, 37,5% dos alunos disseram "não", e os outros 62,5% disseram "sim". O resultado do grupo B confirmou nossa expectativa de que os alunos começavam a compreender a questão do preconceito linguístico, tecendo um contraponto diante da noção de adequação linguística. Assim, a maioria – 87,5% dos alunos – disse "não", enquanto apenas 12,5% responderam "sim".

6- Não, porque os locutores estão em um ambiente que não exige o uso adequado das normas da língua, eles podem usar expressões que adequam o local em que se encontram, ou seja, expressões esportivas.

15- Não, porque assim como nós jovens inventamos gírias ou mil maneiras de nos comunicarmos, os locutores esportivos também "inventam" suas gírias até para tornar a comunicação mais fácil e de maior entendimento para quem está ouvindo.

Quadro 18. Questão 3 do texto 5

A leitura da entrevista do linguista Marcos Bagno mudou suas idéias sobre língua portuguesa? Justifique.

Fonte: instrumentos da pesquisa

1. Sim, porque realmente é como ele diz o nosso português vem mudando seu conceito com o passar dos tempos, e onde tinha um certo respeito, hoje já não se tem mais, e vemos isso hoje nas feiras, na internet e outros.
2. Sim. Eu não sabia que para conhecer realmente o dialeto de um determinado lugar você vai entrevistar um analfabeto, ali você vai ver como se fala naquela região.
10. Sim, porque ninguém precisa falar como está na gramática, a gente pode falar diferente ou do modo que as pessoas entendam.
15. Sim, [...] a 'língua' se aprende naturalmente! Todos nós aprendemos a falar com nossos pais, vizinhos, amigos e em um determinado momento de nossas vidas ela vai se modificando de acordo com as nossas próprias necessidades cognitivas e interacionais.

No grupo A, que não participou da experiência no Orkut, 37,5% não entenderam o texto, 25% não mudaram de ideia. Outros 37,5% se dividiram entre: deixar de achar o português chato; compreender que a língua real é a do analfabeto; e que não há certo e errado na língua. No grupo B, que participou da experiência no Orkut, 62,5% disseram "sim". O texto influenciou alguma mudança. Os outros 37,5% disseram "não". Entretanto, um dos que disseram "não" justificou assim a sua resposta:

16. Não, porque de certa forma, indiretamente, nós já sabíamos de muitas dessas ideias que Marcos Bagno aborda. Por exemplo, o modo de escrever, onde em Portugal é muito dentro das leis gramaticais, enquanto que isso não acontece no Brasil.

A resposta dada pelo aluno remete ao caminho árduo que a sociolinguística ainda tem a percorrer, e, neste caso, é impossível sem a parceria dos professores nas salas de aula, a fim de desmistificar a convicção arraigada de que só os portugueses é que sabem a língua. Porém, o aluno é coerente em sua fala, pois as classes sociais favorecidas do Brasil disseminam esse preconceito através da mídia, dos discursos de "especialistas" etc.

4.4 Resultados do pré-teste e do pós-teste

Apresentamos o resultado do pós-teste em contraponto ao pré-teste, correlacionando o grupo A, que não participou da experiência no Orkut, e o grupo B, participante, ou seja, o grupo experimental.

Tabela 2. Resumo da análise do pré-teste e pós-teste/resultados

	Verificação das categorias	Pré-teste				Pós-teste			
		Sujeitos (alunos)	Grupo A	Grupo B	Total	Sujeitos (alunos)	Grupo A	Grupo B	Total
Terminologia	A mesma dos textos lidos					1, 5, 6, 10, 11, 13,14, 15,16,	3	6	9
	A mesma do senso comum	2, 3, 4, 6, 8, 9, 12,13, 14, 16	5	5	10	2, 3, 4, 7, 8	5	0	5
	Confunde os termos	1, 5, 7,10, 11, 15	3	3	6	9, 12	0	2	2
Compreensão da variação linguística	Evidencia a presença de variabilidade linguística <i>versus</i> norma-padrão					5, 6, 10,11, 12,13, 14,15, 16	2	7	9
	Não distingue variedades linguísticas de norma-padrão	12, 13, 15	0	3	3	3, 1, 7, 8, 9	4	1	5
	Não menciona o fenômeno	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 16	8	5	13	2, 4	2	0	2
Preconceito Linguístico	Apresenta proposta de combate ao preconceito		0	0	0	6, 10,11, 13,14, 15, 16	1	6	7
	Apenas menciona o assunto	9, 10	0	2	2	1, 3, 12	2	1	3
	Não menciona o assunto	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16	7	5	12	2, 4, 5, 7, 9	4	1	5
	Demonstra preconceito em seu texto	1	1	0	1	8	1	0	1

Fonte: dados da pesquisa

Acima, apresentamos uma tabela representativa do resultado das análises do pré-teste e do pós-teste. O grupo A (controle) e o grupo B (experimental) foram distintos,

como dissemos em outra seção, da seguinte maneira: a enumeração de 1 a 8 identifica os alunos do grupo A e de 9 a 16, os alunos do grupo B. Distribuimos os conceitos revelados pelos alunos nas categorias definidas no planejamento. A seguir, apresentamos a análise dos resultados a partir dessas categorias, ao totalizarmos os alunos de ambos os grupos de acordo com os critérios pré-definidos para este fim.

Tabela 3. Categoria semântica denominada terminologia

		Pré-teste			Pós-teste		
		Grupo A	Grupo B	Total	Grupo A	Grupo B	Total
	Verificação das categorias						
Terminologia	A mesma dos textos lidos				3	6	9
	A mesma do senso comum	5	5	10	5	0	5
	Confunde os termos	3	3	6	0	2	2

Fonte: dados da pesquisa

Utilizando como parâmetro de avaliação a categoria “Terminologia/a mesma dos textos lidos”, alcançamos o resultado de ambos os grupos no pós-teste. De acordo com a tabela, verifica-se que o grupo B alcançou um resultado 40% melhor que o grupo A.

Os dados nos revelam que abordar questões de adequação linguística sem questionar os conceitos ideológicos implícitos na terminologia empregada para tal fim constitui-se numa omissão desnecessária no Ensino Médio.

Contudo, salientamos que não se trata apenas de atribuir nomes diferentes para um mesmo fenômeno; a dificuldade em sala de aula, na abordagem do conteúdo variedades linguísticas, é construída no emprego confuso da terminologia. Os usos de “norma culta” e “norma-padrão” é um bom exemplo.

Tabela 4. Categoria semântica denominada compreensão da variação linguística

		Pré-teste			Pós-teste		
		Grupo A	Grupo B	Total	Grupo A	Grupo B	Total
	Verificação das categorias						
Compreensão da variação linguística	Evidencia a presença de variabilidade linguística <i>versus</i> norma-padrão				2	7	9
	Não distingue variedades linguísticas de norma-padrão	0	3	3	4	1	5
	Não menciona o fenômeno	8	5	13	2	0	2

Fonte: dados da pesquisa

O parâmetro de avaliação para “Compreensão da variação linguística” foi: “Evidencia a presença de variabilidade linguística *versus* norma-padrão”. Segundo a tabela acima, verifica-se que o grupo B alcançou um resultado 62,5% melhor que o grupo A.

Tabela 5. Categoria semântica denominada preconceito linguístico

		Pré-teste			Pós-teste		
		Grupo A	Grupo B	Total	Grupo A	Grupo B	Total
	Verificação das categorias						
Preconceito Linguístico	Apresenta proposta de combate ao preconceito	0	0	0	1	6	7
	Apenas menciona o assunto	0	2	2	2	1	3
	Não menciona o assunto	7	5	12	4	1	5
	Demonstra preconceito em seu texto	1	0	1	1	0	1

Fonte: dados da pesquisa

Em relação à noção do que é preconceito linguístico e das suas implicações socioculturais, os alunos do grupo B apresentaram um resultado 62,5% mais positivo

que os alunos do grupo A, tendo como parâmetro a categoria “Apresenta proposta de combate ao preconceito”.

Consideramos nesse resultado que não houve nenhuma intenção implícita nem explícita presente no enunciado das propostas de produção textual do pré-teste e do pós-teste que influenciasse os sujeitos da pesquisa a mencionarem questões de preconceito linguístico. Portanto, atribuímos os resultados alcançados ao trabalho de abordagem do conteúdo realizado posteriormente ao pré-teste.

Para exemplificar como se deram as análises e os seus critérios, selecionamos dois textos do pré-teste e dois textos do pós-teste de alunos do grupo A e do grupo B, respectivamente. Aqui não se pretendeu apresentar níveis variados de resultados, mas uma mostra da compreensão do tema em estudo tanto representativa do grupo A quanto do grupo B.

Utilizamos o seguinte critério: o texto inicial (antes das abordagens sobre variedades linguísticas) e o final (depois das abordagens) de dois alunos respectivamente do grupo A e do grupo B. Fizemos a transcrição ortográfica. Não foram feitos cortes nem correções de nenhuma categoria; mantiveram-se os originais (Anexo11).

Apresentamos aos alunos, em momentos distintos, há cerca de quatro meses de espaçamento de uma para outra, duas propostas de produção de texto. A primeira constou do próprio questionário para elaboração do perfil da turma (Apêndice A). A segunda foi a última atividade dos alunos em sala de aula.

A proposta apresentada aos alunos para essa produção textual foi elaborada por nós, exclusivamente, para ser aplicada como pós-teste. Para isso, inspiramo-nos no poema de Oswald de Andrade.

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

<http://recantodasletras.uol.com.br>

Quadro 19. Proposta para elaboração do 2º texto (pós-teste)

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) *versus* o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Fonte: instrumentos da pesquisa

Selecionamos como amostra das produções (pré-teste e pós-teste) dois textos entre os considerados de maior notoriedade pela abordagem dada pelos alunos-autores a respeito da temática da variação linguística tanto do grupo A quanto do B. O aluno 6 (grupo A) e o aluno 16, (grupo B). Nosso objetivo, nesta amostra, distancia-se totalmente da comparação entre grupos. Aqui, pretendemos tão somente apresentar uma análise de tais textos, a fim de demonstrar o processo de evolução dos alunos, independentemente, de nossa intenção comparativa que se procedeu no âmbito geral deste trabalho.

4.4.1 Análise do primeiro texto do aluno 6

O aluno inicia o texto em primeira pessoa e apresenta os conceitos de linguagem popular e culta com a propriedade que se espera de um aluno neste nível de formação:

Entendo que a linguagem popular é aquela que falamos no dia a dia, que nos acostumamos a falar por estar no meio de uma sociedade que tem aquela forma de linguagem. Já a culta, aquela que seja talvez a forma certa de falar, que nos preocupamos em falar quando estamos em público.

Observa-se claramente que o aluno situa a linguagem no âmbito de sua cultura, que é uma manifestação livre que se dá no processo natural de interação entre pessoas conhecidas, mas também identifica outras variedades. Chamou a atenção o uso do ‘talvez a forma certa de falar’. Esta dúvida se justifica no próximo trecho:

No meu cotidiano, vejo as pessoas falarem de uma forma culta, somente quando estão falando em público, dando palestras, seminários, na TV ou pessoas da classe alta que tiveram bom estudo para ser uma pessoa culta. “Já a linguagem popular é mais fácil de ver

no dia a dia, quando estamos entre amigos ou família, porque já se acostumaram com aquela linguagem popular.

Aqui se evidencia a concepção de “culto” como algo próprio dos falantes com grau de instrução superior associado à classe social mais favorecida. O aluno finaliza o seu texto assim:

Procuro às vezes tentar falar de uma forma culta também quando falo com pessoas que não conheço, ou quando falo em público, mas quando estou entre amigos não me preocupo em falar uma linguagem culta, que é o caso de muitas pessoas.

O texto apresentou uma concepção de língua heterogênea a depender de fatores sociais e contextos de uso, e o aluno-autor demonstra conhecimento sobre adequação linguística ao revelar que procura falar de modo culto com pessoas que não conhece. Ainda que não mencione qual o seu comportamento em relação à escrita, é possível verificar em seu próprio texto.

4.4.2 Análise do segundo texto do aluno 6

Neste segundo texto, depois das leituras realizadas em sala de aula e/ou em outros ambientes, o aluno-autor amplia a sua concepção de língua aos usos também da escrita. É possível inferir suas ideias sobre o uso da gramática normativa, como se observa no trecho:

As pessoas hoje em dia se preocupam muito com a questão da língua portuguesa, seja ela falada ou escrita. Querem seguir rigorosamente a norma-padrão da língua, tentando tornar a língua impecável diante da gramática, gerando então preconceitos linguísticos com relação às leis gramaticais.

Inferimos que, segundo o aluno, gerar “preconceitos linguísticos com relação às leis gramaticais” é confundir variedades linguísticas com norma-padrão. Ao esperar que o uso linguístico seja de acordo com o que determina a gramática, sem qualquer consideração pelo contexto sociocultural do falante, reforça-se o preconceito fundamentado na concepção de que há usos “certos” e “errados” de uma mesma língua. Sobre isso, o aluno questiona baseando-se no poema motivador de sua produção:

A questão acima “dê-me e “me dá” ambos os termos não têm nenhuma diferença no sentido da mensagem, embora estejam escritos diferentes gramaticalmente, mas se fôssemos avaliar de acordo com a norma-padrão, “dê-me” estaria correto. Por quê? As duas transmitem a mesma mensagem e pode-se compreender claramente, mas por causa das normas gramaticais só uma está correta?

Vimos a noção de “certo” e “errado” muito bem desmistificada no trecho acima. A língua é plural, com variedades, todas inteligíveis. Compreender que há uma forma prestigiada não é mérito apenas das pessoas com um grau maior de escolaridade. Mas questionar a norma-padrão e suas implicações presentes no preconceito linguístico é um avanço no processo de reflexão e adaptação linguística sob uma ótica de não segregação social.

Na minha opinião, são essas normas que impõem diferenças e preconceitos linguísticos, fazendo, assim, com que as classes busquem usar com rigor essas leis gramaticais para tornar a língua mais culta.

Para este aluno, se não existissem normas, não haveria preconceito. Se a gramática impõe um modelo difícil de ser seguido por todos, independente de classe social, compreende-se que é o uso linguístico de acordo com essas normas que torna uma língua culta, e não o uso que as pessoas consideradas cultas fazem da língua. Esta observação representou consistentemente a opinião do senso comum, porém, o aluno prossegue sua reflexão:

Mas se o dois termos estão transmitindo claramente uma mensagem só, então não poderia estar uma errada, com isso se as pessoas parassem para pensar nisto, não haveria nenhum problema de usar “me dá” tanto na linguagem escrita como na falada, basta apenas ter uma comunicação clara e objetiva, sem regras, para que nas classes prestigiadas e desfavorecidas não exista esse preconceito linguístico e que todos tenham “liberdade” na escrita e no uso da sua língua.

O fato de o aluno ter utilizado as aspas na palavra “liberdade” suspendeu quaisquer hipóteses da defesa de liberação indiscriminada da língua, da lei do “vale tudo” desde que se compreenda. Ao escrever “basta apenas ter uma comunicação clara e objetiva, sem regras” pode ter parecido contraditório, mas o que se defende, na realidade, pela ênfase de liberdade linguística dada no texto, é o combate ao preconceito linguístico.

Concluimos o distanciamento da nomenclatura conhecida antes das abordagens sobre variação linguística neste trabalho ao utilizar uma terminologia de acordo com os textos lidos. O aluno demonstra conhecer diferenças significativas entre gramática normativa e variedades linguísticas e apresenta proposta de combate ao preconceito linguístico. Sobre a terminologia empregada, é importante frisar que, por não ter havido ao longo das aulas uma abordagem mais precisa sobre a diferença entre variantes e variedades, o aluno, ao se referir a variedades linguísticas, está tratando no contexto em que ele situa seu argumento das variantes “me dá” e “dá-me”, ambas utilizadas por pessoas de todas as classes sociais.

4.4.3 Análise do primeiro texto do aluno 14

De acordo com a proposta de produção de texto apresentada, a aluna inicia o texto tratando da linguagem em vez da língua. Mas o importante é que se situa como falante consciente de que sua língua varia conforme o seu contexto sociocultural e de seu interlocutor.

No cotidiano, a linguagem varia conforme haja a necessidade. Há muitas formas de expressão e a linguagem popular nem sempre é a mais conveniente, dependendo de com quem se fala, e de que carga de conhecimento essa pessoa possui.

Em um grupo de estudantes, é normal o uso da linguagem popular, o uso das gírias em conversa entre jovens é um sinal de que se está na moda.

O uso da linguagem culta, porém é mais comum entre pessoas maduras e com grau de instrução elevado.

Ela conclui seu texto abordando a variedade de língua prestigiada ao utilizar o termo “linguagem culta” e situá-la, talvez em alusão à experiência advinda das pessoas de mais idade, ao uso contínuo, ou seja, quanto mais se usa através do tempo mais se desenvolve a variedade prestigiada. Porém, para usar “uma linguagem culta”, é necessário um maior nível de escolaridade. O que chamou a atenção foi a associação de idade e grau de instrução feita pela aluna. Talvez porque esta observara que há falantes jovens provenientes de classes sociais que representam o *status* de cultura idealizado pela sociedade de um modo geral, mas que usam gírias e outras variantes próprias das variedades desprestigiadas.

4.4.4 Análise do segundo texto do aluno 14

A aluna inicia com um questionamento norteador de todo o seu texto. Demonstra forte senso crítico e usa uma terminologia de acordo com os textos lidos para as interações em sala de aula e no Orkut durante as interações no fórum.

Os defensores do “bom uso da língua” pregam o que está contido na gramática normativa, ou seja, os falantes da língua portuguesa devem seguir as normas que são consideradas “certas”. Mas quem fala “certo” hoje em dia? Será que quem não segue à risca a norma-padrão é ignorante?

Ao responder ao seu próprio questionamento, a aluna é categórica e ao mesmo tempo conciliatória. Pelo visto, compreendeu muito bem o contexto de discussão que envolve o tema da variação linguística até a atualidade.

Não. O que todos devemos entender é que os velhos conceitos de língua que estão na gramática não cabem mais no contexto do século XXI. Porém, não se pode simplesmente deixar de lado as normas gramaticais e começar a falar e escrever como bem entender.

No trecho a seguir, percebe-se uma extrapolação do que poderíamos analisar como apenas uma visão sociolinguística da língua no nível do Ensino Médio. Ao trazer a proposta de estudiosos da língua, a aluna traduz a ideia da busca pelo uso normal da língua; seria uma norma no sentido de normal e não de normativo.

O que os estudiosos da língua portuguesa estão propondo é que haja uma reforma na gramática normativa, que seja feita uma atualização, e que daí por diante nós possamos aprender o que realmente se fala e se escreve hoje em dia. Principalmente, em momentos formais.

A aluna pontua a mudança linguística ao fazer um paralelo com a gramática normativa. Sabe-se disso porque no curso propedêutico em que ela se encontra não se discute outro tipo de gramática. E ela compreende que a noção de erro que se tem em relação à língua, na realidade, refere-se à gramática normativa.

A língua portuguesa está mudando e na gramática nada muda, mesmo estando claro que ninguém fala como se falava no Brasil colonial, a gramática continua a mesma. Sendo assim, já não podemos dizer que existe “certo” ou “errado” do ponto de vista científico da língua.

A seguir, a aluna mostra-se sensível à questão do preconceito linguístico, ao mesmo tempo em que se incorpora ao seu próprio discurso numa demonstração de “desabafo”. Não se coloca como falante de nenhuma das variedades, não se percebe como falante das variedades “ditas erradas” nem se considera conhecedora das normas contidas na gramática, apenas espera no futuro desenvolver os usos reais da língua.

As variedades estigmatizadas, “ditas erradas” os falantes que teimam em usar a linguagem cotidiana, típica de sua região, esperam ansiosos o dia em que seu modo de falar seja respeitado. E nós esperamos que futuramente tenhamos uma gramática em que não precisemos estudar a vida inteira e ainda assim nada saber.

Desse modo, conclui-se que esta aluna do grupo B, assim como o aluno do grupo A, utilizam uma terminologia de acordo com os textos lidos; demonstram conhecer diferenças significativas entre gramática normativa e variedades linguísticas e apresentam proposta de combate ao preconceito linguístico ao defenderem uma gramática que considera as variedades estigmatizadas como legítimas.

4.5 Entraves ao processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula

Aqui, fazemos uma análise dos entraves aos quais enfrentamos durante a observação participante em sala de aula, a partir do primeiro momento, logo em seguida ao dia em que foi aplicado o questionário para elaboração dos perfis dos grupos. Ao longo de todo o processo, foram vivenciadas várias circunstâncias que se constituíram variáveis intervenientes ao processo de investigação de estratégias de ensino e de aprendizagem, como:

- a) interrupções (por parte de funcionários da escola, conversas paralelas entre os alunos, vozes que ecoam dos corredores e da quadra de esportes da escola, além da atenção desviada pelos transeuntes do corredor, pois a porta da sala

de aula uma vez quebrada pelos alunos do turno matutino não foi consertada);

b) organização espaço-temporal do contexto pedagógico.

Em relação aos aspectos discursivos das interações professor-aluno, constatamos uma ínfima participação por parte dos alunos. Tratando-se de estratégias de abordagem, pretendíamos mais interação, mais discussões, ao menos uma participação quantitativa, porém nos eventos de letramento em sala de aula isso não ocorreu.

4.5.1 Interrupções durante as abordagens

As variáveis intervenientes ao processo de ensino e de aprendizagem em uma experiência com sujeitos adolescentes em sala de aula são diversas e indescritíveis em sua totalidade. Desfaz-se deste trabalho quaisquer intenções de análise pormenorizada do comportamento dos alunos-adolescentes em sala de aula ou do cotidiano da escola sede deste estudo. Apenas intencionamos um breve mapeamento do contexto em que se encontravam os sujeitos do grupo A e do grupo B quando estavam em sala de aula.

Momentos do grupo A

Trecho [4]

17. A6. Professora?

18. A5. Tão chamando.

19. P. Oi. Tão me chamando aí na porta? Licença.

[...]

20. P. Ó, então vamos vê... A gente não pode fechar essa questão só com o que a gente ouviu né? É preciso alguém... que mais alguém... Mais umas duas pessoas respondam essa questão: o que é estudar a língua portuguesa?

Mais uma vez uma funcionária da escola surge à porta da sala para avisar que os alunos seriam liberados após o intervalo porque estava faltando água, inclusive para beber, desde o turno matutino.

Houve outro tipo de situação corriqueira observado na maioria das circunstâncias de aula convencional: os alunos tímidos que tinham alguma predisposição para falar na sala, não o faziam em voz alta, não se expunham para o

grande grupo, antes se aproximavam ou sugeriam a proximidade do professor. Isso quando não falavam muito baixo, geralmente para um dos colegas mais próximos.

Se esse fato constatado do ponto de vista do aluno tímido é positivo, do ponto de vista do grande grupo cria uma falsa expectativa, pois a interação ocorre apenas com o professor.

Trecho [5]

- 02. A1.** Vai [nome do aluno]?
(O aluno faz gesto de que não quer falar)
- 03. P.** Olha, manda outra pessoa aí. Quem ajuda o colega?
- 04. A1.** Pequeninho, professora. (A aluna se refere ao colega sentado ao lado dela)
- 05. A2.** Professora, minha amiga vai responder.
- 06. A3.** É estudar as classes gramaticais, concordância, ortografia...
(Muitos alunos murmuram neste momento em sinal de desacordo)

Um momento muito delicado em sala de aula é este: o professor faz uma pergunta de natureza subjetiva, porém cada um quer ver sua subjetividade ratificada pelo professor como a ideal. Neste caso, optamos pela não-ratificação e consideramos, no momento, uma atitude pedagógica.

Trecho [6]

- 07. P.** É a opinião dela, estudar a língua portuguesa para ela é estudar classes gramaticais, ortografia... Que mais? Eu tô escrevendo aqui (escreve no quadro de giz) porque ela respondeu ali tão baixinho... classes gramaticais, ortografia... O que mais? Estudar...

Trecho [7]

- 29. P.** Então, ela tava começando a falar aqui... Você poderia dizer de novo?
- 30. A5.** Ah, professora, chegue mais pra cá.
- 31. P.** “Chegue mais pra cá”.
- 32. A5.** É aprender a falar corretamente porque falar todo mundo sabe.
- 33. P.** Pronto. Aprender a falar todo mundo sabe. Agora, aprender a falar corretamente, né? Ela coloca este aspecto: aprender a falar corretamente... Muito obrigada! Quem acha que tá faltando alguma coisa? Será que alguém pensou assim: “pôxa deixaram de falar disso”. Quem acha que faltou falar alguma coisa... pode dizer.

Este tipo de situação em que o aluno toma o turno conversacional e a ratificação de sua fala não é efetivada pela impossibilidade de audição foi constatado ao longo de

quase todas as aulas presenciais. O barulho vindo dos corredores e as conversas paralelas na própria sala de aula dificultavam a escuta. Embora comumente algum aluno transmitisse o que ouvia num tom mais alto, não surtia o mesmo efeito interacional. Em outros casos, percebia-se o traço da timidez:

Trecho [8]

21. A1. Professora, ela quer que a senhora vá lá para ela falar com a senhora.

[...]

22. P. Ok! Então, complementando o que ela falou... sobre os conhecimentos, né? Ela falou ali bem baixinho pra mim, entendeu? Ela tocou na questão de vícios de linguagem, né? Modos de falar... em outras palavras, né? Modos de falar, modos de escrever. Então, para ela, estudar a língua portuguesa é mexer com tudo que diz respeito à língua, à nossa língua, mas, será que a gente precisaria estar na escola para de fato aprender a língua? No sentido de falar a língua? E aí? Que é que vocês acham?

[...]

27. A1... Vai [nome do aluno], fala! Fala!

Esperávamos que o aluno participasse, mas não aconteceu desta vez. O que se observou nesse caso foi o fato de outro aluno também falar baixinho entre os colegas, mas, por timidez, não quis repetir em voz alta.

Em outros momentos, ao longo de toda a pesquisa, observamos que na sala de aula, ao interagirmos em ambos os grupos, a exposição "cara a cara" envolvia certo "receio" de "atrapalhar" a aula, quiçá temiam os alunos exporem seus pontos de vista e serem "criticados", "mal-compreendidos" ou, simplesmente, a timidez agiu como o grande "vilão". O fato é que o turno conversacional concentrou-se em nossas mãos, ou melhor, em nossa fala.

Obviamente, o pronunciamento do professor em sala de aula é imprescindível na modalidade de ensino presencial. Entretanto, como saber o que pensam os alunos quando estes falam pouco sobre o tema em estudo? A maioria dos textos foram lidos em sala de aula, o mesmo sucedeu em relação às questões que foram respondidas em nossa presença. No entanto, nas circunstâncias em que o silêncio dos alunos "ecoou", nossas vozes ecoaram mais alto. Em situações semelhantes a esta, do ponto de vista dos professores, como ter certeza de que estão sendo escutados? Se este fosse um contexto estritamente pedagógico, distante da natureza investigativa da pesquisa, como avaliar o

desempenho desses alunos? Nos momentos de verificação da aprendizagem? Na atribuição de uma nota?

Nossas idiossincrasias de professoras conduzem-nos a respostas distintas a essas perguntas a depender de fatores como o espaço de aprendizagem, o perfil e desempenho do professor, sua formação acadêmica, entre outros. Porém, por meio da pesquisa, as mesmas perguntas remetem-nos ao que conhecemos da sala de aula e o muito que havemos de conhecer a partir do elo estabelecido entre a sala de aula convencional e as TIC.

4.6 Entraves ao processo de ensino e de aprendizagem no Orkut

Ao todo foram seis idas ao laboratório de informática com o grupo B. Os momentos se deram nos dias de aulas da disciplina já previstos no calendário. Para utilizar o laboratório, cada professor deveria agendar o horário com antecedência, não devendo ocupar seguidamente sempre as mesmas aulas. Por exemplo, no nosso caso, tínhamos as duas primeiras aulas na segunda-feira e a terceira e quarta aulas na quarta-feira. Não podíamos reservar estas aulas em todas as semanas para não inviabilizar outros professores e outras turmas.

Contávamos com vinte computadores conectados à internet. Durante os primeiros momentos de atividade no laboratório, houve algumas interrupções nos trabalhos porque o sistema operacional era Windows e, no ínterim de nosso trabalho, mudou para o Linux. O laboratório ficou desativado durante dois meses, o que prejudicou a continuidade das interações no Orkut. Pensamos em propor a continuidade das atividades assim mesmo, mas supúnhamos que os recursos financeiros dos alunos para as horas de *lan house* não incluíam as atividades escolares.

No entanto, surpreendemo-nos ao observar que, das 184 postagens, 23 tiveram outros locais de origem além do laboratório da escola. 25% dos alunos (grupo B) possuem computador em casa ou utilizaram o de um parente. 75% utilizaram *uma lan house*. Pela inviabilidade de conduzir toda a turma ao laboratório, formamos dois grupos. Cada grupo ficou cerca de 40 minutos no laboratório; tempo suficiente para a realização da atividade do dia. Porém, o 2º grupo teve mais tempo, porque, como não haveria mais aulas para eles, puderam ficar durante mais uns dez minutos, tempo permitido pela professora responsável pelo laboratório.

As facilitadoras do laboratório de informática são professoras, uma de ciências e a outra de língua portuguesa. Nenhuma das duas tem formação na área das TIC e/ou na área de informática. Estão, no momento, afastadas de sala de aula para servirem como apoio técnico no laboratório.

Sentimos certa resistência das facilitadoras à ideia de participarem mesmo que involuntariamente de um trabalho pedagógico envolvendo o Orkut. Em alguns momentos, havia um constrangimento na atmosfera do laboratório devido à preocupação com possíveis “desvios” dos alunos, que poderiam acessar conteúdo “impróprio”. Utilizaram frequentemente frases do tipo: “Vocês estão aqui para quê?”, “Cuidado, menino!” “Você não está na sua casa”, as quais contribuíam para manter a “ordem”. Afinal, é da responsabilidade delas zelar pela conservação do equipamento e pelo seu uso didático-pedagógico. Sites como o Orkut, visitas ao e-mail, interações via MSN entre outros são terminantemente proibidos em outras circunstâncias, por isso, a visão dos alunos acessando o Orkut provocou constrangimentos.

A constatação de que alguns alunos aproveitavam o momento para visitar os amigos, conversar com o namorado, “ganhando um tempinho” fora da *lan house* também serviu para aumentar o controle, e as recomendações tornaram-se frequentes: “Cuidado com os vírus”, “Se travarem as máquinas, nem Orkut nem mais nada”.

Foram constantes os chamados para “tirar dúvidas” muito mais sobre as ferramentas da internet do que sobre o assunto em estudo. De um modo geral, acessaram a comunidade em quase todos os momentos. Houve casos em que a internet estava muito lenta e passaram-se os 40 minutos no laboratório sem que sequer uma postagem fosse realizada.

Nos primeiros dias, as principais dificuldades dos alunos eram em relação ao funcionamento do próprio site. Muitos não entraram no site. Depois, surgiram as perguntas: “Como é que eu respondo professora?” “Como eu envio a mensagem?”, “E se não estiver certa a senhora pode apagar?”.

Isso se deu com mais intensidade até a substituição do sistema Windows pelo Linux, pois este último possui um sistema de segurança contra a ameaça de vírus tão veemente durante a utilização do Orkut.

Outro problema enfrentado por nós foi quanto ao número de alunos que deveríamos conduzir ao laboratório. Embora cientes que focaríamos apenas um grupo de alunos para análise dos textos, tínhamos toda a turma com mais de 40 alunos, quando todos compareciam. Por isso, optamos em dividir a turma. Em todas as aulas foram

desenvolvidas atividades semelhantes em contextos diversos. Numa das duas aulas de cada abordagem, metade da turma seguia para o laboratório, enquanto a outra respondia questões de interpretação de texto literário na sala de aula. Na outra aula, o contrário.

O corredor alagado e as infiltrações de água no laboratório durante os dias de chuva também contribuíram para o adiamento de quatro das oito aulas previstas para o laboratório. A cada adiamento percebíamos, conseqüentemente, o desapontamento dos alunos e enfrentávamos uma sensação indescritível diante da nossa hipótese de pesquisa, quiçá apenas uma suspeita frustração.

As aulas do turno vespertino estavam previstas para serem iniciadas às 13h. A última aula com final às 17h30 min. Sempre há algum empecilho ao início pontual da aula. O mais comum é esperar que a maioria dos alunos chegue. É muito mais por conformidade dos professores do que por protecionismo aos alunos que se dá tal arbitrariedade. Problemas com o trânsito é um dos fatores que mais contribui para o atraso de alunos e professores.

Para ter acesso às salas de aula passamos por quatro portões. Quaisquer hipóteses desta quantidade dever-se à necessidade de segurança tão fundamental nos atuais dias de violência, jamais serão constatadas. O último dá acesso a um corredor, via única até a nossa sala de aula a qual se localiza ao lado do laboratório de informática e da quadra de esportes da escola, que fica a apenas seis metros dali. Não ocorrem discussões entre os alunos sobre se abrem ou não as janelas. Algumas estão sempre abertas, completamente quebradas.

Nas salas de aula, não havia espaço físico para dispor as carteiras de outro modo. Faz-se assim, ou muda-se de estratégia. A segunda opção consideramos irrefutável apesar da constatação de que tínhamos um conjunto de estratégias elaborado depois de meses de estudo e que em sua essência ponderou as variáveis intervenientes à abordagem sobre variedades linguísticas, não às dificuldades de estrutura física do prédio da escola.

4.7 Considerações dos alunos depois da experiência

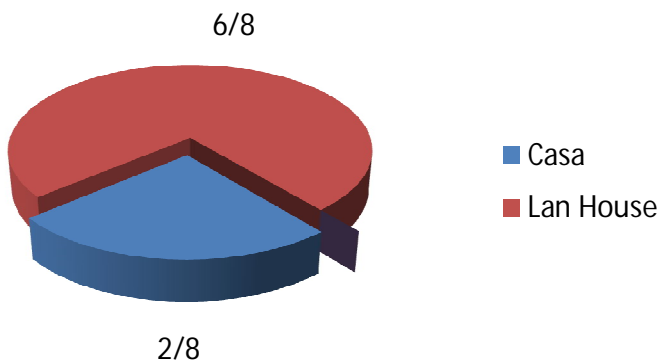
Depois de nove meses da conclusão da pesquisa, procuramos os 8 alunos do grupo B, atualmente, concluintes do 3º ano do Ensino Médio e entregamos um questionário (Apêndice E), a fim de conferir alguns dados não verificados no ano anterior. Supúnhamos que os alunos tivessem esquecido os detalhes da experiência, mas

fomos recebidos com naturalidade e não fomos procurados sobre quaisquer esclarecimentos em relação ao preenchimento do questionário. Os resultados encontrados até o pós-teste esbarraram-se frente a algumas questões norteadoras da iniciativa de aplicação de mais um questionário. Foi essencial saber as considerações dos alunos do grupo B sobre este trabalho, ou seja, se a experiência realizada trouxe contribuições para eles.

Assim sendo, apresentamos a seguir as análises das respostas dadas pelos alunos do grupo experimental às nossas inquirições.

Perguntamos se, além do laboratório de informática da escola, eles acessaram o Orkut de outro lugar para realizar as atividades. 75% revelaram que acessaram o Orkut também numa *lan house*. Esse dado corrobora a constatação empírica de que cada vez mais os alunos usam o computador em suas atividades escolares à revelia, ou não, da intervenção da escola. 25% disseram acessar de sua própria casa. A notoriedade destes dados é o fato de os alunos “aproveitarem” o tempo despendido em suas interações informais no Orkut, para além de sua especificidade, consumindo evidentemente algum capital para isso.

Gráfico 1. Indicativo do local de acesso à internet

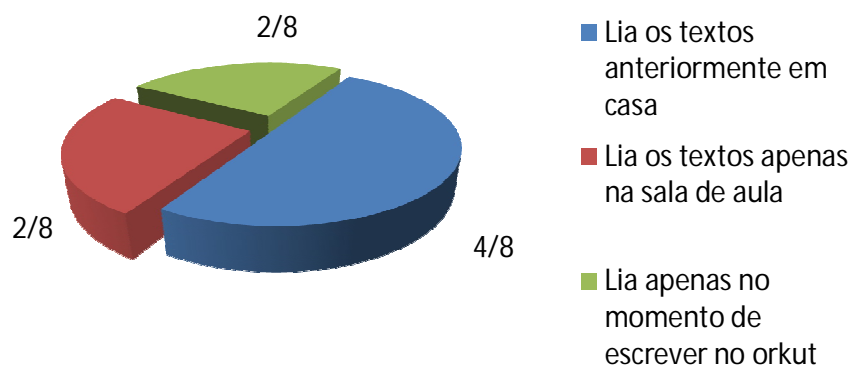


Fonte: dados da pesquisa

Solicitamos aos alunos que nos revelassem como se comportavam em relação à leitura dos textos sugeridos em sala de aula, previamente, à sua ida ao laboratório de informática, a fim de debater o assunto no Orkut. Apresentamos quatro alternativas com

uma única possibilidade de escolha. Assim, tivemos o resultado de que 50% dos alunos sempre leram os textos em casa. A outra metade variou entre 25% que leram na sala de aula e 25% que leram no momento de responder. Dentre as quatro alternativas, uma não foi escolhida (nunca lia os textos). As demais estão representadas no gráfico a seguir:

Gráfico 2. Indicativo do comportamento dos alunos frente às atividades no Orkut



Fonte: dados da pesquisa

Dirigimos uma pergunta aos alunos com o objetivo de avaliar se o fato de interagir no Orkut provocou-lhes o interesse em ler os textos. 100% responderam positivamente. Pela característica subjetiva da pergunta, optamos por elaborar algumas categorias e descrever as respostas dos alunos de acordo com cada uma delas. Assim, de acordo com os dados, as respostas foram as seguintes:

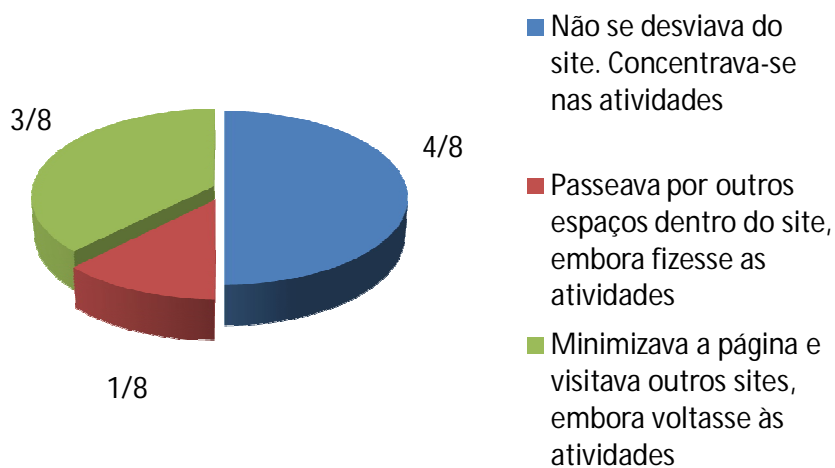
09. Porque ajudou muito no meu desenvolvimento na escola.
10. Porque foi muito importante para o meu aprendizado.
11. Porque me despertou muita curiosidade sobre as variedades linguísticas, e fez com que eu lesse mais para poder entender.
12. Porque ao ler os textos eu vi a importância de se entender e compreender a variedade linguística popular.
13. Porque além de ser ou tentar ser coerente nas respostas, obtivemos informações e eliminamos o preconceito quanto à língua portuguesa.
14. Porque para expor minha opinião no fórum, é preciso conhecer o assunto, além de que a interatividade do fórum é uma individualização do conhecimento.
15. Porque além de contribuir na pesquisa, aumentei o meu conhecimento e passei a ler mais.

16. Porque ao ver como os demais interpretavam o que liam, despertava a curiosidade e acabava por lê-lo a fim de chegar as minhas próprias conclusões.

Destacamos as expressões: "eliminar o preconceito", "passei a ler mais", "compreender a variedade linguística popular", porque, nesse contexto, elas são analógicas, caso compreendamos o tratamento da variação linguística como algo imprescindível ao ensino da língua portuguesa, que parte da leitura, perpassa pela sua compreensão e alcança o objetivo de eliminar o preconceito linguístico. É fundamental frisarmos também que 50% dos alunos mencionaram a importância da leitura no processo vivenciado.

Ao longo da observação participante, constatamos a inquietação dos facilitadores do laboratório de informática que através de alguns sinais paralinguísticos passavam-nos o mesmo sentimento de apreensão em relação à eficácia pedagógica da atividade. Diante de tantas "atrações", como eles se concentrariam nas atividades? Por isso, indagamos aos alunos como estes se comportavam durante as atividades na comunidade do Orkut. Quase um ano depois, 50% deles responderam que se concentravam nas atividades; outros 37,5% navegavam em outras partes do site, mas cumpriam com as atividades, enquanto que apenas 12,5% assumiram entrar em outros sites além de fazerem as atividades.

Gráfico 3. Indicativo do comportamento dos discentes no laboratório de informática

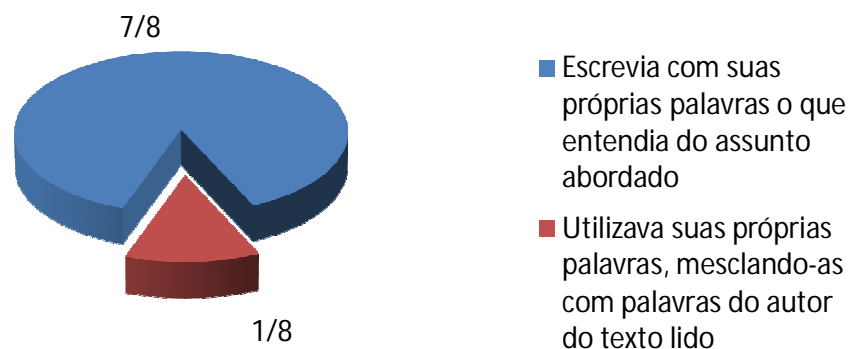


Fonte: dados da pesquisa

Perguntamos aos alunos qual estratégia era seguida por eles para escreverem suas contribuições no fórum do Orkut. Apresentamos as proposições as quais eles podiam escolher para pontuar de que modo, efetivamente, participaram das atividades, quer dizer, se cada um: escrevia com as suas próprias palavras o que entendia sobre o assunto abordado; utilizava suas próprias palavras, mesclando-as com palavras do autor do texto lido; lia as respostas dos colegas e, depois, reescrevia-as com as suas próprias palavras; ou copiava e colava a resposta do colega.

O resultado apenas corrobora nossas observações, na época. Assim, 87,5% disseram escrever com suas próprias palavras e apenas 12,5% utilizaram, em parte, as palavras do autor do texto.

Gráfico 4. Indicativo das condições de autoria das postagens no Orkut



Fonte: dados da pesquisa

Segundo Xavier (2007), todo sujeito letrado tem alguma noção de adequação linguística, a maioria sabe que não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita e que, por não ser possível separar a escrita da leitura, é preciso considerar dois pressupostos teóricos:

1. Leitura e escrita são processos interdependentes e complementares;
2. Toda leitura é uma reescrita de um texto e toda escrita é a colagem de várias leituras realizadas em outros momentos, pois não há leitura sem escrita nem escrita sem leitura e uma habilidade não sobrevive sem a outra (Id, Ibid, p. 5).

As prerrogativas surgidas a priori convergiram à constatação da hipótese desta pesquisa: de que um site de relacionamento pode contribuir com a apreensão do conteúdo variedades linguísticas. Isto posto, ao partir de uma conjectura audaciosa e não de um axioma da área da educação, concordamos com as pesquisas que redirecionam as possibilidades de ensino e de aprendizagem para além da sala de aula convencional.

Utilizamos o Orkut à medida que ampliamos as situações de aprendizagem dos alunos do grupo experimental (grupo B), uma vez que ao se relacionarem com o mesmo objetivo de aprendizagem, através de suas contribuições nos tópicos de discussão, esses alunos possibilitaram uns aos outros rearticularem o conhecimento pela superação do “achismo”. Isso foi conquistado, pela maioria, através do cruzamento entre suas opiniões e os argumentos dos interlocutores dos textos lidos por eles, nas circunstâncias diversas.

Neste momento, é fundamental trazermos à lembrança o fato de que alguns tópicos de discussão no Orkut não precederam leituras, pois ainda estávamos conduzindo a estratégia de sondagem, quando eles se encontravam em fase de elaboração das ideias. Os suportes utilizados para verificação do conteúdo dos textos, que serviram de base às principais análises, foram o pré-teste e o pós-teste.

Diante do exposto, o Orkut foi uma ferramenta a mais de aprendizagem utilizada de modo informal para fazer parte da construção de conceitos sobre língua, de maneira assumida pelos alunos, mesmo que provisória, tendo em vista a possibilidade de outras descobertas da sociolinguística.

Enfim, compreendemos ser relevante para a formação do aluno, para a aprendizagem do próprio professor permitir que o aluno libere seus pontos de vista, mesmo que não seja o ponto de vista do professor; permitir que fale e escreva de todas as maneiras, objetivando a reformulação e a adequação textual.

5. CONCLUSÕES

De acordo com as análises das idiossincrasias dos discentes participantes desta pesquisa, antes, durante e depois de efetivadas estratégias de abordagens do conteúdo variedades linguísticas, concluímos que esse processo, que envolve o trabalho de linguistas e educadores, está em fase de transição, de redefinição de paradigmas.

No caso específico de uma abordagem de conteúdo em situações de prática de ensino, o paradigma envolve dois vieses: a abordagem adequada do tema da variação linguística em sala de aula, e a constatação de que a educação não acontece apenas no espaço da escola e da universidade.

Ambos os grupos (A e B) de discentes do Ensino Médio envolvidos nesta experiência se desenvolveram em diferentes aspectos. O grupo de controle, por exemplo, não recebeu o tratamento de um grupo de alunos “cobaias”, privado de uma oportunidade de aprendizagem em prol de uma pesquisa acadêmica da área de educação. Aliás, devemos rejeitar a imposição de quaisquer metodologias que supostamente nos conduzam à qualificação profissional em prejuízo da nossa condição de educadores, de seres humanos. Por isso, abordamos o conteúdo variedades linguísticas em ambos os grupos, seguindo o mesmo roteiro de atividades, enquanto propusemos a apenas um dos grupos a participação de uma parte das atividades num site de relacionamento.

Os resultados obtidos sustentaram a hipótese de que o Orkut pode contribuir como motivador para a leitura, a reflexão e a escrita a respeito de um conteúdo ainda polêmico como “as variedades linguísticas”. Salientamos, neste ínterim, que o Orkut é utilizado como comunidade virtual de aprendizagem também em áreas afins e constitui-se no paradigma da construção de conhecimentos, a partir da interação aluno-aluno, aluno-professor e aluno-conteúdo.

As propostas pedagógicas que podem ser aplicadas ao modelo presencial de ensino, a fim de proporcionar uma interação mais forte e integração das mídias, é um objetivo das universidades, das organizações educacionais de todos os níveis. Com o uso das tecnologias podemos avançar para uma modalidade inovadora de ensino também no Ensino Médio. Moran (2007, p. 45) afirma: "com as tecnologias, podemos flexibilizar o currículo e multiplicar os espaços, os tempos de aprendizagem e as formas de fazê-lo, o que atualmente ocorre com a modalidade de ensino a distância”.

Embora nosso objetivo tenha sido o de investigar uma estratégia de abordagem de conceitos sobre variação linguística em interface com a cibercultura e sua viabilidade para sensibilizar os alunos sobre a importância do respeito às variedades linguísticas, focamos a variação linguística e os efeitos que o uso do Orkut como complemento das atividades poderia causar em um dos grupos.

No tocante ao tema da variação linguística, constatamos que a atual conjuntura de abordagem de conteúdo se constituiu num avanço, mas é preciso que haja pesquisas de como a variação linguística é abordada também no Ensino Médio. Os pressupostos variacionistas perpassam por quase todos os conteúdos do componente curricular língua portuguesa, portanto sua abordagem precisa ampliar-se nessa perspectiva. Até aqui, por ser um trabalho com as limitações inerentes ao tempo cedido a um mestrado acadêmico, este não poderia investigar uma abordagem mais completa para que se ampliasse a análise linguística, partindo do monitoramento estilístico, dos diversos gêneros textuais.

Este trabalho se caracterizou como experimental e olhado pelo lado da reflexão teórica e da metodologia que o acompanhou ao longo de todo o seu desenvolvimento, coloca-se a expectativa de outros trabalhos que lhe possa dar andamento, visto tratar-se da provisoriedade de uma hipótese de trabalho.

Em suma, devemos esclarecer os resultados alcançados, respondendo às seguintes perguntas:

1) Quais são as ideias prévias dos alunos sobre o conteúdo variedades linguísticas? Eles utilizaram a terminologia de acordo com os textos lidos? Ou foram indiferentes?

2) Quais os pontos positivos e negativos do trabalho em sala de aula e no Orkut?

3) De que modo os alunos revelaram os novos conceitos em fase de apreensão ao longo das abordagens?

De modo geral, alcançamos as respostas parciais às nossas perguntas de pesquisa cujo resultado obtido diante das abordagens dos textos selecionados em sala de aula, principalmente, no grupo experimental, conduziu-nos a estas premissas:

1ª) O conceito de língua dos alunos antes de estudarem o conteúdo variedades linguísticas foi apresentado de acordo com o senso comum, de que há erro na língua através de suas variantes estereotipadas e de que conhecer as regras gramaticais é o mesmo que saber falar e escrever português; o conceito de norma-padrão foi associado ao de norma culta, portanto a regra que diverge da norma gramatical é considerada "erro de português"; as pessoas das classes sociais favorecidas falam e escrevem "certo",

enquanto as pessoas das classes sociais desfavorecidas "falam" e "escrevem "errado"; o preconceito linguístico sequer foi reconhecido pelos alunos do qual também são vítimas. A respeito da confusão terminológica observada nos textos dos alunos, é preciso que se esclareça ser esta atributo de toda a sociedade. Estamos "triscando" num assunto que carece de aprofundamento, pois o exposto neste trabalho ainda é polêmico. Consideramos os resultados deste item uma pequena contribuição às reflexões sobre língua e norma, tendo em vista as implicações que a imprecisão terminológica de tais termos podem disseminar na sala de aula, mas não pretendíamos uma precisão conceitual, uma vez que esta inexistente.

2^a) Observamos ao longo das abordagens em sala de aula e no Orkut que a leitura foi bem melhor aproveitada neste último espaço. Interagir no fórum da comunidade do Orkut sobre um tema referencial e metalinguístico gerou para os alunos um fator de motivação. O uso dessa ferramenta permitiu espontaneidade no processo de escrita. Inicialmente, os alunos estavam interessados em opinar numa modalidade sem "regras". Porém, ao escreverem os textos formais em suporte de papel, os mesmos alunos não apresentaram marcas do internetês.

3^a) Os conceitos dos discentes sobre o tema abordado foram revelados através de fatores distintos: em textos na modalidade oral e escrita; em contextos mais ou menos formais; e em condições de produção específicas, sejam as da sala de aula, sejam as do ciberespaço.

É pertinente evidenciar que a pretensão deste trabalho não está pautada na proposta de soluções para os problemas que interferem no processo de ensino e de aprendizagem, mas tão somente trazer à discussão como a escola pode extrapolar suas paredes e seus muros, ao apropriar-se das diferentes linguagens presentes nos ambientes virtuais, de modo a distanciar-se das práticas centradas no modelo da transmissão.

Dado que quase todos os textos (9/10) foram selecionados de um livro didático aprovado pelo PNLEM, que, no caso específico dos capítulos destinados a abordagem das variedades linguísticas, traz textos com uma abordagem de conteúdo criteriosa, não nos preocupamos com a avaliação do material didático ao longo das abordagens, pois isso já havia sido feito pelo próprio MEC.

Antes de escolhermos esse livro, verificamos outros igualmente aprovados e distribuídos na maioria das escolas públicas e encontramos falhas que corroboram, em parte, com a pesquisa documental de Coelho (2007, p. 141) "de que muitos autores de livros didáticos difundem 'norma culta' ou as variedades de prestígio como sinônimo da

norma-padrão, uma confusão [...] capaz de levar o aluno/professor a [não] verificar a situação real da língua contemporânea”.

Segundo a fundamentação teórica e a metodologia utilizada em sala de aula, os conceitos sobre língua e linguagem podem seguir um contínuo do senso comum à noção irrefutável da importância da adequação linguística e da luta contra o preconceito linguístico.

Diante da complexidade do tema “variedades linguísticas” e da multiplicidade de publicações na área, perguntamo-nos: quais os gêneros textuais que seriam explorados ao longo das aulas? Precisávamos escolher textos, autores, enfoques diversos e optamos pelo gênero reportagem, por meio ou não de entrevistas, pelo artigo, na maioria dos textos lidos pelos alunos. A concepção inicial de professores-pesquisadores em sala de aula convencional tida no momento de planejamento das aulas, para os alunos de ambos os grupos, instigou-nos a escolher o livro, a revista (ambos em papel) como o suporte de leitura; e o suporte de escrita, o papel e o computador. As leituras dos textos deles, postados na comunidade “Eu conheço, amo a minha língua”, do Orkut, obviamente tiveram o mesmo suporte de suas escritas. Fizemos tais escolhas para delimitação do *corpus*.

Notamos, neste trabalho, uma seleção de gêneros textuais direcionada à expectativa da compreensão das leituras pelos alunos; e outra, para a atividade de produção textual proposta no pós-teste. Este foi efetivado através de um texto do tipo dissertativo-argumentativo que, a partir de uma sequência discursiva mais ampla, pode constituir o gênero artigo.

Ao inserirmos o Orkut nas atividades dos alunos do grupo B, oportunizamos outra forma de escrita: a eletrônica. Conseqüentemente, novos gêneros textuais, mais próximos da oralidade, tal como os bate-papos eletrônicos e a ocorrência de várias formas de escrita, seja no contexto síncrono, seja no assíncrono. No Orkut, a ferramenta fórum permitiu a escrita de mensagens realizadas num contínuo do informal ao semiformal.

Observamos que não houve uniformidade nos modos de escrever, não prevaleceu o internetês. O fato de os alunos presumirem a possibilidade de escrever numa linguagem não-monitorada, não submetida a revisões e correções conduziu-lhes a uma produção natural. Ou seja: “sob o impacto das novas formas de tecnologia”, presenciamos uma nova situação que ‘está desconstruindo toda a oposição entre fala e escrita’” (HALLIDAY APUD MARCUSCHI, 2004, p. 63).

Nesta experiência, pudemos verificar uma escrita híbrida nas mensagens postadas nos tópicos de discussão no Orkut. No entanto, a escrita convencional prevaleceu no pré-teste, pós-teste e nas atividades escritas em suporte de papel. Isso sem qualquer interferência de nossa parte.

Indubitavelmente, comprovamos inclusive que a escrita nos gêneros em contextos virtuais se processa numa combinação com a fala, mas que foi muito bem compreendida e reforçou o interesse dos alunos em ler os textos de outros gêneros em suportes diversos.

Se há algum gênero textual mais ou menos adequado para o ensino da língua, não focamos nisto. Menos ainda no fato de que, se os alunos escreveram naturalmente, então, não cabe à escola preocupar-se com o ensino da modalidade escrita da língua.

Nas nossas conclusões, está imbricada a possibilidade de um trabalho do conteúdo variedades linguísticas, a partir dos gêneros textuais emergentes, da compreensão de textos, da leitura e da escrita. Estas duas últimas como instrumentos de comunicação que ultrapassam os limites da sala de aula e se manifestam nas interações sociais de nossos alunos. Por sua vez, tais interações são geradoras dos gêneros emergentes, uma vez que todos nós estamos, atualmente, inseridos numa sociedade cibernética. Portanto, se ainda não temos as melhores respostas, certamente, os dados analisados, aqui, convergem a muitas indagações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria I. ; EUGÊNIO, Fernanda. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da Internet no Brasil. In: NICOLAU-DA-COSTA, Ana Maria (org.) **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PUC - Rio/Loyola, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

AZEVEDO, Carlos et.al. É preciso acabar com a cultura do erro. **Revista Caros amigos**. São Paulo, fev. 2008.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Parábola, 1999.

_____. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Português ou brasileiro? : um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Brasil e Portugal já falam duas línguas diferentes. In: TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua Portuguesa: volume único: ensino médio: livro do professor**. São Paulo: IBEP, 2005.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

_____.; DETONNI, R. Diversidades lingüísticas e desigualdades sociais: aplicando a pedagogia culturalmente sensível. In: COX, M.I.; ASSIS – PETERSON, A. A. de. (org.) **Cenas de sala de aula**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental/língua portuguesa**. 1998. Disponível em: [http:// portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br). Acesso em 17 mar. 08.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Brasília, 2006.

BURBULES, Nicholas C. A Internet constitui uma comunidade educacional global? In: BURBULES Nicholas C.; TORRES, Carlos A. (org.) **Globalização e educação**: perspectivas críticas. Porto alegre: Artmed, 2004.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra globalização**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CASTILHO, A. T. **A Língua falada no ensino de Português**. São Paulo, Contexto, 1998.

CAVALCANTE, M. A. **O sujeito Pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro**: um caso de mudança em progresso. Tese de doutorado. Maceió: UFAL, 2001.

_____.; SANTOS, M. B. Contribuições da Variação Lingüística ao Ensino de Língua Portuguesa. In: MOURA, M. D; MORAIS, G. (org.) **Ler e Escrever Para Quê?** Maceió: Edufal, 2000.

COELHO, Paula M. **O tratamento da variação lingüística no livro didático de português**. Dissertação de mestrado. Brasília: UNB, 2007.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

FARACO, Carlos A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FERREIRA, Auda V. et. al. O diferente, o popular e o culto em arte, língua portuguesa e literatura no ensino médio: perspectiva interdisciplinar. In: ABREU, Nitecy G.; DAMASCENO, Ana M.; MERCADO, Luis P. (orgs.). **Formando o professor pesquisador do ensino médio**. Maceió: Edufal, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Gerais, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era digital**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Ângela P; BEZERRA, Maria A. (orgs). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Cláudia L.; REIS, Mariléia S.; SCHUELTER, Wilson. **Hipertexto e os códigos cifrados dos internautas: ameaça lingüística ou modismo?** http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/wilson_schuelter_e_marileia_reis_e_claudia_levandoski. ht., 2005. Acesso em 17 abr. 08.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de Português: a língua que se fala x a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto, 1997.

MERCADO, Luís P. Internet como ambiente de pesquisa na escola. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 7, n.38, mar/abr. 2001.

_____. **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação**. Maceió: Edufal, 2006.

MOLLICA, Maria C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. BRAGA, Maria L. (orgs). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAN, José M. (org.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. **Contribuições para uma pedagogia da educação on-line**. 2002. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/contrib.htm#prop>. Acesso em 28 de jul. 08.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papyrus, 2007.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Ilse de. **Bidialetalismo**: uma proposta para o ensino de língua materna. Dissertação de Mestrado, UFG, 1995.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

PÉREZ GÓMES, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto alegre: Artmed, 2001

PIMENTEL, Carmen. **Vc tb escreve axim?** Uma análise do léxico nos blogs dos adolescentes. UERJ, 2005. www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/htm. Acesso em 17 abr. 08.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RAMAL, Andréa C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SABINO, Mário. Língua enrolada. In: TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua Portuguesa**: volume único: ensino médio: livro do professor. São Paulo: IBEP, 2005.

SALINAS, Jesús. **Comunidades virtuales y aprendijaje digital**. 2003. Disponível em: www.ucv.ve/edutec/Conferencias/conferenciasalinas.doc. Acesso em: 11 out. 07.

SANTANA, Raquel. Narração em Portugal é um show à parte. In: TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua Portuguesa**: volume único: ensino médio: livro do professor. São Paulo: IBEP, 2005.

SERPA, Luiz F.. Criando alguns links. In: PRETTO, Nelson L. **Tecnologias e novas educações**. Salvador: Edufba, 2005.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, José M. (org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: MEC/SEED, 2005.

SILVA, Simone da. **A Variação linguística em sala de aula**. Dissertação de mestrado, Maceió: UFAL, 2009.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1992.

STUBBS, M. A língua na educação. In: BAGNO, M; STUBBS, M. GAGNÉ. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. Língua portuguesa: volume único: ensino médio: livro do professor. São Paulo: IBEP, 2005.

TORI, Romero. **O virtual que marca presença**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2003_Virtual_Marca_Presenca_Continuacao_de_Aprendizagem_Aberta_e_a_Distancia>. Acesso em 28 jul. 08.

TRAVAGLIA, Luiz C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2002.

VALENTE, José A. (org.) **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. Campinas: Unicamp, 1993.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.

XAVIER, Antonio C. **Reflexões em torno da escrita nos gêneros digitais da internet**. 2007. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos>>. Acesso em 30 jul.09.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Projeto de Pesquisa: A abordagem das variedades linguísticas: uma experiência em sala de aula e no Orkut com alunos do Ensino Médio.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

Coorientador: Prof. Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado

Caro (a) aluno (a),

Auda Valéria do Nascimento Ferreira está iniciando uma pesquisa que investiga estratégias de abordagem dos conceitos sobre variação linguística em interface com a cibercultura e sua viabilidade para sensibilizar os alunos sobre a importância do respeito às variedades linguísticas. Para elaborar o perfil dos grupos que farão parte deste estudo, esta professora-pesquisadora solicita a sua colaboração para responder a este questionário. Suas informações são muito importantes pela contribuição dada à pesquisa em educação.

1. Em que ano você concluiu o Ensino Fundamental?

a) 2006

b) 2005

c) 2004

2. Em que tipo de escola você cursou o Ensino Fundamental?

a) Sempre em escola pública

b) Maior parte em escola pública

c) Maior parte em escola particular

d) Sempre em escola particular

3. O que você pretende fazer logo que concluir o Ensino Médio?

- a) Trabalhar
- b) Continuar estudando
- c) Trabalhar e estudar
- d) Não tenho a menor idéia

4. Identificação: (seus nomes e demais dados serão mantidos em sigilo)

Nome: _____

Idade: _____

Endereço: (rua, avenida, loteamento etc.) _____

Complemento: _____ Nº _____

Bairro: _____ CEP: _____ Cidade: _____

UF: _____ Telefone: _____

Celular: _____ E-mail: _____

Pseudônimo (nome pelo qual você pode ser reconhecido na pesquisa)

5. Você nasceu: (assinale apenas uma alternativa)

- a) Na mesma cidade em que estuda atualmente
- b) Em outra cidade do Estado em que estuda
- c) Em outro estado da Região Norte
- d) Em outro estado da Região Nordeste
- e) Em outro estado da Região Centro Oeste
- f) Em outro estado da Região Sudeste
- g) Em outro estado da Região Sul
- h) Em outro país

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas esta pesquisadora aproveita para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

Até Breve!

APÊNDICE B - QUESTÕES PROPOSTAS A PARTIR DA LEITURA DOS TEXTOS:

Brasil e Portugal já falam duas línguas diferentes, de Marcos Bagno.

1. Vocês concordam ou não com a idéia defendida por Marcos Bagno: “A maioria dos brasileiros rejeita sua maneira de falar, porque tenta ouvir e ver sua língua com ouvidos e olhos do outro”. Comentem.

2. Baseado na opinião que Brasil e Portugal falam línguas diferentes, qual a proposta de Bagno para a nomenclatura da língua portuguesa no Brasil?

3. Vocês concordam com a nova denominação da língua portuguesa que Bagno propõe? Comentem.

Jerimum tresandado, de Ricardo Valladares.

1a. O que faz a professora Iris Gomes para ensinar “sotaque” a seus alunos? Segundo o texto, suas aulas são satisfatórias? Justifiquem.

Narração em Portugal é um show à parte, de Raquel Santana.

1b. Vocês observaram palavras que fazem parte do léxico apenas da língua portuguesa de Portugal. E, aqui, no Brasil, quais palavras são próprias da sua região? Elabore uma lista de palavras e expressões regionais.

-----	-----
-----	-----
-----	-----
-----	-----
-----	-----
-----	-----
-----	-----
-----	-----

Obs.: se necessitarem de mais espaço para responderem às questões, utilizem uma folha à parte.

Componentes:

APÊNDICE C - QUESTÕES PROPOSTAS A PARTIR DA LEITURA DE FRAGMENTOS DA ENTREVISTA DE MARCOS BAGNO CEDIDA À REVISTA CAROS AMIGOS (FEV, 2008)

O que a 1ª parte da entrevista revela sobre a sua língua? (Considere alguma idéia completamente desconhecida até o momento para você).

Releia a 2ª parte da entrevista e retire as palavras de significado desconhecido. Se necessário, faça isso também nas outras partes.

A leitura da entrevista do lingüista Marcos Bagno mudou suas idéias sobre língua portuguesa? Justifique.

APÊNDICE D - QUESTÕES PROPOSTAS

Releia a entrevista cedida por Pasquale Cipro Neto à revista Veja para responder às questões 1 a 3.

1. Identifique as opiniões do entrevistado sobre o “estrangeirismo” – uso de palavras estrangeiras – no nosso dia-a-dia.

2. Ao longo da entrevista, os argumentos usados pelo entrevistado justificam que o brasileiro fala errado? Por quê?

3. Você concorda com o professor Pasquale quando afirma que os locutores esportivos são uma “tragédia”? Justifique.

Para responder à questão 4, leia o seguinte fragmento dos Parâmetros Curriculares Nacionais:

(...) Contudo, não se pode mais insistir na idéia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade lingüística de prestígio. Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, não são objeto de avaliação negativa. Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

4. O que é possível concluir a partir da relação entre o que se diz no fragmento acima e o conteúdo da entrevista?

Releia o artigo de Flávio Lobo para responder às questões de 5 a 7.

5. Por que, segundo Bagno, quem opina sobre “erros de português” na mídia não possui autoridade para tecer comentários sobre língua?

6. De acordo com Bagno, a que se atribui o mito de que a língua portuguesa é difícil?

7. O que você sugere para ser ensinado nas aulas de língua portuguesa?

APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Caro (a) aluno (a),

Estamos estudando estratégias de abordagem das variedades linguísticas em sala de aula utilizando a ferramenta fórum do Orkut, pesquisa da qual você participou efetivamente no ano passado. Nesta oportunidade, solicitamos suas respostas a este questionário que complementará os dados para a fase final da pesquisa. Reafirmamos que suas informações são muito importantes pela contribuição dada à pesquisa em educação.

1. Além do laboratório de informática da escola, de qual lugar você acessou o Orkut para realizar as atividades?

de sua casa de uma lan house

Outro. Qual? _____

2. Antes de postar sua contribuição sobre o assunto variedades linguísticas no Orkut, como era o seu comportamento em relação à leitura dos textos?

- Lia os textos anteriormente em casa.
 Lia os textos apenas na sala de aula.
 Lia apenas no momento de escrever no fórum.
 Nunca lia os textos.

3. Para você o fato de interagir no Orkut aumentou o seu interesse em ler os textos?

- Sim
 Não

Por quê?

4. Como você se comportava durante as atividades na comunidade do Orkut?

- Jamais se desviava para outros espaços do site, apenas se concentrava nas atividades.
- Saía frequentemente da comunidade e passeava por outros espaços dentro do site, embora fizesse as atividades.
- Minimizava a página e entrava em outros espaços da internet, embora voltasse e participasse das atividades.
- Nunca participava das atividades, apenas lia os recados do Orkut e navegava em outros sites.

5. No processo de produção dos textos, no fórum, você seguia qual estratégia das citadas abaixo?

- Escrevia com as suas próprias palavras o que entendia sobre o assunto abordado.
- Utilizava suas próprias palavras, mesclando-as com palavras do autor do texto lido.
- Lia as respostas dos colegas e, depois, as reescrevia com as suas próprias palavras.
- Copiava e colava a resposta do colega.

Como você sabe, este estudo está em fase de conclusão, por isso agradecemos mais uma vez a sua fundamental colaboração.

Muito obrigada!

ANEXOS

ANEXO 1 - TEXTO 1

(...) nós devemos sempre melhorar a nossa linguagem, lendo e estudando, pois a linguagem descuidada denota falta de educação e, no pensar de Rui, falta de inteireza de caráter.

NASCIMENTO, Edmundo Dantes. *Os cem erros mais correntes da língua portuguesa falada no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Rede Latina, 1960, p.11.

(A gramática) faz do uso da língua uma questão de disciplina, de obediência a 'dogmas', com forte componente elitista e repressivo. (...) Que se deve aprender a modalidade culta? Claro. Mas isso não permite reduzir o estudo gramatical a um manual de etiquetas.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas: Unicamp, 1987.

Ora, tais gramáticas estão para a Lingüística mais ou menos como Galileu está para a Física Moderna, isso se considerarmos de maneira otimista e generosa apenas os tópicos nos quais discutem a organização interna da língua e sua eventual relação com o mundo, que é o caso da herança filosófica das gramáticas. Quanto ao mais, a atitude é meramente normativa, pré-baconiana nos melhores casos, e manual de etiqueta – ruim – nos piores. O melhor testemunho desse atraso é o sucesso de pseudoprofessores nos meios de comunicação, que nada mais fazem do que repetir materiais do nível das apostilas dos cursinhos, com listas de "problemas" de uso do português falado julgado à luz da língua escrita. Faça o leitor a suposição de que os programas e as colunas sobre música, teatro e economia sejam do mesmo calibre, e o atraso saltará aos olhos ainda mais claramente.

POSSENTI, Sírio. In: MUSSALIM, F. BENTES, Anna. *Introdução à lingüística*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 8.

Os delinqüentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico 'Quem faz a língua é o povo' verdadeiro mote para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos conhecedores de nosso vocabulário.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. *Língua portuguesa: volume único: ensino médio: livro do professor*. São Paulo: IBEP, 2005, p.11.

ANEXO 2 - TEXTO 2

Brasil e Portugal já falam duas línguas diferentes

Me perguntam frequentemente se o português do Brasil e o português de Portugal já são línguas diferentes. Os cientistas que encaram a língua como uma atividade social, um trabalho empreendido pelos falantes nativos em conjunto, por meio do qual eles constroem a identidade cultural de sua comunidade lingüística, respondem sim, brasileiros e portugueses falam línguas diferentes. Línguas muito aparentadas, é verdade, mas diferentes, porque nenhum brasileiro está preocupado em construir, com sua atividade lingüística, a identidade cultural do povo português, e vice-versa.

Quanto ao nome que se deve dar à língua falada aqui, acho que a designação português brasileiro (empregada como termo técnico pelos pesquisadores) já dá conta de mostrar que estamos nos referindo a uma língua diferente da língua dos portugueses. É importante reconhecer essas diferenças, deixar de considerá-las como "erros" e admitir que são, de fato, regras que pertencem à gramática da língua materna de 170 milhões de seres humanos.

Infelizmente, porém, o reconhecimento tranquilo dessas diferenças ainda está muito longe de ser uma realidade. Apesar dos grandes avanços da ciência lingüística no Brasil e das importantes contribuições que ela tem dado à reformulação do ensino de língua nas escolas, o espírito colonial ainda é muito forte em nossa sociedade no que diz respeito às questões lingüísticas. A maioria dos brasileiros rejeita sua maneira de falar, porque tenta ouvir e ver sua língua com ouvidos e olhos do Outro, do português, suposto "dono" da língua.

Basta ver o comportamento francamente esquizofrênico dos nossos meios de comunicação. De um lado,

existe a prática dos jornalistas e demais comunicadores, que oferecem múltiplos exemplos de uso eficiente e criativo do português brasileiro em seus textos escritos. Do outro lado, os manuais de redação das empresas jornalísticas, que cobram a obediência estrita a regras sintáticas obsoletas, que ninguém mais emprega, nem mesmo os escritores, tidos como "modelos" de uso "correto" do idioma. Esses manuais, em muitos casos, são mais conservadores e inflexíveis do que as próprias gramáticas normativas, que já se baseiam em concepções arcaicas de língua e linguagem, cristalizadas numa doutrina que se mantém intacta há 2 300 anos!

Seria muito saudável, para uma efetiva democratização das relações sociais em nosso país, que os profissionais da comunicação procurassem se inteirar das discussões científicas sobre a língua do Brasil. Para fazer isso, será preciso que recorram aos lingüistas profissionais, e não a autoproclamados "defensores da língua" que, sem nenhuma formação científica consistente, lutam contra a "ruína" e "corrupção" do português.

Acreditar que existem erros na língua falada ou que ela pode se corromper é tão científico quanto acreditar que a Terra é plana e o Sol gira em torno dela, ou que as moscas nascem da carne podre. É triste verificar que esse folclore lingüístico, que não resiste à menor análise empírica, ainda vigora com tanta intensidade no senso comum dos brasileiros. Pior ainda é que ele seja alimentado diariamente pelos meios de comunicação, que dão roupagem eletrônica de última geração ao que existe de mais arcaico, rudimentar e tosco em termos de concepções de língua.

ANEXO 3 - TEXTO 3

Jerimum tresandado

Por que é ridículo o sotaque dos atores da Globo que interpretam personagens nordestinos

Sempre que a Rede Globo coloca no ar uma novela passada fora do eixo Rio – São Paulo, nordestinos alisam o cabo da peixeira. Tudo por causa do sotaque dos personagens, que soa ridículo aos ouvidos dos moradores dessa região do Brasil. Segundo pesquisa do Ipesp, instituto pernambucano, feita no Ceará durante a exibição da novela *A Indomada*, no ano passado, apenas 13 % dos moradores da região se sentiram bem representados nas falas dos personagens. Os demais se dividiam entre os que achavam ridículo e os que encaravam tudo como piada. No centro dessa discussão está a professora de prosódia da Globo, Iris Gomes da Costa, hoje responsável pelas aulas de “dialeto cearense” da novela *Meu Bem Quer*. Fluminense de São Fidélis, Iris é formada em português e francês e faz um trabalho meticuloso. Sempre que viaja leva um gravadorzinho na bolsa. Quando entabula uma conversa

com alguém do lugar que está visitando, pede autorização para gravar um trecho do diálogo. Com isso, formou um arquivo de prosódias que mapeia o jeito de falar de cada região. Ela o usa em suas aulas na emissora.

Mesmo com esses cuidados, o sotaque nordestino dos atores da Globo está longe de ser realista. Um dos motivos principais é que imitar o jeito de falar de uma região é uma das coisas mais difíceis da arte dramática. Se atores de cinema tarimbados evitam esse constrangimento – o britânico Hugh Grant, por exemplo, sempre faz papel de inglês em filmes americanos –, que dizer, então, de galãs da Globo, recém-saídos da escola de modelos, que tentam aprender o sotaque nos intervalos entre uma gravação e outra? A própria Iris admite que a fala cearense da novela é de mentirinha. “É uma obra de ficção, o importante é ter uma referência vaga”, defende-se.

A Globo começou a utilizar sotaques regionais em novelas

em 1975, quando o diretor Walter Avancini contratou Lúcia Rocha, mãe do cineasta Glauber, para ensinar os personagens de *Gabriela* a falar “baianês”. Quando fez isso, contrariou uma regra de ouro da dramaturgia: aquela que reza que sotaques falsos devem ser utilizados apenas em peças cômicas, já que soam invariavelmente ridículos. É assim desde a *commedia dell'arte*, italiana, na qual os criados falavam sempre com acento napolitano – uma brincadeira com o fato de que era do sul pobre do país que vinham os serviçais da nobreza. A cantora baiana Daniela Mercury não se importa com a fajutice do sotaque nordestino global. “Tem a vantagem de não massificar a televisão com as falas de São Paulo e Rio.” O humorista Tom Cavalcante, que é cearense, acha que imitações só caem bem em piadas. O escritor Ariano Suassuna, paraibano, é radicalmente contra. “Nas adaptações de minhas peças para TV exijo que não façam sotaque nenhum.” Quando o interlocutor pergunta a razão, Ariano começa a imitar o jeito de falar de cariocas e paulistas – e se diverte com as risadas que provoca.

ANEXO 4 - TEXTO 4



SANTANA, Raquel. Narração em Portugal é um show à parte. In: TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua Portuguesa**: volume único: ensino médio: livro do professor. São Paulo: IBEP, 2005, p. 145.

ANEXO 5 - TEXTO 5

**Fragmentos da entrevista com o professor Marcos Bagno
Por Carlos Azevedo et al.**

Certamente por ignorância, a gente “descobriu” só agora um representante do grupo de lingüística que está virando de cabeça pra baixo o português brasileiro, a língua que o povo fala, que as famílias falam, que nós falamos, e não aquela que pregam os manuais de redação ou os “consultórios” gramaticais dos jornais. Apostamos que a maioria de vocês, leitores que sabem ler, será surpreendida por este papo impressionantemente revelador com o autor do livro preconceito lingüístico (hoje na 49ª edição).

1ª parte
THIAGO DOMENICI Quando começou o seu interesse pela lingüística?

Desde criança me interessei por línguas em geral, pelo fenômeno da linguagem, sempre gostei de ler e de escrever, e aí, conseqüentemente, inventei que queria ser escritor.

[...]

MILTON SEVERIANO É possível estudar, dissecar a língua e considerar as pessoas que falam?

Cada vez mais a gente vem se convencendo de que tudo que existe na língua tem a ver com quem fala a língua, onde, por que, em que situação, em que cultura, em que sociedade.

CARLOS AZEVEDO Então no Brasil não haveria uma língua única, na sua opinião?

O próprio conceito de língua é muito complicado. A eterna discussão no Brasil se o português brasileiro é uma língua diferente do português europeu. Acho cada vez mais impossível fazer a separação da língua e dos falantes, do cidadão que se exprime por meio dessa língua ou dessas línguas, se for mais de uma.

[...]

MARCOS ZIBORDI A linguagem da Internet é necessariamente um rebaixamento da língua?

Do ponto de vista científico, a gente nunca fala que existe uma forma mais nobre ou inferior ou mais rebaixada de usar a língua. Na Internet há um uso da língua com suas características e suas peculiaridades e a gente tem que encarar dessa maneira.

RENATO POMPEU Pelo que entendi o seu trabalho representa uma reabilitação dos falares populares. Considerar tão digno dizer “nós vamos” e “nós vai”, as duas frases exercem a mesma função comunicativa e uma não é melhor do que a outra. Mas como isso se aplicaria nas escolas?

Do ponto de vista da lingüística científica não existe nenhuma diferença entre “nós vai” e “nós vamos”. As duas têm razão de ser, têm uma lógica interna, respondem a processo de transformação da própria língua. Mas aí é que entra a diferença entre o estudo sociológico e o relativismo meio simplista, essa coisa horizontal que a sociolingüística variacionista coloca. Na sociologia da linguagem vira uma coisa vertical em que os diferentes falares sociais são hierarquizados diferentemente. Então, algumas formas lingüísticas gozam de prestígio na sociedade e outras sofrem estigma. As que gozam de prestígio são aquelas usadas pelas camadas dominantes da sociedade. Quando há uma inversão desses papéis sociais - como aconteceu na França no século 18 com a Revolução Francesa -, quando uma classe social assume o poder, evidentemente a sua maneira de falar vai passar a ser considerada a mais bonita, a mais correta, aquela que deve ser imitada. O exemplo da França é o mais eloqüente a esse respeito. Muitas coisas que eram condenadas, consideradas feias, fala vulgar etc., com a ascensão da burguesia ao poder se transformaram no francês modelar, que todo mundo tem que aprender e ensinar.

[...]

**Fragmentos da entrevista com o professor Marcos Bagno
Por Carlos Azevedo et al.**

2ª parte

CARLOS AZEVEDO A gente ouve dizer que a língua está se vulgarizando, perdendo a sua harmonia, a sua beleza. Isso está acontecendo ou é uma visão preconceituosa?

É recorrente esse discurso de que a língua de hoje representa um estado deteriorado de uma suposta época de ouro no passado. A gente encontra isso em qualquer língua, em toda a história, desde pelo menos o século 3 a.C., e para o lingüista isso não faz o menor sentido. As línguas se transformam, mudam nem pra melhor, nem pra pior, simplesmente mudam para atender às necessidades cognitivas e interacionais de seus falantes. Porque, se quiséssemos manter a pureza do português, teríamos de falar latim, mas o latim já é uma língua derivada de outra, então, se a gente quisesse manter a pureza do latim, a gente teria de falar indo-europeu, que é uma língua falada 5.000 anos antes de Cristo.

CARLOS AZEVEDO E essa invasão estrangeira, delivery, essas coisas todas, isso significa o quê?

Significa que o imperialismo americano está aí, que a globalização não existe, o que existe é a norte-americanização do mundo. A invasão, como as pessoas falam, esse uso intenso de termos estrangeiros, que não são estrangeiros, são do inglês, porque não vejo ninguém usar uma palavra turca, indonésia ou sul-africana pra designar nada, nem francês, que hoje é uma língua semiconsciente, quase morta.

MICHELLA PIVETTI Existe um aprendizado que não necessariamente é natural. Em todas as culturas, aprender a falar corretamente é uma coisa ensinada, existe uma norma. Isso seria elitizar pela língua, ou seria uma questão de todo mundo poder ter direito a uma boa educação, com bons professores e um bom método?

Existem os casos mais gerais das culturas ocidentais e o caso específico do Brasil. O aprendizado da língua se dá naturalmente fora da escola, aqui nesta roda todo mundo aprendeu a falar em casa com os pais, com os vizinhos, com os amigos. A língua se aprende na interação social, na infância, com as pessoas que estão ali. Evidentemente essa, digamos língua natural, num determinado momento da história desse povo vai ser arrancada do seu estado natural e transformada naquilo que você chamou de norma. Qual é o estado natural – sempre entre aspas - de uma língua? É que as pessoas das diferentes idades e diferentes gerações falem de maneira diferente, então a variação lingüística, a heterogeneidade lingüística, é o estado natural da língua. Quando você vai estudar uma língua de um povo que não tem escola, não tem escrita, vive numa sociedade ágrafa, é que você vai ver que há uma enorme diversidade lingüística. Nas culturas ocidentais que passaram pelo processo de normatização o que aconteceu foi isso, em determinado período da história – no caso do português e na maioria das línguas européias foi no Renascimento, por causa da unificação dos Estados nacionais, a queda do feudalismo -, para criar uma identidade nacional era preciso criar um modelo de língua. Então eram criadas as leis, as normas sociais, as normas políticas e também as normas lingüísticas. Até para fins burocráticos, para poder emitir documentos, produzir as leis, era preciso ter um modelo de língua, então a língua foi retirada da heterogeneidade natural dela e transformada num modelo mais homogêneo, houve essa normatização da língua. No caso específico do português brasileiro, o grande problema é que essa norma é muito rígida, muito obsoleta, muito ultrapassada. Em outros países, que têm sociedades mais democráticas, por exemplo, nos Estados Unidos, a língua inglesa em geral, à medida que vão surgindo novas formas de falar e escrever, essa norma padrão vai incorporando sem muito trauma, os dicionários autorizam e por aí vai. Aqui no Brasil isso não acontece porque é fruto do nosso processo colonial, a tentativa das nossas elites desde sempre de se afastar do vulgo, do populacho, da negriada, da índiada e criar uma casta branca superior, europeizada. E essas benditas formas brasileiras continuam sendo consideradas erros a ser evitados, e vai o Pasquale Cipro Neto vociferar na televisão e na Folha de São Paulo que aquilo ali não pode, que é língua de índio, de pobre, de burro, vai aquela descabelada chamada Dad Squarisi, que é uma das pessoas mais burras que eu já vi, falar que isso devia ser evitado.

[...]

Fragmentos da entrevista com o professor Marcos Bagno Por Carlos Azevedo et al.

3ª parte

SÉRGIO DE SOUZA Voltando lá atrás na entrevista, sobre a invasão do inglês, vocês são contra o uso dessas palavras?

Eu sempre digo que, quando a questão é língua, temos que olhar por dois aspectos, o lingüístico propriamente dito e o sociológico. Do ponto de vista lingüístico, o uso de palavras em inglês, por mais abundante que seja não afeta a estrutura da língua portuguesa. O famoso projeto do deputado Aldo Rebelo, que dizia que os brasileiros são quase bilíngües, que daqui a pouco o português vai desaparecer isso do ponto de vista científico é ridículo, não tem nenhuma fundamentação. Mesmo que usássemos todo o vocabulário da língua inglesa, a estrutura gramatical ia continuar sendo o português. No dia que a gente começar a falar “eu tenho uma amarela casa”, aí sim o inglês está influenciando a estrutura sintática gramatical do português. Mas não é o que acontece.

[...]

SÉRGIO DE SOUZA Vocês, os novos lingüistas, estudam também o escrevente, além do falante?

Desde que surgiu a lingüística como ciência, no início do século 20, sempre se deu primazia à língua falada, porque é ali que você tem a língua viva, a maneira como ela está acontecendo hoje. Mas, mais recentemente, principalmente por influência dos antropólogos, dos psicólogos sociais e dos educadores, a língua escrita também entrou na pauta de interesse dos lingüistas. E existe uma grande quantidade de pessoas estudando relações entre fala e escrita. Por que se preferiu a língua falada? Porque ela, digamos, está no seu estado mais natural. Se você quiser conhecer realmente o dialeto de um determinado lugar, você vai entrevistar de preferência um analfabeto, ali que você vai ver realmente como é que se fala naquela região, porque quando a pessoa vai para a escola a escrita já começa a influenciar. A pessoa vai querer falar “brasileiro”, “beijo”, quando no Brasil a gente fala “brasileiro”, “bejo”. A pessoa quando entra em contato com a escrita, fatalmente a sua maneira de falar acaba sendo influenciada pela ortografia, pela leitura. A pesquisa lingüística primordialmente se fazia com a língua falada, mas agora cada vez mais a gente se preocupa com as questões de escrita, principalmente quando o assunto é educação, ensino. E daí a importância daquela palavrinha que eu falei lá atrás, o letramento.

CARLOS AZEVEDO Se costuma dizer que a televisão, para se tornar nacional, passou a fazer um processo de padronização da língua do Brasil. Esse seria um fenômeno enriquecedor ou empobrecedor?

De fato, a televisão é um veículo que acaba homogeneizando não só a linguagem, mas os costumes, os gostos, a música, as crenças, a ideologia. E isso acontece com a língua também. Por exemplo, várias pesquisas já mostraram que para os brasileiros em geral o ideal de língua, que eles acham mais bonito, a maneira como eles gostariam de falar é o Jornal Nacional, da Rede Globo. Willian Bonner é o objeto de desejo da maioria dos brasileiros, eles gostariam de falar daquele jeito. É uma pronúncia mais próxima do Sudeste, mas você não identifica. Ele não chia os esses, como os cariocas, não fala “porta” com o r vibrado simples do paulistano nem muito menos retroflexo (o chamado “r caipira”), então ali se criou essa língua supostamente neutra, que é o que todo mundo quer falar, você chega no interior do Piauí, o locutor de FM quer falar daquele jeito. É a tentativa de padronização da língua, que não é típica, nem regionalizada, é aquela que se parecer mais com esse padrão.

RENATO POMPEU Por outro lado, atualmente na novela das 6, que passa em uma pequena cidade de Minas, eles estão utilizando o dialeto caipira.

Essas novelas têm um problema sério, porque na verdade criam um estereótipo da língua local e acabam fazendo essa coisa mais caricaturada mesmo. As novelas que tentam reproduzir o nordestino na Globo são horríveis. Eu sempre digo, é no nordeste de Marte que se fala assim? Morei oito anos no Recife, conheço bem as variedades lingüísticas nordestinas e não tem ninguém que fale daquele jeito afetado, muito artificial. O morador do Sudeste, principalmente os paulistas, tem uma idéia do Nordeste e do Norte como o americano tem do Brasil. Daquela coisa exótica. Tem paulista que acha que vai chegar em Salvador e todo mundo vai estar vestido de baiana no meio da rua...

Língua enrolada

O professor de português mais conhecido do país fala sobre os maus-tratos cotidianos infligidos ao nosso idioma

Mario Sabino

A agenda do paulista Pasquale Cipro Neto, de 42 anos, anda carregadíssima. Ele ministra cursos, mantém programas no rádio e na televisão, presta consultoria a jornais e está finalizando um livro. Em meio a tantas atividades, ainda encontrou tempo para estrelar um comercial de uma rede de lanchonetes. Poder-se-ia até pensar que se trata de um mago da auto-ajuda ou de um administrador com técnicas mirabolantes de reengenharia. Pasquale, no entanto, é professor de português – um idioma que, de tão maltratado no dia-a-dia dos brasileiros, precisa ser divulgado e explicado para os milhões que o têm como língua materna. Num intervalo de seus afazeres, ele deu a seguinte entrevista à VEJA.

Veja — Por que o português é tão mal-falado e escrito no Brasil?

Pasquale — Há duas causas visíveis. Com o depauperamento geral da educação, o ensino de língua portuguesa acabou confiado a professores despreparados

“O sujeito que usa um termo em inglês no lugar do equivalente em português é um idiota”

para a tarefa. Os brasileiros também lêem pouco, o que resulta numa tremenda limitação do vocabulário. Existe, ainda, um motivo invisível para o estado trágico em que se encontra o português no Brasil: a má-intenção. Uma grande parcela da população é mantida na ignorância, com o propósito de distanciar-la da sintaxe dominante. E é na sintaxe dominante que são redigidos os contratos e as leis, um exemplo cabal de que língua é poder. Sem ter acesso a ela, o povo é facilmente manobrado.

Veja — Como o senhor vê o uso de tantas palavras inglesas no cotidiano dos brasileiros?

Pasquale — Essa invasão é a face mais irritante de um país colonizado culturalmente como o nosso. Outro dia, presenciei uma cena surrealista no banheiro de um centro de compras, vulgo shopping center. Ao lavar as mãos, um sujeito quebrou a saboneteira porque traduziu “push”, “empurrar” em inglês, por “puxar”. Não há motivo para uma saboneteira no Brasil ter inscrições em outra língua. Sempre me pergunto por que as pizzarias que entregam por encomenda têm de ser “delivery”. Sem falar no “disk” que é uma bobagem de origem indecifrável. O sujeito que usa um termo em inglês no lugar do equivalente em português é, na minha opinião, um idiota. Evidentemente, não há mal

nenhum em utilizar palavras estrangeiras que não têm correlato na nossa língua. Tenho muita simpatia, por exemplo, pela palavra “dumping”, que significa vender abaixo do preço de custo. É sintética e forte – não existe em português uma palavra para substituí-la adequadamente.

Veja — Em que lugar do Brasil se fala o melhor português?

Pasquale — Certa vez fui ao Maranhão porque me disseram que lá se falava um português menos contaminado. Pura lenda. Acho que, no cômputo geral, o carioca é o que se expressa melhor na norma culta. Ele não come o “s” quando usa o plural, utiliza os pronomes com mais propriedade, não erra tanto nas concordâncias e tem uma linguagem mais criativa.

Veja — E onde se fala o pior?

Pasquale — A São Paulo que fala “dois pastel” e “acabou as ficha” é um horror. Não acredito que o fato de ser uma cidade com grande número de imigrantes seja uma explicação suficiente para esse português esquisito dos paulistanos. Na verdade, é inexplicável.

Veja — O que o senhor acha da sintaxe do presidente Fernando Henrique Cardoso?

Pasquale — O presidente segue aquilo que se chama norma urbana culta. É claro que, sob a luz da gramática normativa, há problemas em seus discursos, em especial naqueles feitos de improviso.

Mas dá para entender as dificuldades de Fernando Henrique: se falar muito fácil, haverá quem diga que se trata de um demagogo. De qualquer forma, ele tropeça muito menos no português do que o Fernando anterior.

Veja — *O ex-presidente Fernando Collor errava muito?*

Pasquale — E como! O curioso é que muitas pessoas que votaram nele justificaram sua escolha dizendo que o Lula era analfabeto. Ora, o Fernando detonava a língua. Ele costumava mandar bilhetinhos para seus assessores com erros de concordância. Certa vez escreveu: “Causa-me espanto as repercussões”, com o verbo no singular e o sujeito no plural. Fernando também dizia barbaridades do tipo “a polícia entrevistou” e tal coisa “rão se adéqua”. Ninguém falava nada. Em compensação, o mundo caiu em cima do ex-ministro Rogério Magri quando ele soltou o “imexível”. Sabe por quê? Porque língua no Brasil é um incrível elemento de discriminação social. Os mesmos que apedrejam o Lula por que ele fala “penso de que” bancam os surdos ao ouvir um empresário cometer uma bobagem idêntica. Não há diferença entre a linguagem média do empresário brasileiro e a de um sindicalista. Estamos todos nivelados por baixo.

Veja — *De onde vem o famigerado “a nível de”?*

Pasquale — O “a nível de” é uma daquelas bizarrices que surgem da cabeça do cidadão que, na falta de conteúdo, tenta sofisticar seu discurso lascando no meio umas expressões de efeito. No caso específico do “a nível de”, virou praga mundial. O pior é que em 99% das vezes não faz o menor sentido. Já ouvi gente dizendo que “o jogador sofreu uma contusão a nível de joelho”, o que é ridículo. Assim como essa, existem outras expressões idiotas. Hoje, por exemplo, ninguém faz nada “para”, mas “no sentido

de”. Usar a língua direito não é inventar rococós, é ser claro, direto.

Veja — *Por que os brasileiros se confundem tanto na hora de usar crase?*

Pasquale — O caso da crase espelha bem a desgraça do ensino de português no Brasil. Crase é uma coisa maravilhosa. É um fenômeno da língua portuguesa que pode ser explicado de uma forma muito simples: antes de mais nada, é preciso dizer para o aluno que a palavra “crase” vem do grego e significa “fusão”, “mistura”. Depois, o professor deve mostrar que uma crase normalmente é formada pela fusão da preposição “a” exigida pela palavra anterior com o artigo feminino “a” da palavra posterior. O aluno precisa entender ainda que, quando coloca o maldito acento “grave”, e não “acento crase”, está indicando a ocorrência do fenômeno. É necessário mastigar todo o processo, o que poucos colegas fazem.

Veja — *O que o senhor acha do Dicionário Aurélio, o mais popular do Brasil?*

Pasquale — Um bom dicionário tem de ter critérios bem definidos, não pode oscilar entre o rigor absoluto com a língua e a condescendência. Desse ponto de vista, o Aurélio é inconsistente. Do verbo “conscientizar”, para citar um exemplo, ele só registra a forma transitiva direta. No Aurélio, as pessoas “conscientizam o problema” e não “se conscientizam do problema”, que é como todo mundo fala. Já “parabenizar”, que não é do português, transformou-se em um verbete. Há também erros de grafia, o que é imperdoável. No verbete “trólebas”, a palavra está sem acento. Além disso, ele não tinha direito de escrever: “fôrma”, com o acento diferencial no “o”. Esse acento diferencial de timbre caiu na reforma ortográfica de 1971. Como o Aurélio era contra

eliminação do diferencial, registrou a palavra do jeito dele.

Veja — *Como o senhor avalia o português falado na televisão?*

Pasquale — Não assisto a novelas e, por isso, não posso avaliar o que se passa nelas. Quanto aos apresentadores de telejornais, os que vêm domeio impresso parecem dominar melhor o português. No esporte, porém, é uma tragédia. Os locutores vivem inventando umas expressões bobas, como “correr atrás do prejuízo”, usada para o time que precisa virar uma patida. Quem é o maluco que “corre atrás do prejuízo”? As pessoas correm atrás de lucro. Outra cretinice é “handicap”, “desvantagem” em inglês, que virou seu antônimo nas transmissões esporivas — a equipe que joga em casa no Brasil passou a ter um “handicap”.

Veja — *Qual foi o pior erro que o senhor já cometeu?*

Pasquale — Morro de vergonha de ter esquecido em certa ocasião, enquanto estava corrigindo uma prova do vestibular do ITA, a forma irregular do pretérito perfeito do verbo “prazer”: “aprouve”. Cometi um deslize também na gravação de um dos comerciais que fiz recentemente. Em determinado momento, cansado de gravar e regravar, soltei: “Portanto, você deve dizer para mim comer”. O pessoal caiu na risada. Antes que eu me esqueça: o correto é “para eu comer”.

Veja — *É mais confortável vender hambúrgueres do que hamburgers?*

Pasquale — Quando aceitei fazer os comerciais, impus a condição de não mencionar o produto. Não vendi hambúrgueres nem hamburgers. Divulguei a língua portuguesa.

ANEXO 7- TEXTO 7

Conhecimentos de Língua Portuguesa

exposto representa uma síntese das teorias de-
olvidas, nas últimas décadas, sobre o processo
ensino/aprendizagem da língua materna e o pa-
pue ele ocupa. A novidade está em antever a dis-
na, no eixo interdisciplinar: o estudo da língua
na escola aponta para uma reflexão sobre o
a língua na vida e na sociedade.

disciplina na LDB n. 5.692/71 vinha
omizada em Língua e Literatura (com ênfase
literatura Brasileira). A divisão repercutiu na
nização curricular: a separação entre gramáti-
tudos literários e redação. Os livros didáticos,
eral, e mesmo os vestibulares, reproduziram o
lo da divisão. Muitas escolas mantêm profes-
especialistas para cada tema e há até mesmo
específicas como se leitura/literatura, estudos
aticais e produção de texto não tivessem rela-
ntre si. Presenciamos situações em que o ca-
do aluno era assim dividido.

perspectiva dos estudos gramaticais na escola,
je centra-se, em grande parte, no entendimen-
nomenclatura gramatical como eixo principal;
ção e norma se confundem na análise da fra-
sa deslocada do uso, da função e do texto. (...)
estudo gramatical aparece nos planos
ulares de Português, desde as séries iniciais,
ue os alunos, até as séries finais do Ensino
, dominem a nomenclatura. Estaria a falha nos
s? Será que a gramática que se ensina faz sen-
ara aqueles que sabem gramática porque são
tes nativos? A confusão entre norma e
ticalidade é o grande problema da gramática
da pela escola. O que deveria ser um exercí-
ra o falar/escrever/ler melhor se transforma
na camisa de força incompreensível.

estudos literários seguem o mesmo caminho.
ória da literatura costuma ser o foco da com-
ção do texto; uma história que nem sempre
ponde ao texto que lhe serve de exemplo. O
to de texto literário é discutível. Machado de
é literatura. Paulo Coelho não. Por quê? As
ações não fazem sentido para o aluno. (...)

O processo de ensino/aprendizagem de Língua
Portuguesa, no Ensino Médio, deve pressupor uma
visão sobre o que é linguagem verbal. Ela se carac-
teriza como construção humana e história de um sis-
tema lingüístico e comunicativo em determinados
contextos. Assim, na gênese da linguagem verbal
estão presentes o homem, seus sistemas simbólicos
e comunicativos, em um mundo sociocultural.

As expressões humanas incorporam todas as
linguagens, mas, para efeito didático, a lingua-
gem verbal será o material de reflexão, já que,
para o professor de língua materna, ela é
prioritária como instrumento de trabalho.

O caráter sociointeracionista da linguagem
verbal aponta para uma opção metodológica de
verificação do saber lingüístico do aluno, como
ponto de partida para a decisão daquilo que será
desenvolvido, tendo como referência o valor da
linguagem nas diferentes esferas sociais.

A unidade básica da linguagem verbal é o texto,
compreendido como a fala e o discurso que se pro-
duz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua
atualização e a razão do ato lingüístico. (...)

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Por-
tuguesa deve basear-se em propostas interativas lín-
gua/linguagem, consideradas em um processo
discursivo de construção do pensamento simbólico,
constitutivo de cada aluno em particular e da socie-
dade em geral.

Essa concepção destaca a natureza social e
interativa da linguagem, em contraposição às con-
cepções tradicionais, deslocadas do uso social. O tra-
balho do professor centra-se no objetivo de desen-
volvimento e sistematização da linguagem
interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização
da mesma e o domínio de outras utilizadas em dife-
rentes esferas sociais. Os conteúdos tradicionais de
ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical
e história da literatura são deslocados para um se-
gundo plano. O estudo da gramática passa a ser es-
tratégia para compreensão/interpretação/produção de
textos e a literatura integra-se à área de leitura. (...)

ANEXO 8 - TEXTO 8

Erro de PORTUGUÊS não existe

Escritor e lingüista denuncia o preconceito lingüístico e considera absurdo dizer que os brasileiros não sabem português

Flávio Lobo

“O brasileiro sabe o seu português, o português *do Brasil*, enquanto os portugueses sabem o português *deles*. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas *diferentes* um do outro.”

Nesse trecho de seu livro *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz*, Marcos Bagno ataca a crença segundo a qual “brasileiro não sabe português e só em Portugal se fala bem português”. Esse “mito” seria um dos pilares do que ele chama de “mitologia do preconceito lingüístico” – um conjunto de crenças equivocadas, responsável pela má qualidade e ineficiência do ensino do português nas escolas e pela dificuldade que muitos brasileiros têm no trato com a língua materna.

Para Bagno, o “erro de português”, que amedronta, intimida e humilha tanta gente, simplesmente não existe. Haveria, na verdade, diferentes variedades do português. Cada uma delas perfeitamente válida em seu contexto. Todas merecedoras de respeito.

Autor de livros para crianças, jovens e adultos, incluindo ficção e obras sobre língua e literatura, Bagno, que tem 37 anos, também é tradutor. Formado em Letras, com mestrado em Lingüística, hoje faz doutorado em Língua Portuguesa na USP. Desde a graduação, ele se interessou pela sociolingüística – disciplina que estuda as relações entre língua e sociedade – e pela revisão dos conceitos de “norma culta”, “norma padrão”, do que é certo e errado na língua. Estu-

dos e revisões que, segundo ele, não têm sido acompanhados por muitos dos que se apresentam como especialistas no debate sobre ensino e sobre a situação da língua portuguesa no Brasil.

De acordo com Bagno, existe uma “briga” entre dois grupos no campos das questões lingüísticas e gramaticais. Um é composto por lingüistas, verdadeiros especialistas no assunto. O outro seria o dos “puristas”, defensores de uma tradição gramatical dogmática e anticientífica.

Mídia – O surpreendente, diz ele, é que, ao mesmo tempo em que o MEC estaria ouvindo os lingüistas, e acompanhando as pesquisas acadêmicas – num processo de modernização evidenciado nos novos Parâmetros Curriculares Nacionais –, os meios de comunicação estariam desempenhando um papel mais conservador. Quase todos os programas de rádio e TV, colunas de jornais e revistas, manuais de redação, CD-ROMs e até sites na Internet dedicados a questões da língua estariam tentando preservar normas ultrapassadas por meio do que ele denomina “comandos paragramaticais”.

“As pessoas que falam e escrevem sobre a língua na mídia em geral são jornalistas, advogados ou professores de português que não estão ligados a pesquisas, não participam do debate acadêmico, não estão em dia com as novas tendências da lingüística – são os que eu chamo de “gramatiqueros”, critica Bagno. Para ele, esses “pseudo-especialistas”, ao tentar fazer

as pessoas decorarem regras que ninguém mais usa, estariam vendendo “fósseis gramaticais”, fazendo da suposta dificuldade da língua portuguesa um produto de boa saída comercial.

Outro “mito” tratado no livro *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz* é a idéia, bastante difundida, de que a língua portuguesa é difícil. Bagno afirma que a dificuldade de se lidar com a língua é resultado de um ensino marcado pela obsessão normativa, terminológica, classificatória, excessivamente apegado à nomenclatura, um ensino que parece ter como objetivo a formação de professores de português e não a de usuários competentes da língua. E que ainda por cima só poderia formar maus professores, já que estaria baseado numa gramática ultrapassada, que não daria conta da realidade atual da língua portuguesa no Brasil.

Ele acredita que se, em vez disso, os professores se concentrassem no que é realmente importante e interessante na língua, se ajudassem os alunos a desenvolver sua capacidade de expressão e reflexão, não haveria tanta gente – depois de anos e anos de estudo – em pânico diante do desafio de escrever uma pequena redação no vestibular.

As críticas que faz à gramática tradicional não devem ser confundidas com um “vale tudo” lingüístico, explica Bagno. “No campo da língua, na verdade, tudo vale alguma coisa”, assegura o escritor. Mas esse valor dependeria do contexto, de “quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por que e visando a que efeito”.

Quanto ao ensino nas escolas, diz ele, a norma culta deve mesmo ser o principal objeto de estudo. O problema estaria na definição da norma culta a ser ensinada. A “norma culta idealizada”, que só existiria nas gramáticas, deveria ser deixada de lado para dar lugar à norma culta real – identificável na fala e na escrita atual da população culta do país.

As diferenças entre a norma culta das gramáticas tradicionais e a norma culta real, de acordo com Bagno, não são tão grandes. Elas parecem mais frequentes e profundas, segundo ele, por causa do esforço feito pelos “gramatiquinhos” para preservar seus “tesouros lingüísticos”. “Bastaria eles tirarem as teias de aranha da cabeça para verem que a língua portuguesa não se desintegraria caso eles a deixassem livre para seguir seu curso”, ironiza.

Interpretação – Falando das regras que vão contra a evolução natural da língua portuguesa no Brasil, Bagno cita casos como o do verbo assistir: “O professor pode repetir mil vezes que assistir é transitivo indireto, que o aluno sai da aula e diz que vai assistir o filme em vez de assistir ao filme. Muitos jornalistas, por exemplo, que se esforçam para escrever e falar

‘certo’ dizem que um milhão de pessoas assistiram ao filme, mas logo se traem ao dizer que o filme foi assistido por um milhão de pessoas – sendo que um verbo transitivo indireto não admitiria essa forma passiva.”

Outro exemplo seria o famoso *se de vendem-se casas*. Para Bagno, os brasileiros interpretam esse *se* não como uma partícula apassivadora, mas como índice de indeterminação do sujeito. Uma interpretação, assegura ele, perfeitamente razoável e legítima. “Eu mesmo, em meus livros, só escrevo vende-se casas, ensina-se matérias e não deixo os revisores ‘corrigirem’”.

Desuso – Ele também não vê como erro, mesmo para quem pretende se expressar na norma culta, formas como *vi ele* em vez de *o vi* e a substituição dos pronomes *seu* e *sua* por *dele* e *dela* sempre que se referem a *ele* ou *ela*. “O brasileiro só usa *seu* e *sua*, com naturalidade, para dizer que algo pertence a *você*”.

Outras formas, há muito em desuso, como pronome *vós*, na visão de Bagno deveriam entrar em sala de aula apenas como uma curiosidade da história da língua, mencionadas como algo que os estudantes vão encontrar em textos antigos. “Não deveriam ser mais cobrados como parte do conhecimento ativo, prático, dinâmico da língua”.

Para que a língua seja ensinada de forma dinâmica, prazerosa e eficaz, precisaria ser entendida pelos professores como algo vivo em constante processo de evolução – e não de corrupção. Os professores de português precisariam ter uma postura similar à de um professor de biologia ou física, que sabe perfeitamente que muito do que ele está ensinando hoje pode ser reformulado ou mesmo negado amanhã”, defende Bagno.

Também é necessário, segundo ele, que o trabalho de identificação e descrição da norma culta brasileira atual, que está sendo feito por meio das pesquisas universitárias, sirva como base para a elaboração de gramáticas dirigidas ao ensino escolar e aos falantes da língua em geral. “É um trabalho que eu mesmo quero começar a fazer quando terminar o doutorado”, planeja.

Bagno considera indispensável o incentivo ao uso da norma culta, especialmente nas manifestações lingüísticas de maior importância e alcance sociocultural e nas que visem à comunicação entre as diferentes regiões do país. Mas, como escreveu no livro *Preconceito lingüístico*, “esse incentivo não precisa vir acompanhado do desdém, do menosprezo, da ridicularização das outras inúmeras normas lingüísticas que existem dentro do universo brasileiro da língua portuguesa”.

LOBO, Flávio. Erro de português não existe. In: *Educação*, Segmento, São Paulo, p. 26 - 28, jul. 1999.

LOBO, Flávio. Erro de português não existe. In: TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua Portuguesa**: volume único: ensino médio: livro do professor. São Paulo: IBEP, 2005, p.16-17

ANEXO 9 - TRANSCRIÇÃO DAS AULAS

Momento do grupo A**Tipo de gravação (Não-secreta)****Duração: 18 minutos****Data de registro: 02/06/2008****Turnos numerados de 01 a 60****(P: professora; A: aluno; S: segmento sonoro emitido pelo aluno não identificado durante a transcrição)**

Inicialmente, foram filmadas as atividades que envolviam a participação dos alunos. Após ler as citações sobre conceitos de língua, fizemos algumas perguntas aos alunos. Esse momento de interação durou 20 minutos. Ao longo do processo, a aula foi interrompida duas vezes: uma para atender a colega de trabalho que queria tirar uma dúvida sobre o horário; e outra para receber o aviso de que não haveria aula depois do intervalo.

É possível impedir a entrada dos alunos após as 13h15, mas não efetivamos tal procedimento que faz parte das normas disciplinares da escola.

Há alguns empecilhos ao início pontual da aula. O mais comum é esperar que a maioria dos alunos chegue. Mas, nesse dia especificamente houve muitos transtornos em relação à entrada dos alunos em sala de aula. A sala organizada em fileiras, sem muito espaço para circulação. Os alunos entram, puxam cadeiras e bancas, procuram uma posição menos desconfortável. Ao iniciar a fala, vimos alguns alunos de cabeça baixa, debruçados na banca como se quisessem relaxar, como se estivessem em casa, bem à vontade, ou com muita preguiça para estarem ali. Mas à medida que íamos falando alguns se recompunham, outros se mostravam ansiosos, fazendo pequenos movimentos semelhantes ao ato de batucar um pandeiro. Durante toda a aula, os alunos se mostraram inquietos, mas não foi pela presença da câmara filmadora, porque esta ficou disposta numa posição imóvel. Não houve interesse na captação de imagens, apenas de sons. Além do mais, em outros momentos, os alunos, às vezes, se comportam assim. Outros estudos detectaram variáveis do comportamento dos alunos, não é o caso deste estudo.

Antes da filmagem, visto o tempo total de 1h40min, foi distribuída uma folha de papel ofício contendo fragmentos de textos com conceitos sobre língua e em seguida algumas questões para debate.

Os trechos a seguir registram apenas o momento gravado.

01. P. Eu pensei em fazer um círculo, né? Mas como vocês viram, o colega chegando depois, e tal, pode ser que o círculo fique pior do que essa situação, né? Então, a gente faz o círculo, o círculo fica complicado porque nem todo mundo chega na hora. Mas hoje vamos fazer assim mesmo. O que é estudar a língua portuguesa? (silêncio) O que é estudar a língua portuguesa para você? Se a pergunta fosse “você gosta de estudar a língua portuguesa” ficaria melhor? Ficaria. Qual a sua resposta?

02. A1. Vai, [nome do aluno]?

(o aluno faz gesto de que não quer falar)

03. P. Olha, manda outra pessoa aí. Quem ajuda o colega?

04. A1. Pequeninho, professora. (a aluna se refere ao colega sentado ao lado dela)

05. A2. Professora, minha amiga vai responder.

06. A3. É estudar as classes gramaticais, concordância, ortografia...

(Muitos alunos murmuram neste momento em sinal de desacordo)

07. P. É a opinião dela, estudar a língua portuguesa para ela é estudar classes gramaticais, ortografia... Que mais? Eu tô escrevendo aqui (escreve no quadro de giz) porque ela respondeu ali tão baixinho... classes gramaticais, ortografia... O que mais? Estudar...

08. A4. Bom... pra mim... Bom, professora, eu acho que é tipo uma... Professora, tipo um desafio [...].

09. P. Ok! Agora a sua resposta foi bem... generalizada. Você não se deteve em língua portuguesa... você se deteve... A sua resposta foi bem generalizada, não é? Quem é que faria algo mais específico, tocaria na ferida da língua portuguesa?

10. A5. Professora...

11. P. Pronto, [nome da aluna]! Diga aí a sua opinião.

12. As. xxx

13. A1. Professora, ela disse que é ter conhecimentos... conceitos...

14. P. Conhecimentos... conceitos... Sobre o quê?

15. A1. Sobre a língua portuguesa.

16. P. Sobre a língua portuguesa, ok!

(Alguém abre a porta da sala)

17. A6. Professora?

18. A5. Tão chamando.

19. P. Oi. Tão me chamando aí na porta? Licença.

[...]

20. P. Ó, então vamos vê... A gente não pode fechar essa questão só com o que a gente ouviu, né? É preciso alguém... que mais alguém... Mais umas duas pessoas respondam essa questão: o que é estudar a língua portuguesa?

21. A1. Professora, ela quer que a senhora vá lá para ela falar com a senhora.

[...]

22. P. Ok! Então, complementando o que ela falou... sobre os conhecimentos, né? Ela falou ali bem baixinho pra mim, entendeu? Ela tocou na questão de vícios de linguagem, né? Modos de falar... em outras palavras, né? Modos de falar, modos de escrever. Então, para ela, estudar a língua portuguesa é mexer com tudo que diz respeito à língua, à nossa língua, mas, será que a gente precisaria estar na escola para de fato aprender a língua? No sentido de falar a língua? E aí? Que é que vocês acham?

23. A3. É.

24. P. A gente aprende a falar a língua na escola?

25. A3. Não.

26. P. Ninguém precisou chegar à escola para aprender a falar, não foi? Todo mundo já chegou à escola falando, mas se agente estuda a língua portuguesa, a disciplina, existe um motivo. E ela disse nas palavras dela o que é que ela entende por este estudo. Alguém mais gostaria?

27. A1... Vai, [nome do aluno], fala! [nome do aluno], fala!

(Não insistimos. Esperamos que o aluno falasse, mas não aconteceu desta vez. O que observamos nesse caso foi o fato de o aluno falar baixinho entre os colegas, mas por timidez não quis repetir em voz alta. Frequentemente, nestes casos, o professor entende a fala paralela como “desrespeito”, muitas vezes, a partir disso está posto um conflito entre o professor e a turma).

28. P. Interessante é que ainda tem um complemento ó... Que eu apaguei. Foi o que é estudar língua portuguesa para você, não foi? (Observamos o detalhe no enunciado) Então, é bem pessoal mesmo. Não precisa ser o ideal. Não precisa ser o que a professora espera ouvir. É o que você acha.

(A professora sai porque alguém a chama à porta da sala outra vez e volta após alguns segundos. Uma funcionária veio avisar que os alunos seriam liberados após o intervalo porque estava faltando água, inclusive para beber, desde o turno matutino).

29. P. Então, ela tava começando a falar aqui... Você poderia dizer de novo?

30. A5. Ah, professora, chegue mais pra cá.

31. P. “Chegue mais pra cá”.

32. A5. É aprender a falar corretamente porque falar todo mundo sabe.

33. P. Pronto. Aprender a falar todo mundo sabe. Agora, aprender a falar corretamente, né? Ela coloca este aspecto: aprender a falar corretamente... Muito obrigada! Quem acha que tá faltando alguma coisa? Será que alguém pensou assim: “pôxa deixaram de falar disso”. Quem acha que faltou falar alguma coisa... pode dizer.

(Ninguém respondeu)

34. P. Segunda questão: que dificuldades você já teve na escola com a disciplina língua portuguesa? Vamos lá! Agora vai ter um monte de gente que vai querer falar. E aí? Que dificuldades? Diga aí!

35. A7. A minha dificuldade é Redação.

36. P. Sua dificuldade maior... é redação. Mais alguém? Ortografia... Concordância... Vocês estão percebendo o que vocês estão dizendo? Vocês estão dando nome... Os nomes do que a gente chama de assuntos da disciplina, conteúdos da disciplina. Então, os conhecimentos são organizados e vocês estão citando conceitos... Regras, principalmente, né? Que são necessárias para se aprender, segundo a concepção que a maioria possui, a falar corretamente a língua portuguesa e a escrever corretamente a língua portuguesa, então a idéia do cor-re-ta-men-te nos persegue, né?

37. A8. Professora, assim... tipo... é... assim... Porque... muitas coisas que a gente vê assim na língua portuguesa, não vai ajudar a gente. A gente não vai precisar quando a gente crescer... no nosso trabalho... Muitas coisas assim são importantes, mas nem todas são.

38. P. Vocês ouviram a colega?

39. A6. Não.

40. P. Eu vou... vou passar pra vocês o que ela falou aqui..

41. A6. Não, professora, a gente já sabe.

42. P. Ela disse que nem tudo é importante. Nem tudo que se estuda na escola é realmente importante. É essa a palavra?...

43. A8. É.

44. P. Na opinião dela alguns desses assuntos “difíceis” poderiam ser descartados. Será que... descartados?

45. A8. Descartados, não. Tô falando assim... tipo... você vai falar algo, mas não vai falar no radical daquela palavra... você não vai falar isso. São coisas que não são necessárias. É só isso.

(preferimos não questionar a fala da aluna)

46. P. Nós vamos deixar algumas questões para depois. Até porque os textos que eu vou trazer irão corroborar ou não com algumas questões colocadas por vocês.

47. P. O que você entende por “erros de português”?

48. A7. Eu entendo como erro de ortografia, pontuação, acentuação...

49. As. xxx

50. P. Ela deu a opinião dela que poucos ouviram. Agora, ele lá! (Dirigimo-nos a outro aluno) Como é o seu nome?

51. A10. Jefferson.

P. Jefferson. Jefferson, pra você, o que você entende sobre “erros de português”?

(O Jefferson não responde)

52. P. Alguém entende? Alguém gostaria de responder? Quando alguém fala... Ah! Você errou?

55. A10. Pronúncia.

56. P. Ou seja, existe uma forma errada e uma forma correta em relação à pronúncia?

57. As. xxx

[...]

58. P. Você considera que o brasileiro em geral fala e escreve mal? Por que a autora usou “o brasileiro”?

59. A11. Porque o Brasil é mais pobre em ensino, entendeu? Foi isso que ela quis dizer. Porque hoje o Brasil tá... Tem outros lugares que está no auge. E o Brasil é o mais carente em ensino. Inclusive, tem caso que posso citar assim: você não vê um juiz, um advogado escrevendo e falando mal. Mas você vê uma pessoa de uma classe mais baixa que tem mais dificuldade em estudar com certeza tanto falando errado quanto escrevendo errado, entendeu? Foi isso que eu entendi.

60. P. Entendi. Vejam só. Deixando um ponto de reflexão... O brasileiro... Quando ela começou a explicar... Tanto está contido nesse termo o pobre, como também está contido... O rico, independente, da classe social... Você observa ainda que a educação

brasileira não é das melhores. Mas será que a autora não está fazendo um contraponto com o português, nascido em Portugal?

[...]

(Antes de terminar a aula, foram distribuídos os textos na seqüência do caderno de atividades, “Brasil e Portugal já falam duas línguas”; “Jerimum Tresandado” e “Narração em Portugal é um show à parte”. Todos para as próximas quatro aulas)

Momento do grupo A

Tipo de gravação (Não-secreta)

Duração: 25 minutos

Data de registro: 18/06/2008

Turnos numerados de 61 a 83.

P: professora; A: aluno; L: leitura.

Quando entramos na sala, às 13h30, os alunos já estavam esperando. Todos os professores demoraram a chegar às salas de aula porque a diretora precisou informar a todos os professores que a escola entraria em reforma. Nestes dias de inverno, tem havido muita chuva e o teto do corredor que dá acesso às salas de aula, está em péssimas condições. Desce água pelas paredes, pinga do próprio teto, o corredor enche d’água e há risco de queda e choque para os alunos, educadores, enfim, para quem transita por ele.

Para iniciar a aula, entregamos dois textos de fragmentos de uma entrevista que o lingüista Marcos Bagno cedeu à Revista Caros Amigos em fevereiro deste ano. Lemos os textos, comentamos algumas partes, fizemos algumas perguntas, mas quase não responderam. O principal motivo é a timidez da turma. Eles são, na maioria, tímidos. Uma aluna, que geralmente participa, fez questionamentos a respeito do conceito de “certo” e “errado” em casos de fala e escrita. Para ela, as pessoas erram quando dizem *Vou pra praia* ao invés de *Vou à praia*. Isso porque não aceita o *pra*, diz que o correto é *para*. Isso revela a confusão da aluna, pois não distingue uso e contexto de uso no caso da variação morfológica entre *para* e *pra*. Nem considera a mudança linguística, como *Vou à praia* que cedeu espaço para *Vou pra (para) praia*. Pelo fato de ambas as preposições *a* e *para* darem ideia de movimento, a tendência popular, guiada pelo

sentido e não pelas normas têm prevalecido na fala e na escrita dos falantes, inclusive cultos. A distinção feita em relação à ação expressa pelo verbo e pela preposição: *ir a* (algum lugar por tempo determinado) e *ir para* (algum lugar e permanecer) já não se percebe na fala nem na escrita da maioria dos falantes cultos.

Outra aluna questionou o fato do linguista Marcos Bagno ter dito que “nós vai” e “nós vamos” do ponto de vista linguístico não tem nenhuma diferença. Fizemos uma explanação procurando esclarecer aos alunos a que Bagno se referiu.

A aula terminou antes de eu apresentar a última parte da entrevista, que ficará para a próxima aula. A seguir tem-se a transcrição quase na íntegra da filmagem da aula. Não foram transcritas as partes referentes à leitura dos textos e alguns trechos que não ficaram audíveis.

61. L. A gente ouve dizer que a língua...

62. P. Entenderam? Que para os linguistas essa história de dizer que atualmente as pessoas não falam tão bem, nem escrevem tão bem quanto antigamente não faz o menor sentido para eles? Vamos continuar...

63. L. As línguas se transformam, mudam nem para melhor, nem para pior, simplesmente mudam para atender as necessidades [...] se a gente quisesse manter a pureza do latim, a gente teria que falar indo-europeu, que é uma língua falada 5000 anos antes de Cristo.

64. P. Então se quiséssemos manter a língua exatamente como se utilizava no século XVI, por exemplo, aqui no Brasil, então a gente teria que também buscar manter... ou melhor, os nossos antepassados deveriam ter mantido e assim a língua não teria evoluído, não teria mudado.

65. L. Carlos Azevedo pergunta: e essa invasão estrangeira, delivery [...] o que existe é a norte-americanização do mundo.

66. P. Preste atenção!

(Chamamos ainda mais a atenção da turma para a mensagem do texto, pois os alunos estavam já bastante concentrados).

67. L. O que existe é a norte-americanização do mundo... Que hoje é uma língua semiconsciente quase morta.

68. P. Então, tá aí uma observação plausível, não é? Do linguista? Que nos faz... Que nos dá essa capacidade de olhar por este ângulo. Por que globalização? Principalmente quando a gente aborda a questão do inglês, da influência do inglês na nossa língua, se o

que existe na realidade não é uma globalização, mas uma americanização... E... Norte... Não é nem sul-americana é do norte mesmo.

69. L. Micaela Pivete pergunta: existe uma... Houve esta normatização da língua.

70. P. Em outras palavras, antes... antes desse processo de se buscar padronizar a língua, houve a necessidade dos documentos oficiais. A língua era utilizada de uma forma informal, a formalidade praticamente não existia, foi a necessidade de se organizar documentos, de se ter a escrita de uma forma única que fez com que a língua saísse do seu estado heterogêneo, que quer dizer várias formas, para o seu homogêneo, que quer dizer uma forma única.

71. L. No caso específico do português brasileiro, o grande problema é que essa norma é muito rígida, muito obsoleta, muito ultrapassada.

72. P. Gente, a norma que ele está falando aqui, é tudo o que vocês já conhecem de regras. Então, se eu perguntar a vocês: é... Pessoal, o que é um sujeito? O que é um predicado? Eu posso perguntar... Ela, a Tayana, deu um exemplo muito interessante... Quando ela questionou: *ir para*, não foi? *Ir à praia, ir para praia...* Não foi? Então, o verbo *ir* possui uma regência, de acordo com a norma, com a gramática que a gente chama... de normativa. Possui uma regra... Então eu vou utilizar o verbo *ir* com a preposição *a*. Então quem *vai...* *vai a* e nunca *vai em...* Seria a idéia. Então eu tenho: *Ir à praia, ir ao banheiro* etc. Com a palavra feminina eu tenho a contração *a* mais *a*. Artigo mais preposição. Então, *Ir a a praia*, né? Preposição, artigo. E quando a palavra é masculina eu tenho a preposição *a* mais o artigo *o, ao banheiro*. Isso é norma. Só que, se vocês prestarem atenção, até os jornalistas que escrevem... é... notícias, não estão mais dizendo *ir ao banheiro...* Escrevendo... *Estão indo no banco* mesmo. *Vou no banco* e assim sucessivamente. Então, o que Bagno tá querendo mostrar é que o uso normal nos conduz a uma forma, mas, ao mesmo tempo, nós nos sentimos obrigados a utilizar a língua de acordo com a gramática normativa. Eu não quero adiantar o porquê de nós nos sentirmos obrigados a isso, então eu vou continuar aqui a leitura. Eu parei... Mais ou menos, onde?

73. L. Em outros países, que têm sociedade mais democrática [...]

74. P. Eu tenho certeza, não por mim mesma... Não só, aliás, por mim mesma, mas, principalmente, por vocês, que a leitura dessas duas partes mais a leitura da terceira parte que vai ficar para a próxima aula, vai, assim, ajudar a compreender muito do que se espera do assunto variedades linguísticas... Mas, agora, eu vou fazer perguntas a vocês: (as questões poderiam ser respondidas por escrito em casa) E vou me basear

nesta daqui: “O que a primeira parte da entrevista revela sobre a sua língua? Considere alguma ideia completamente desconhecida até o momento para você.” Obviamente para responder vocês terão que reler. A segunda pergunta... Eu vou copiar já, já. É... Releia a segunda parte da entrevista e retire as palavras de significado desconhecido. Se necessário faça isso também nas outras partes. Gente... Eu... Eu pensei o seguinte: he-te-ro-ge-nei-da-de, entre outras palavras que vocês viram são palavras muito interessantes... com... um significado que pode ajudá-los não só em português, mas em qualquer... situação da vida de vocês. Porque afinal de contas pra quê que nós estudamos vocabulário? É pra fazer prova de português? Pra conseguir nota na matéria Português? Não. Não é justamente pra conhecer outros modos de falar, de escrever? Quem é que não quer num concurso, por exemplo, ter a capacidade de ao invés de usar... é... uma palavra considerada de um nível menor, usar uma palavra com um sentido mais amplo, de prestígio, como he-te-ro-ge-nei-da-de, como ho-mo-ge-nei-da-de. Por exemplo: Nós aqui temos uma classe heterogênea. O que quer dizer com isso? Que as pessoas aqui são diferentes. Ao invés de dizer: oh, pessoal! Como vocês são diferentes! – Claro que eu vou dizer isto, né? - Oh, Pessoal! como vocês são diferentes!- Mas numa outra situação não informal, eu vou querer usar o termo heterogeneidade, estão entendendo? Então, nós não podemos no Ensino Médio ficar só querendo ler e só tentando entender... Ou melhor, nem precisa tentar... Uma linguagem que já conhece. Pra quê que eu vou ler só aquilo que eu já conheço? Se eu vou buscar leituras com palavras que eu já sei o significado, como é que eu vou aprender as novas? Certo? Então, eu vou... deixar essas questões pra vocês, vocês têm a primeira, a segunda, só falta a terceira. Então eu vou deixar essas duas... e... sinceramente, eu gostaria que vocês me respondessem pelo que vocês leram hoje... Nestas duas aulas que estão perto de terminar já. Pelo que nós ouvimos a respeito de língua, o que foi que mais chamou a atenção de vocês? Que pode ter causado algum estranhamento? Que O Marcos Bagno falou, que alguém perguntou, que eu mesma tenha feito em alguma expressão. Nada no texto mexeu com as idéias de vocês? Com o que vocês já conheciam a respeito de língua?

75. A1: Eu estranhei o Bagno dizer que “nós vamos” e “nós vai” tá certo.

76. P. Eu tinha certeza... principalmente porque eu já a conheço um pouquinho (referindo a aluna que questionou) e sei que ela se preocupa com isso, né? Ela se preocupa um pouco com o “certo” e o “errado”. Então, de repente... “Nós vamos” se considera tão correto quanto o “Nós vai”... E o Marcos Bagno...

78. A1. Tem que haver uma diferença... Não é? Se eu falar “nós vai” todo mundo vai entender o que eu quero falar, entendeu? Agora, na parte de escrever... da ortografia...

79. P. Olha bem. Sabe o que é... Que nós estudamos a gramática da língua portuguesa, mas o linguista não estuda só a gramática da língua portuguesa, ele estuda a gramática de várias línguas. Então, aspectos que nós não conhecemos, ele conhece. Se você sair um pouquinho do português e pensar no inglês, como você diria *o garoto* em inglês? (outro aluno respondeu)

80. A2. The boy.

(A professora escreve a expressão no quadro de giz)

81. P. E os garotos?

82. A2. The boys.

83. P. Né isso? Não é? Só aqui no substantivo. O artigo permanece sem variar. Se vocês perceberem o *nós vamos* e o *nós vai*, nós temos a variação aqui na terminação. (mostrando os casos sempre apontando para as expressões no quadro de giz) O pronome continua o mesmo. O que os linguistas dizem é que o português varia de língua para língua... (referindo-se às expressões em inglês e português) No português, você não diz *o garotos*? Diz? *Os garoto* se diz aqui no Brasil. *Os garotos*... O que a linguística quer mostrar... É que essas formas todas são corretas porque são compreendidas. Porque, de acordo com o ponto de vista linguista, o que importa é a comunicação, e não se você utiliza a regra dita gramatical, normativa. Foi nesse sentido que Bagno se colocou também... Aí ele fundamenta a colocação dele justificando que an-ti-ga-men-te não existia a gramática normativa. A gramática normativa foi criada para se estabelecer modos de falar, modos de escrever... Principalmente, de escrever. Para que não houvesse dificuldade no entendimento por conta da enorme variedade de formas. No entanto, com o passar do tempo, tantos séculos depois, o que é que nós estamos começando a perceber com o internetês? O que é que o internetês tá mostrando pra gente? Que é possível se compreender sim outros modos de escrita. Olhe que é possível! Mas nós não vamos deixar de valorizar a gramática não, tá, gente? Eu não estou aqui pra ensinar a vocês que ninguém precisa se preocupar com gramática, por favor, não é isso. Nós só precisamos compreender que o nosso objetivo é entender pra quê afinal de contas essa gramática precisa ser aprendida e como ela deve ser internalizada. Não sei se eu respondi o que você perguntou? (dirigindo-se ao aluno A1) Agora, se você quer ouvir de mim se as duas expressões estão corretas, eu posso dizer que, do ponto de vista linguístico, as duas formas estão corretas. Do ponto de vista da gramática normativa, só

a primeira está correta... Porque é o plural do verbo *ir*, o plural do verbo *ir* não é *vai* é *vamos*, *vai* está no singular.

[...]

08/09

Esta aula iniciou com um pequeno transtorno devido a uma aluna que se levantou para pegar um objeto na sua bolsa que estava distante dela em outra banca. Esperamos que ela pegasse o objeto para então começarmos a aula.

84. P. Bom, problemas no tratamento da variação linguística... (Um aluno entra na sala interrompendo a aula).

85. P. Acho que eu vou mudar o tema: problema das condições de trabalho na sala de aula. Mas eu acho que a culpa é minha. Vamos fazer o seguinte: quando eu entrar... Depois que eu entrar, não deixo mais ninguém entrar... Tocou agora?

86. P. Bom, mas o que eu quero mostrar pra vocês é isso aqui: norma culta ou norma-padrão são utilizadas como sinônimo. Norma popular ou língua não-padrão também são utilizadas como sinônimo. Qual é o problema desses dois termos? Para uma concepção ideológica sobre língua, não existe norma culta, não existe língua padrão, não existe norma popular, nem existe língua culta. E aí o que é que existe? O Enem, agora, recentemente, na avaliação de domingo passado, atrasado... Eles colocaram algumas questões que envolvem o conteúdo variedades linguísticas e eu fiquei atenta quanto à terminologia que eles utilizaram para chamar o que aqui está como língua não-padrão: foi o termo co-lo-qui-al. Certo? Então, eu estou chamando a atenção de vocês para o problema de vocês, na escola, estudarem um assunto com um nome, dependendo do professor, dependendo do livro didático, vocês podem ver o assunto com um determinado nome e, lá, no momento de mostrar algum conhecimento ou de escrever a respeito... Acabarem trocando os termos e, infelizmente, não sendo condizente com a realidade que a gente tenta passar em sala de aula e que é o fruto do trabalho de quem vem estudando sobre linguagem... língua que são os linguistas. Aqueles textos que eu trouxe pra vocês, o primeiro texto, o segundo, todos os textos que vocês já viram até agora está trabalhando essas concepções... São temas relacionados a esse problema do tratamento da variação linguística. Mas, afinal, qual a questão maior que eu posso trazer pra vocês hoje. Esse termo norma... Vamos entender o seguinte... Esse termo *norma* é

igual a regra... Tá? Na língua, nós temos um determinado livro que nós conhecemos como gramática normativa e neste livro nós temos regras, mas as regras da gramática normativa não correspondem fielmente à língua, tanto faz língua padrão, língua culta... Não importa que nome, que nome a gente deu ao termo. A verdade é que as regras da gramática não correspondem ao que realmente constitui o conceito de língua. Ora se a língua está representada nos usos das pessoas, nos usos linguísticos, o que eu falo, o que você fala, o presidente fala, os jornalistas... Não importa a classe social, não importa se é homem ou mulher, não importa se é professora, médica ou... Independente da profissão... Nós vamos observar que aquele uso realmente é língua. Então eu pergunto a vocês: se nós abrirmos a gramática normativa, aquele livro que nós conhecemos como gramática, “a bíblia da língua” entre aspas não é? Compararmos aquilo tudo que está lá... Regência verbal, Nominal, Colocação pronominal, outros assuntos, com a língua real, aquela que nós usamos no nosso dia-a-dia... Pergunto a vocês, será que teremos muita coincidência ou teremos muita coisa que realmente não serve que realmente a gente aprende e só serve para o vestibular, só serve para fazer concurso, porque para a nossa realidade, nem a escrita está servindo mais. Por que eu falei em escrita? Porque a escrita sempre teve um valor maior das pessoas, sempre se achou o seguinte... Que falar pode se falar de qualquer jeito, mas escrever tem que ser de acordo com a norma, com a gramática. [...] Eu tenho aqui o receio de falar tudo numa hora só... Para não deixar de comentar determinados aspectos que são muito importantes com vocês... eu vou passar para os textos... Eu só quero até agora mostrar pra vocês o seguinte: norma, que nós utilizamos como norma, não é a língua que nós usamos no dia-a-dia. É uma língua que foi batizada... antigamente, na época do Renascimento, na Europa, pra se estabelecer um padrão de língua. E aí vem norma-padrão, porque no Renascimento pra se estabelecer um tipo de língua que seria utilizada, é... que representaria a classe alta, e aí eu abro um espaço pra comentar algo com vocês. No momento que existia várias variedades, que havia a necessidade de se decidir por um deles. Por que havia essa necessidade? Talvez pelo comércio, talvez pela política... Para se colocar na gramática aquelas regras, houve também interesse, houve uma necessidade e prevaleceu que linguagem... A linguagem das classes... Digamos... é... desfavorecidas economicamente ou prevaleceu a linguagem das classes economicamente, politicamente mais elevadas? Resposta...

87. A – Classe favorecida

88. P. Então, prevaleceu... Na hora de colocar no livro, prevaleceu a norma, ou melhor, a variante de língua reconhecidamente, né... representativa das pessoas que pertenciam à

classe alta e, provavelmente, estas pessoas tinham o quê? PODER. Prevaleceu na gramática normativa a língua das pessoas que tinham poder, a partir do momento que essa variante compôs o livro, esse livro não recebeu o nome de norma, nem nenhum desses nomes aqui, recebeu o nome de gramática e, ao longo do tempo, vários estudos foram tecendo os termos gramaticais, que não é o meu objetivo. Deixa pra lá quais os nomes que essa gramática recebeu e vamos ao que vocês conhecem hoje: hoje, vocês conhecem a gramática... A gramática que vocês estudam é a gramática normativa. Esta gramática normativa... é o livro onde estão batizadas, né? As regras da variante prestigiada daquela época, gente, oh! Faz tempo... Entendeu o que aconteceu?... Com o passar do tempo a língua... Com o passar do tempo a língua evoluiu, não evoluiu porque é mais bonita... Porque é melhor... Evoluiu porque mudou. E a gramática, não. Ela continuou com as regras de certa forma daquela época. Houve mudança na ortografia, e aí vocês se lembram de palavras que eram escritas com PH... Houve mudanças parciais.

89. P. De uns anos para cá... Mais ou menos a partir do século XIX... Por que é inadequado usar o termo língua padrão? Porque esse padrão aqui não tem muito a ver com o que de fato é utilizado. Por que não é inadequado o termo... Há um tempo quando eu queria me referir à língua prestigiada eu usava o termo língua culta. Quando queria me referir à língua popular [...] Só que hoje eu penso assim: se nós entendermos que língua popular é a língua falada pelo povo, povo só são os pobres? Em gente? Só faz parte do povo os pobres? Se nós usarmos língua culta, outro problema: a cultura do pobre pode ser diferente da do rico? Pode. Pelas condições, pelos gostos, pelas atitudes... Mas não é pior. Alguém criou essa história... Não fui eu, não foram vocês, mas os nossos antepassados... de que aquilo que é da classe alta é culto, é bom, é cultura, é bonito. E o que é pertence à classe dos mais desfavorecidos não tem valor. E aí o que não tem valor é chamado de popular. Estão percebendo o problema? Então como nós temos que continuar este assunto e vocês verão vários termos... Quando vocês fizeram aquela redação no início... Eu usei de propósito o termo popular e culto. Eu pensei, se eu não usar os termos que os alunos conhecem, não vão entender nada. A partir de agora, eu vou deixar de usar o termo... Já conhecido... Pelo seguinte... Acompanhem o raciocínio da professora... E depois eu quero que vocês me digam se tem lógica... Vamos à compreensão do termo: No senso comum, popular tem o significado de “o que é do povo”. Popular vem da terminologia povo. Com o tempo, não só no senso comum, mas até mesmo alguns linguistas compreendem desta maneira.

A questão é a seguinte: quem faz parte do povo é só o pobre? Então não está adequado se utilizar cultura popular etc. como só voltado à ideia das classes favorecidas. Por outro lado, se a gente usar coloquial com o mesmo significado de popular... Que é coloquial? Aquilo que eu faço no dia-a-dia... Eu não faço no coloquial por que coloquial se usa para a questão da língua. Então, a língua que eu utilizo no meu dia-a-dia passa a ser considerada a linguagem popular. Quando as pessoas costumam perguntar... Você prefere usar uma linguagem culta ou coloquial? A resposta da maioria é coloquial. O problema é que alguns autores... Até de quem faz as questões de vestibular, entendem que essa linguagem do dia-a-dia se equivale à linguagem estereotipada, a linguagem das comunidades ditas desfavorecidas que utilizam expressões que não são de acordo com o falar das pessoas de classe alta. É aí onde entra o preconceito... Se alguém utilizar “pobrema” ao invés de problema, e outras expressões, como proque [...] Antes de nós falarmos clube, nós não utilizávamos o l não. A pessoa que hoje fala crube, na realidade está transferindo uma linguagem que já houve, que foi considerada comum usada no passado. Vamos entender isso: acontece normalmente. A nossa língua dá a tendência de crube, o que nos faz falar clube é justamente a escolaridade. Entendeu? Por isso que se costuma dizer, né? Que pessoas que falam determinadas variantes não têm escolaridade... É a escola que de certa forma acaba trazendo para a sala de aula outras variedades que não são aquelas variedades representativas dos parentes do indivíduo. Então, a criança que nasce ouvindo determinadas expressões em casa, da avó, da mãe, do pai, ela tem utilizado uma linguagem, quando chega à escola... Ela começa a perceber que existem outras formas de falar muitas vezes ela troca essas expressões por outras. Outras vezes elas não conseguem perceber qual variedade é falada. Tem gente que deixa de estudar por causa disso, principalmente nas regiões rurais... Não é o caso de vocês... Mas se aquela colega que faltou hoje, que costuma falar “Isso é certo ou errado?” Se ela estivesse aqui hoje, eu iria só reforçar o que vou dizer agora: tudo é certo na língua desde que você entenda, não importa se ela falou... Determinado uso da língua está de acordo com o momento, com a condição do indivíduo, a intenção do indivíduo, da sua comunicação... Por exemplo, Se eu só falasse com você “tá ligado”... E aí se eu chegar aqui falando gírias com vocês... A gíria é uma linguagem característica de determinados grupos, tem toda uma questão da idade, eu não vou estar adequada a minha situação, condição, ao contexto. Agora, se eu quiser usar gíria com os meus colegas, meus amigos, o grupo que em outros momentos eu interajo, eu posso, ou não posso?

Grupo B

[...]

90. P. O que considerar no tratamento das variedades linguísticas... Preste atenção... É muito importante... Rosane?

91. A1. Ah, professora, seu cabelo tá lindo. Verdade.

92. A1. Desculpe professora.

(Havíamos transcrito uma anotação no quadro-de-giz)

93. P. Eu quero chamar a atenção de vocês para as aspas. Se vocês fizerem a leitura sem considerar o uso das aspas vão confundir os conceitos. Cuidado! Quando utilizamos as aspas nós podemos querer chamar a atenção... [...] Destacar um termo que não é apropriado, ou um termo pejorativo ou estereotipado. Preste muita atenção! O termo que eu estou usando aqui entre aspas é justamente para fazer a crítica. Não é o termo que nós vamos utilizar e que vocês devem utilizar sempre que se referirem à língua de vocês.

94. L. Então, a idéia de que existe uma variedade padrão, uma língua padrão... Quando o que de fato existe é uma norma padrão... O que considerar no tratamento das variedades linguísticas?

95. P. Considerar a idéia de que existe uma variedade padrão, uma língua padrão quando o que de fato existe é uma norma padrão. Então, em outras palavras... Norma-padrão... é aquilo que vocês já viram como modelo de língua que é o que está na gramática normativa. Muitas pessoas quando querem se referir à norma- padrão vão e usam o termo variedade-padrão ou usam o termo língua-padrão que não é um termo adequado, não é um termo conveniente. É muito importante que vocês tenham essa clareza. Porque os livros didáticos muitas vezes, os textos veiculados na mídia também confundem e acabam mostrando língua-padrão, variedade padrão como se fosse norma-padrão. Vejam só: não importa que o nome seja variedade culta ou variedade padrão... A questão é o que vocês vão ver daqui a pouco. É a diferença de uma coisa e de outra. A norma padrão não é a mesma coisa que a ideia que nós temos de variedade prestigiada, língua culta ou qualquer outro nome que se queira dar, a norma-padrão não é língua, tá gente, nem dialeto. E aí eu me lembrei do Douglas no dia em que ele perguntou o que era dialeto. Nesse texto aqui nós temos dialeto e aqui na frente nós temos variedade como se dialeto fosse uma coisa e variedade fosse outra. Na realidade quando a gente usa o termo variante, variedade, dialeto... Praticamente estes três termos

são sinônimos. Praticamente, na idéia que se usa no dia-a-dia. As pessoas usam estas palavras como se fosse a mesma coisa, mas elas não são a mesma coisa tá, gente? Principalmente a idéia de variante, variedade. O que seria uma variante? Eu vou chegar à resposta do que seria dialeto, tá? Se eu falo a palavra jogar. Se eu falo a palavra jogaR e com a mesma intenção alguém fala sem o erre como se fosse jogá. Esta pessoa usou uma variante. Por que uma variante? Porque as duas formas elas existem na prática da fala. Eu vou jogaR daqui a pouco. Veja que eu fiz questão de falar eu vou jogaR daqui a pouco... Mas quando nós falamos sem pensar, sem se monitorar como é que sai?

96. A. Jogá.

97. P. Essa fala aqui ela não acontece [...] só no caso do falante que não tem escolaridade. É uma fala que nós costumamos muitas vezes [...] Aqui eu tenho uma variante que pode ser destacada na escrita com a supressão do r> e o uso do acento agudo. Certo? O que seria variedade? Variedade é o conjunto das variantes que caracterizam determinadas pessoas. E essas pessoas são assim caracterizadas pelo ambiente em que moram, região rural, região urbana, muitas vezes pela classe social ou pela profissão também. E o que seria o dialeto? Preste bem atenção! O conjunto de variantes que caracterizam a fala das pessoas a depender da região é dialeto. Certo? Então nós temos no Nordeste um dialeto diferenciado do dialeto do sudeste, do sul do país. [...] O que é mais certo falar [Tchia] ou [tia]? Existem as duas formas. (...) Agora tchia é mais característico não só do sudeste porque o pessoal de Pernambuco, por exemplo, também costuma usar. E quem é que pode dizer se aquele dialeto é proveniente de determinada região ou de outra? São os estudos dos linguistas tá?

[...]

98. P. Diga com as suas palavras o que você entendeu?

99. A9. Mais ou menos

100. P. Então diga o seu mais ou menos.

101. As xxx

102. P. Onde está esta língua entre aspas onde está essa língua que você está se referindo aí? Onde está esta língua que ninguém fala?

102. A2. Não, professora. Na gramática.

103. A4. Segundo os estudos linguísticos, não se fala mais o que está na gramática normativa. Porque a língua é o que se observa nas condições normais de uso. Teríamos condições de fazer uma pequena mostra do que está na nossa língua. Eu vou apagar para a gente continuar...

104. P. Tá claro agora? Então se nós saíssemos para fazer uma pesquisa, pegássemos alguns termos gramaticais e fôssemos pesquisar quem fala esses termos gramaticais nós teríamos condições de fazer pelo menos uma pequena mostra né do que de fato está na norma-padrão que é observado na língua do falante.

ANEXO 10 – MOSTRA DAS POSTAGENS NOS TÓPICOS DO ORKUT

Tópico: ideias sobre língua

<p>Professora</p> <p>Olá, pessoal! Vamos iniciar nossas discussões e estudo sobre a língua portuguesa a partir do seguinte questionamento: o que você entende por "erros de português"?</p>
<p>Professora</p> <p>Seja mais claro, [nome do aluno]. O que você pretende mesmo dizer sobre abreviações?</p>
<p>Exemplo...</p> <p>Por exemplo, professora, quando estamos digitando ou escrevendo algo nós simplificamos as palavras... blz...inte....ñ...vc...XD...lol...enfim é a linguagem popular entende...ou seja, quando a linguagem culta não é bem empregada...para mim isso são erros de português...</p>
<p>Professora</p> <p>Certo, [nome do aluno]. Entendi agora o que você quis dizer.</p>
<p>Alunos 11 e 12</p> <p>EU E [nome da colega] ACHAMOS QUE HÁ PESSOAS QUE NÃO ESCREVEM BEM, FALAM MAL, E NÃO SABEM DECIFRAR BEM OS SENTIDOS DAS PALAVRAS, OPTANDO PELA LINGUAGEM POPULAR E ESQUECENDO TOTALMENTE DA CULTA, QUE REALMENTE SERVIRIA PARA A NOSSA LINGUAGEM FORMAL.</p>
<p>Aluno 13</p> <p>Sendo o português a língua mãe, temos de mostrar respeito mesmo ela não sendo tão bonita. Filhos, nada de maltratar a infeliz! Mostremos apreço e se preciso sejamos hipócritas.</p>

Aluno 16

Bem, na verdade o erro é uma característica humana. Como tudo na vida existe um erro. Na língua portuguesa, acredito, o erro deve ser uma coisa normal. Uma vez que mudamos o acento ou a grafia. Acredito que o erro na língua portuguesa é uma coisa que passa por todos nós, quem nunca excluiu uma letra ou um acento? Até em livros de renome internacional é encontrado o erro gráfico, seja ele por causa de um acento ou omissão de uma letra.

A questão não está no tanto de entendimento que temos sobre o assunto, e sim no nosso dia a dia. Tantas regras nos confundem ou são de compreensão não muito fácil. Não se trata de burrice ou de falta de vontade e sim uma questão de assimilarmos aquilo que queremos.

Professora

Olá, [nome da aluna]! A quais mudanças você se refere ao dizer que o português vive mudando?

Aluno 14

Erros de Português

Os "Erros de Português" ocorrem quando se foge à regra, mas em país como o nosso de tantas desigualdades, é preciso levar em consideração quem conhece a regra.

É claro que quem conhece a regra deve usá-la, eu apenas acho que quem não teve a oportunidade de conhecer não deve sofrer preconceito, deve ser respeitado, afinal as pessoas precisam respeitar as diferentes culturas.

Tópico: citações sobre conceito de língua**Professora**

Que idéias diferentes sobre língua podem ser depreendidas dos 4 fragmentos de textos que você leu? Comente-as.

Aluno 12

Que até a década de 80, falávamos uma linguagem mais fácil de ser compreendida, mais simples, e a partir dos anos 90 começamos a aprimorar a linguagem utilizando palavras em textos que praticamente são desconhecidas pela população e para se compreender devemos interpretar e estudar mais sobre a língua portuguesa

Aluno 16

À medida que os anos foram se passando as pessoas que antes aprendiam a língua portuguesa tinham que aprendê-la em sua forma "formal", ou seja, onde cada palavra que era dita tinha seu significado que era só seu. E que as pessoas viam aquilo (quando alguém falava errado) como um insulto ou falta de vontade ao aprendizado da língua-mãe, no caso o português. Com o passar do tempo as pessoas passaram a entender que as pessoas não tinham que seguir o que alguns criavam, e sim, que a língua era criada pela sociedade que a criava todos os dias.

Aluno 13

Acerca das citações está explícito o seguinte: que o modo de como falamos é relativo à nossa educação... Outrossim alguns indivíduos ao falar de primitivo, fazem do que é um desastre uma catástrofe.

Aluno 14

Pelo o que eu pude perceber tudo está em constante mudança, com a língua portuguesa não é diferente, com o passar do tempo o modo como as pessoas falam também mudou. Mas, para alguns conservadores, a língua portuguesa deveria se manter do modo clássico, esse novo modo de se falar não foi bem aceito, mas é preciso levar em conta que o Brasil é um país enorme, de uma rica cultura, e o que é errado para uns, talvez seja certo pra outros.

Professora

Muito bem, pessoal! Gostaria apenas de lembrar, por enquanto, que leiam as opiniões dos colegas e comente-as, certo?

Um abraço a todos e a todas!

Professora

Pergunto para [nome do aluno]: você se refere a quais conceitos de língua portuguesa?

Professora

A [nome do aluno] nos dá uma dica de tópico para discussão. Tem relação com língua popular e gíria. Quem quer criar um tópico? Preste atenção só vale um tópico, hem?

Tópico: Brasil e Portugal já falam duas línguas**Professora**

Leram o texto de Bagno? Ótimo! Agora, em grupos, participem do debate proposto a partir das questões a seguir: (ao escreverem seus comentários, digitem antes seus nomes e o número da questão)

- 1- Vocês concordam ou não com a idéia defendida por Marcos Bagno: “A maioria dos brasileiros rejeita sua maneira de falar, porque tenta ouvir e ver sua língua com ouvidos e olhos do outro”. Comentem.
- 2- Baseado na opinião que Brasil e Portugal falam línguas diferentes, qual a proposta de Bagno para a nomenclatura da língua portuguesa no Brasil?
- 3- Vocês concordam com a nova denominação da língua portuguesa que Bagno propõe? Comentem.

Aluno 12

1. A maioria das pessoas acaba querendo falar de maneira correta e para isso acabam esquecendo do sotaque da sua região e falando um sotaque completamente desconhecido para a região onde vive.
2. para ele a língua falada aqui deve ser chamada "português brasileiro".

Aluno 11 e Aluno 12

Eu acho que sim por que Portugal fala a língua portuguêsã mais de certa forma existe uma diferença muito grande entre as duas , por na língua brasileira obter expressões e palavras que para os portugueses querem dizer algo totalmente contrário ao português brasileiro como camisola que pra nós é roupa de dormir e para eles uma camiseta ou blusa ...

Aluno 16

Concordo. O Brasil por muito tempo foi considerado um país diferente culturalmente falando. E porque não ser diferente também na língua falada? compreender que há uma diferença entre as línguas e que os supostos erros devem ser ignorados.

sim. ao termos uma "própria" língua podemos nao nos prender no que é considerado como certo pela língua-mae. e assim podermos variar em nossa forma de expressar.

Aluno 10 (em dupla)¹

1ª Bem nós concordamos, pois as pessoas nunca acham que o sotaque de sua região é correto, por isso tentam falar com outros sotaques e acabam esquecendo o seu sotaque.

2ª é que o Brasil fala a língua português brasileiro e Portugal fala a língua apenas português

Aluno 9 (em dupla)

É óbvio, geralmente os brasileiros sempre tem uma segunda língua a ser falada, nisso predomina muito o inglês + a fala dos brasileiros e portugueses são muito parecidas.

Aluno 14

Eu concordo, pois o Brasil é um país em que há uma grande diversidade, seria, em minha opinião, impossível conservar a "língua-mãe" até os dias de hoje. O Brasil tem uma cultura muito rica e as diferentes culturas influenciam o modo como as pessoas falam. É preciso que haja uma compreensão, pois hoje o português falado no Brasil é diferente do português falado em Portugal.

Sim, nós brasileiros, temos a nossa própria língua, que é maravilhosa, e que é uma das línguas mais "complexas". Na minha opinião, devemos nos desprender das influências das demais línguas.

Aluno 15

Olha só, algumas pessoas por pressão de outras ou até mesmo da tão exigente sociedade acabam modificando seu jeito de falar esquecendo suas origens e seu sotaque que por sinal fica bem esquisito.

Aluno 13

Concordo. A população de certa forma quer falar corretamente, e acaba misturando os sotaques.

Tópico: Narração em Portugal é um show à parte

Professora

Leram o texto "Narração em Portugal é um show à parte", de Raquel Santana? Então, pesquisem!

1. Vocês observaram palavras que fazem parte do léxico apenas da língua portuguesa de Portugal. E, aqui, no Brasil, quais palavras são próprias da sua região? Elabore uma lista de palavras e expressões regionais.

¹ Com outro aluno que não fez parte da mostra.

Aluno 11 e Aluno 12

comentadores, trave, placar, rodada, jogo, escanteio; camisola, essas são algumas das palavras que são em sua maioria conhecidas e regionais

Aluno 13

Ôxe, êctha, Zé ruela, os cara...

Aluno 14 e Aluno 16

bola de gude é chimbra
 gente alta é galalau
 tudo que é ruim é peba ou paia
 rir dos outros é mangar
 quem é franzino (pequeno e magro) é xôxo
 quem é esperto é sabido
 e o medroso se chama frouxo
 tá com raiva é invocado
 menino levado é reinão sete couro
 namoro pesado (amassos) é chumbrego
 "caba" (homem) safado é caba de pêia
 lagartixa é catenga
 pernilongo é muriçoca
 sinal de espanto é "vôte"
 quem tem sorte é cagado
 quem não paga é veiacó
 mão de vaca, pirangueiro
 sujeira de olho é remela
 meleca se chama catota
 catinga de suor é inhaca
 mancha de pancada é roncha
 briga pequena é arenga
 performance ou atitude de palhaço é munganga

Aluno 16

ta com raiva: ta peidado...
 namorada é: piveta...
 qndo ta no meio da galera é pivetona...

Aluno 16

a relação que eu citei das expressões populares, eu tirei dessa comunidade aqui.

GIRIAS DE ALAGOAS / MACEIO

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=4439343>

Aluno 10 (em dupla)

bem essas são palavras que falamos no popular aqui no nordeste. >''oxe vici mermão vixi oia eitxa...''e varias outras palavras

Aluno 15

Esse é o nosso Brasil

Geralmente palavras mais faladas no nordeste é eitxa pocha; siruação oia; visse; eitxa, etc...

Coisas q falamos e outras pessoas não aceitam...

Aluno 9

Oxente, vote, tu, eitxa.

TÓPICO: Jerimum tresandado, de Ricardo Valladares.**Professora**

Pessoal, já leu o texto do Valladares? Vamos lá?!

1. O que faz a professora Iris Gomes para ensinar "sotaque" a seus alunos? Segundo o texto, suas aulas são satisfatórias? Justifique.

Aluno 11 e Aluno 12

O fato de gravar diálogos de pessoas de certa região para que os atores imitem aquele tipo de sotaque, na nossa opinião é inútil porque apesar de conseguir imitar as pessoas não conseguem convencer o público por não ter contato com aquelas pessoas e realmente saber e entender o que elas querem dizer em várias expressões que para as pessoas que assistem são desconhecidas.

Aluno 10 (em dupla)

quando ela faz uma viagem para fora de rio de janeiro ou de são paulo ela sempre leva um gravador para gravar um diálogo com as pessoas da cidade ou país que ela visita. Mesmo ela tomando todos esses cuidados para ensinar a seus alunos os sotaques, ainda esta longe de suas aulas serem satisfatórias. Pois um dos principais motivos do sotaque não sair como a professora gostaria é que imitar o jeito de falar de uma pessoa é uma das coisas mais difíceis da arte dramática.

Aluno 16

Iris Gomes viaja não só pelo nordeste como também pelo exterior e grava os diálogos das pessoas para que possa analisar a forma que as pessoas falam. no entanto ela mesma admite que o sotaque usado é fictício. mais ela sabe que mesmo sendo "fictício" a novela ira falar da "verdade ficcional" e de um certo modo da verdade real que nos roda.
as aulas que ela dar ela acredita ser satisfatória, porque simplesmente é uma forma de distinguir que aquele personagem não faz parte do ambiente São Paulo - Rio de Janeiro.

Aluno 13**Resposta à Jerimum tresandado**

Ela viaja às cidades nordestinas e grava a conversa com as pessoas da região e repassa os dados para os alunos, assim, eles têm uma breve idéia de como é o sotaque nordestino. suas aulas não são satisfatórias, pois, segundo ela "... imitar o jeito de falar de uma região é uma das coisas mais difíceis..."

Aluno 9

Bem, ela usa um gravador + isso naum faz com que a fala dos atores saiam perfeitas.

Aluno 15

Ela critica o sotaque ridículo dos atores da globo que interpretam personagens nordestinos e os moradores se sentem mal representados.
Eles se dividem entre os que achavam ridículo e os que levavam tudo na esportiva.

Aluno 14

Jerimum tresandado, de Ricardo Valladares.

"Por que é ridículo o sotaque dos atores da Globo que interpretam personagens nordestinos".
O modo como os nordestinos falam é ridicularizado nas novelas da Globo, pois uma minoria se sente bem representada.

ANEXO 11 - O PÓS-TESTE E O PRÉ-TESTE DOS ALUNOS DO GRUPO A

Aluno 1

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
<https://recantodasletras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

A língua prestigiada e a estigmatizada

No estúdio, ninguém se preocupa em falar de acordo com a gramática, todo mundo fala de tudo que quer, tem se preocupar se está falando certo ou errado, mais de quem de quem da escola em que se está se inscrevendo, se ela estiver num ambiente de trabalho, vai usar a língua prestigiada, mais se estiver numa conversa entre amigos, ela vai usar a língua estigmatizada, totalmente fora da gramática normativa. Mas não é só a classe desfavorecida que fala fora da norma padrão, as classes favorecidas também falam a língua estigmatizada no seu dia-a-dia. Não importa se a pessoa é da classe favorecida ou desfavorecida, todo mundo fala um pouco no seu estúdio a língua estigmatizada, tem se preocupar com a norma padrão ou com o português brasileiro. Os outros que se acham mais

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Linguagens

Para mim linguagem popular é aquela cheia de gírias e que também é muito utilizada pelos adolescentes no seu estúdio. Já a linguagem culta é muito utilizada pelos empresários, jornalista, e um linguagem mais séria. A linguagem popular faz adotação pelos adolescentes em suas conversas, se um quem for falar com uma pessoa que utiliza a linguagem culta, essa pessoa não vai entender nada, ao contrário pode até se prejudicar na hora de argumentar um trabalho. Já a linguagem culta, ele não pode ter uma pessoa de mal caráter, mais a linguagem que ele usa não pode ser boa para o que as pessoas precisam, tem e isso é isso o que eu entendo de linguagem.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a), na pesquisa em educação.

Aluno 2

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

*Professora, eu indelicadamente nunca
sei falar desse assunto por
isso não deu dessa vez.*

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
<http://recentodasletras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

linguagem

A linguagem brasileira é muito complicada muitas pessoas não entendem bem essa linguagem. No meu caso, eu não entendo muito sobre isso, ela tem muita coisa que as pessoas não sabem. Antes a linguagem era mais fácil de aprender. Mas agora as regras que tem hoje em dia, ninguém sabe. Muitas pessoas não sabem escrever e falar, mas sabem falar e escrever. Mas a língua ficou mais complicada de aprender e por isso eu não entendo nada a linguagem brasileira.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

Até Breve!

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

O dia-a-dia

O dia-a-dia é cheio de palavras populares e de palavras cultas. Muitas vezes, usamos palavras populares sem percebermos. Por exemplo, quando dizemos "falei com o chefe", estamos usando uma palavra popular. Já quando dizemos "falei com o chefe", estamos usando uma palavra culta. A linguagem popular é aquela que usamos no dia-a-dia, e a linguagem culta é aquela que usamos em situações mais formais. Ambas são importantes para a comunicação humana.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 D'izem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.

<http://recanto das letras .net .com .br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

"A LINGUAGEM BRASILEIRA"

Com esse tipo de linguagem, o autor quer mostrar que a linguagem popular é tão importante quanto a linguagem culta. Ele argumenta que a linguagem popular é a verdadeira linguagem brasileira, e que a linguagem culta é apenas uma forma de linguagem que foi imposta pelos portugueses. Ele defende que a linguagem popular é mais rica e mais expressiva do que a linguagem culta, e que ela deve ser valorizada e respeitada. Ele também critica a atitude dos gramáticos e dos professores que querem impor a linguagem culta como a única forma correta de falar.

Aluno 4

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

- Dê-me um cigarro
- Diz a gramática
- Do professor e do aluno
- E do mulato sabido
- Más o bom negro e o bom branco
- Da Nação Brasileira
- Dizem todos os dias
- Deixa disso camarada
- Me dá um cigarro.

http://teoricos.aleteias.uol.com.br

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Formas de linguagem.

As formas de linguagem estão se tornando cada vez mais presentes no cotidiano brasileiro, desde o trabalho ao cotidiano da família, até a linguagem usada nos meios de comunicação. Isso se deve ao fato de que a linguagem é uma ferramenta essencial para a comunicação humana e, portanto, ela sempre esteve presente em nossa vida. No entanto, a linguagem usada no dia-a-dia dos brasileiros é muito diferente da linguagem usada em situações formais, como em documentos oficiais ou em ambientes acadêmicos. Essa diferença é o que chamamos de variedades da linguagem. As variedades da linguagem são as diferentes formas de usar a língua em diferentes contextos e situações. Elas são influenciadas por fatores como o local, o tempo, o grupo social e o propósito da comunicação. Portanto, a linguagem é uma ferramenta essencial para a comunicação humana e, portanto, ela sempre esteve presente em nossa vida. No entanto, a linguagem usada no dia-a-dia dos brasileiros é muito diferente da linguagem usada em situações formais, como em documentos oficiais ou em ambientes acadêmicos. Essa diferença é o que chamamos de variedades da linguagem.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Interojetividade

Para sobreviver na vida, a linguagem é uma ferramenta essencial para a comunicação humana. No entanto, a linguagem usada no dia-a-dia dos brasileiros é muito diferente da linguagem usada em situações formais, como em documentos oficiais ou em ambientes acadêmicos. Essa diferença é o que chamamos de variedades da linguagem. As variedades da linguagem são as diferentes formas de usar a língua em diferentes contextos e situações. Elas são influenciadas por fatores como o local, o tempo, o grupo social e o propósito da comunicação. Portanto, a linguagem é uma ferramenta essencial para a comunicação humana e, portanto, ela sempre esteve presente em nossa vida. No entanto, a linguagem usada no dia-a-dia dos brasileiros é muito diferente da linguagem usada em situações formais, como em documentos oficiais ou em ambientes acadêmicos. Essa diferença é o que chamamos de variedades da linguagem.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entretenimento (a), um (a) percurso (a) na pesquisa em educação.

PRONONINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://recantodasletras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me ur. cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Linguagem Brasileira

Este texto acima fala sobre a linguagem diferencial de Brasil. Ele fala sobre o tempo de high que tem uma pronúncia completamente diferente da antiga, com algumas palavras diferentes, mas a mesma fonética de high, com algumas palavras diferentes, que são muito diferentes e também, segundo os linguistas, não existe a língua certa que era usada. Não existe a língua de high e português que varia dependendo de cada região de país. Mas esse é um caso que leva você a pensar porque me pareceu preferível a gente falar algumas coisas de gramática que me ajudou. É um pouco diferente, você aprende sobre linguística, que não existe certo ou errado como eu sei alguma. Então, que uma coisa em algumas coisas também tem uma coisa que se você tem que estudar, muito para poder entender linguística completamente. Com esse conteúdo que me ensinou, pode fazer você aprender em vários horas para melhor compreensão da nossa língua.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

No Dia - A - Dia

A linguagem popular contém muitas mais gramáticas e é cheia de gírias e dialetos. Mas esse é bem pouco se comunicar com pessoas que moram em lugares próximos ou até mesmo no mesmo apartamento de tipo de pessoas ou até seu grupo de "estudo". Já a linguagem culta é muito usada por pessoas que são muito, com grau de estudo avançado.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://recantodasilvestras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Normas x "liberdade da linguagem"

Hoje em dia, as pessoas se preocupam muito com a questão da língua. Por isso, se ela for falada ou escrita, devem seguir rigorosamente as normas-padrão da língua, tentando falar a língua imperável diante da gramática, gerando então presentes aos linguísticos com relação ao que Afonso de Albuquerque, de-me e "me dá", ambos os termos não têm nenhuma diferença no sentido de mensagem, então as estruturas escritas diferentes gramaticalmente mais se fazem avaliar de acordo com as normas-padrão, de-me está correto, por quê? As duas transmitem a mesma mensagem e pode-se compreender claramente, mas por causa das normas gramaticais só uma está correta? Na minha opinião, são estas normas que impõem diferenças e preconceitos linguísticos, fazendo assim gramáticas para falar uma língua mais culta. Mas se os dois termos estão transmitindo clara-mente uma mensagem, então não poderia estar uma escrita com isso, se as pessoas pararem para pensar nisso, não haveria nenhum problema em usar a expressão "me dá". Tanto na linguagem escrita como na falada, basta apenas ter uma comunicação clara e objetiva, sem regras para que não fizesse tanto preconceito linguístico e que todos tenham liberdade na escrita e no uso da sua língua.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Linguagem culta e popular para mim

Entendo que a linguagem popular é aquela que falamos no dia-a-dia, que nos acostumamos a falar por estar no meio de uma sociedade que tem aquela forma de linguagem, já a culta, aquela que seja talvez a forma certa de falar, que nos preocupamos em falar quando estamos em público. No meu cotidiano, vejo as pessoas falar de uma forma culta somente quando estão falando em público, como palestras, seminários, na TV, ou pessoas de classe alta que estiverem tido um bom estudo para ser uma pessoa culta. Já a linguagem popular é mais fácil de ver no dia-a-dia, quando estamos entre amigos ou família, porque já se acostumaram com aquela linguagem popular. Procuro às vezes, tentar falar de uma forma culta também quando falo com pessoas que não conheço, ou quando falo em público, mas quando estou entre amigos não me preocupo em falar uma linguagem culta, que é o caso de muitas pessoas.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Né dia-a-dia de cada pessoa, vários fatores não descritivos e abstratos.
O Romantismo palavras que não-
têm descritiva e muitas até comen-
taria por muito interessante, mas
adstratamente apaixonado se mostra
uma larve minúscula mas cada um
ama de seu jeito. Por isso devemos
ser mais descreto e transparente,
falar palavras ditas mas vai faci-
litar nada.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

- Dê-me um cigarro
 - Diz a gramática
 - Do professor e do aluno
 - E do mulato sabido
 - Mas o bom negro e o bom branco
 - Da Nação Brasileira
 - Dizem todos os dias
 - Deixa disso camarada
 - Me dá um cigarro.
- <http://recantodasilvestras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Não Brasileiros

Para língua falada que todos nós
usamos para nos comunicarmos que se
resumire em um só significado tem a
sua origem.
Todos os dias vemos abridores com os
seus de linguagem que os brasileiros mi-
malmente se conheciam em falar que são
diferente. Logo depois dia-a-dia, conhecemos
falar a linguagem coloquial que por va-
riamente vamos achar falar, no entanto
a língua que falamos no é diferente da
linguagem de um juiz ou de baseadas
de uma professora de português, e que para
antes de falar em seu ambiente de trabalho,
por exemplo. Mas não precisamos de ter
de nós quando vamos bem entendido um
meio certo ou não, já com os amigos não
que dita quem o português e uma boa
característica própria de cada um bra-
sileiro.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

- Dê-me um cigarro
 - Driz a gramática
 - Do professor e do aluno
 - E do mulato sabido
 - Mas o bom negro e o bom branco
 - Da Nação Brasileira
 - Dizem todos os dias
 - Deixa disso camarada
 - Me dá um cigarro.
- <http://recantodasilviana.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

" De dia a dia "

O modo que falamos é de um jeito diferente, pois a norma padrão não é usada no dia-a-dia. Ela é usada em situações formais, como em documentos, livros, jornais, revistas, etc. Já o modo como falamos no dia-a-dia é muito mais livre e informal. Isso significa que podemos usar palavras, expressões e construções que não fazem parte da norma padrão. Isso não significa que o modo como falamos no dia-a-dia é errado ou inferior. Pelo contrário, é uma forma de expressão muito rica e criativa. É importante reconhecer e valorizar esse modo de falar, pois ele é uma parte essencial da cultura e da identidade de um povo.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

De dia a dia

O dia-a-dia brasileiro com todas as suas peculiaridades, com suas expressões populares, suas gírias, suas formas de falar, que não são encontradas na linguagem culta. Isso reflete a diversidade cultural e social do Brasil. A linguagem popular é uma forma de expressão muito rica e criativa, que varia de acordo com a região, o grupo social e o contexto. Ela é uma parte essencial da identidade de um povo e deve ser valorizada e respeitada. No entanto, é importante reconhecer que a linguagem popular pode ser usada de forma inadequada em certos contextos, como em ambientes formais ou acadêmicos. Portanto, é importante saber quando e como usar cada tipo de linguagem.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveite para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

ANEXO 11 - O PÓS-TESTE E O PRÉ-TESTE DOS ALUNOS DO GRUPO B

Aluno 9

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://recursos.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Pré-conceito social

Os alunos se referem à classe social favorecida que desfavorecida tem os mesmos conhecimentos e habilidades de sala de aula. Porém nem todos têm os mesmos costumes.
 Tudo vai depender do costume, na pessoa, que mesmo com o nível de escolaridade alta, fala, sei lá, porque é um hábito das pessoas falar e que se escuta no dia-a-dia, não é que se escuta na escola. Não quer dizer que, se ela tá errada, pois se o ouvinte compreendeu o que o outro está querendo falar, está certo.
 Essa é a ideia que se fala em escrever errado, as pessoas da classe social desfavorecida não tá com nada. Na verdade classe social favorecida também pode errar.
 Não apenas as pessoas da classe favorecida tá se ferrar, as pessoas da classe desfavorecida também se ferrar, porque o importante não é a classe social e sim o interesse que a pessoa tem de aprender, independente, da classe social. Contudo, depende-se investir mais nos professores para que todo mundo tivesse o mesmo conhecimento independente de classe favorecida ou desfavorecida.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Seu jeito de falar

Cada região tem sua forma de falar: rápido, lento, grosso, fino etc.
 As primeiras palavras nos aprendemos em casa com a família. É a forma que você fala vai depender de onde você mora.

Tem gente que caça de outro por falar diferente dele. Tem muita gente todo mundo fala de jeito que sabe.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa d'isso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://www.dissertacoes.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Variedade Linguística

A Linguística Linguística é uma ciência que estuda a língua em sua totalidade, incluindo a fonética, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Ela busca entender como a língua funciona e como ela muda ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais.

Um ponto importante é que a língua não é apenas um conjunto de regras, mas também um fenômeno social. Isso significa que a forma como falamos varia de acordo com o lugar, o momento e as pessoas envolvidas.

A norma padrão é apenas uma das variedades da língua. Existem muitas outras variedades, como o português coloquial, o português regional e o português de diferentes classes sociais. Cada variedade tem suas próprias características e é usada em diferentes situações.

É importante entender que todas as variedades da língua são igualmente válidas e importantes. A linguagem é uma ferramenta essencial para a comunicação e a construção da identidade social. Portanto, devemos valorizar e respeitar todas as variedades da língua.

13. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Linguagem Popular
 São palavras que são usadas no dia a dia em uma linguagem simples e direta. Elas são usadas por todos os falantes de uma língua e são essenciais para a comunicação cotidiana.

As palavras populares são aquelas que são usadas em situações informais e são mais acessíveis a todos os falantes. Elas são muitas vezes usadas em contextos de humor e informalidade.

A linguagem culta é aquela que é usada em situações formais e é mais complexa e sofisticada. Ela é usada em contextos acadêmicos, literários e profissionais.

Embora a linguagem popular seja mais usada no dia a dia, a linguagem culta também é importante para a construção da identidade social e para a comunicação em contextos formais.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://recanto das letras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

O Pronominate Linguístico

Na vida existe o certo e o errado como também o modo como a língua é usada pelas pessoas na escola aprendem desde cedo que existem duas formas - padrão e o modo dia-a-dia, mas nem sempre usamos a variedade de um pronominate muito quando com as pessoas das classes sociais desfavorecidas e falam as palavras pela classe social. Mas na sociedade que usamos e o convencionalmente e na classe social, seja ela falante ou não, a variedade da língua não é a gramática e não como um dia-a-dia. Tipo: "Dê-me um cigarro" e "me dá um cigarro" sendo que a diferença da gramática das palavras está no sentido e importante é que a palavra tem sentido e que precisa fazer um sentido. Contudo, o que deve acontecer é que as pessoas possam fazer pronominate e solidificar e que tenham o modo, ou estilo como as palavras fazem parte cada pessoa tem a sua cultura e costumes.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

O que somos e falamos no dia-a-dia

A linguagem que utilizamos não transmite apenas ideias. Transmite também informações sobre nós mesmos.

A língua é uma das linguagens que mais usamos no nosso dia-a-dia. Algumas delas são: apêlido: jogador que eu sempre e me me golpe para vencer e inimigo; preso: quem está aprisionado ou mandando. Essas e outras são as linguagens populares que usamos no nosso cotidiano.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

Até Breve!

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://recanto das letras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

O português Brasileiro
 Nesse português apesar de conter noções de variedade e falado, e essas normas variam sendo divididas a forma correta de se falar e pertencendo a maioria das vezes em nuances de variedades investigadas, como é citado no texto a expressão "Dê-me um cigarro" me dá uma ideia sempre se trata de variedades estigmatizadas como "Me dá um cigarro" e "Brasileiro por aí" - tentar mais vezes falar a linguagem padrão considerada o certo.
 Essas normas que se impõem ao português e "que é" ditando como a língua padrão e "aí" acaba dificultando a presença das normas e elas acabam optando por uma forma mais fácil de se pronunciar e acabar sempre usando a linguagem popular, um exemplo disso é a expressão "bater" de invés de "bater" uma forma de se pronunciar a palavra abunda pelas linguagens e profissionais da norma-padrão. Mas essas variedades usadas no dia-a-dia, não muito bem compreendidas pelos populares, e isto de serem consideradas "normas" acabam sendo desvalorizadas e é aí que começa a se formar o preconceito linguístico em relação a "bater" que não tem acesso a uma boa educação e aí por falta de oportunidade que é considerada a linguagem de "bater", pelas classes inferiores que defendem a língua padrão.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

O português do povo

Nesse povo fala uma linguagem bem mais e muito diferente do mesmo tempo por haver várias regiões em nosso país por cada uma ter um português, palavras diferentes que muitas vezes não são conhecidas em outras regiões, ou seja vivermos em um mesmo país e não temos conhecimento das várias variações de linguagens e variedades de palavras da qual a gente vive. O Nordeste por exemplo uma região que obtém uma grande quantidade de palavras que obtêm sentidos diferentes e são desconhecidas, em uma maioria por outras regiões, já na linguagem popular usamos palavras que idêntico mas são contrárias ao português correto mais a variedade natural muni pela sociedade.

A linguagem culta é muitas vezes esquecida, aí pela pouca escolaridade e pelo pouco conhecimento sobre o português a maioria das pessoas ainda se sente vontade em falar. Constatamente português apesar da maioria não vai empobrecer.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveite para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

Aluno 13

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Definição da Linguagem Popular e Culta no Brasil

A linguagem popular, por ser mais ampla e direta é usada pela maioria da população.

Ela propicia-se no ambiente em grau maior de amplitude social, com suas formas abstratas tal como: física, verbal e etc.

A linguagem culta usada raramente sobre pessoas de um mesmo grupo social, é mais explícita e precisa, porém mais complexa, e necessita as vezes recorrer a ajuda de um dicionário.

Mas, no Brasil, tanto a linguagem popular e culta tem sido muito precisa uma vez que são completamente o contrário.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
<http://www.escritores.org.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Como Falar?

Essa de falar de pedir algo não tem nada mais de grande coisa entre as pessoas de bom senso, em termos de uma comunicação no trabalho, ninguém se preocupa com ser tão formal ou de falar numa gramática numa reunião de trabalho.

Mas, quando falamos "dê-me um cigarro" ou "me dá um cigarro", há uma grande diferença entre os dois. A segunda forma falada, mas o questionante não baseia em nada a classe social de quem fala, ou seja, não tem nada a ver com a pessoa que fala, e sim com a situação. Mas, quando se fala "dê-me um cigarro", há uma grande diferença entre os dois. A segunda forma falada, mas o questionante não baseia em nada a classe social de quem fala, ou seja, não tem nada a ver com a pessoa que fala, e sim com a situação.

Então, quando se fala "dê-me um cigarro", há uma grande diferença entre os dois. A segunda forma falada, mas o questionante não baseia em nada a classe social de quem fala, ou seja, não tem nada a ver com a pessoa que fala, e sim com a situação.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (n) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONÔMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa d'isso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://recantodasletras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

Variedades prestigiadas versus variedades estigmatizadas

Os defensores do "bom uso da língua" pregam e que esta esteja na gramática normativa, ou seja os falantes da língua portuguesa devem seguir as normas que são consideradas "certas". Mas quem fala certo hoje em dia? Dire que quem não segue a regra a norma-padrão é ignorante?

Não. O que todos devemos entender é que as velhas normas da língua que estão na gramática não caíram mais no contexto do século XXI. Porém, não se pode simplesmente deixar de lado as normas gramaticais e começar a falar e escrever como bem entender.

O que os estudiosos da língua portuguesa estão propondo é que haja uma reforma na gramática normativa, que seja feita uma atualização, e que daí por diante não precisemos aprender e que realmente se fala e se escreva hoje em dia, principalmente em momentos formais.

A língua portuguesa está mudando e na gramática nada muda, porque estando clara que ninguém fala como se falava no Brasil colonial a gramática continua a mesma quando assim já não podemos dizer que está "certa" ou "errada" de ponto de vista científico da língua.

As variedades estigmatizadas "diferenciadas" os falantes que vivem em usar a linguagem coloquial, típica de sua região, superam aqueles e não que um que seu modo de falar seja suprido. É nos superamos que futuramente tenhamos uma gramática um que nos preservem estudos a vida inteira, e ainda assim nada saber.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

Linguagem culta versus linguagem popular

No cotidiano, a linguagem varia, e não forma há a necessidade de muitas formas de expressões e a linguagem popular nem sempre é a mais conveniente, dependendo de com quem se fala, e de que carga de conhecimento essa pessoa possui.

Em um grupo de estudantes, é normal o uso da linguagem popular, o uso das quais em uma conversa entre jovens é um sinal de que se está na moda.

O uso da linguagem culta, porém, é mais comum entre pessoas maduras e com grau de instrução elevada.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONÔMINAIS (Oswald de Andrade)

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.
<http://recantodasletras.uol.com.br>

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

A influência da sociedade e da mídia na língua portuguesa

A língua portuguesa tem uma variedade linguística muito grande e que pouco se sente, e por conta disso há muitas diferenças e muitos sotaques. A língua portuguesa tem um jeito "sua" ou "arrastado" de se falar. É que acentua e que cada pessoa, cada região tem a sua própria forma de falar. Tem o jeito "sua" de se falar e se qualquer pessoa não falar do jeito que a sociedade impõe a sociedade julga dizer que está "arrastado". É no ambiente das variedades linguísticas que me mostro que não impõe, se fossemos "a gente vai" ou "me dá" e que impõe e que a pessoa que não ouvi entende mas muitos países já vivem pelo lado da pronúncia linguística e a mídia também influencia mais do que o jeito que "onda" mas se fala errado e no Nordeste.

Então se é na mídia que começa a pronúncia e poder, por isso a mídia a acabar a história de que existe um jeito "sua" ou "arrastado" de se falar.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

A variação linguística no dia-a-dia

As pessoas em contato com outro na rua, na escola, na igreja, no trabalho não falam igual e a pessoas que falam que falam de outro modo por morarem em locais ou regiões diferentes, ou seja, variação linguística e a variação de um jeito, de um modo de falar. Existe também a variedade padrão que é mais utilizada na variedade, e a variedade normal e a que nós usamos no dia-a-dia.



Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.

PRONOMINAIS (Oswald de Andrade)

- Dê-me um cigarro
 - Diz a gramática
 - Do professor e do aluno
 - E do mulato sabido
 - Mas o bom negro e o bom branco
 - Da Nação Brasileira
 - Dizem todos os dias
 - Deixa disso camarada
 - Me dá um cigarro.
- http://recantodasletras.uol.com.br

Considere o texto acima e redija uma dissertação entre 20 e 30 linhas. Você pode discutir o assunto abordado no poema: a norma padrão (Dê-me um cigarro) versus o modo como a língua é usada no dia-a-dia pelos falantes do português brasileiro (Me dá um cigarro). Dê um título ao seu texto dissertativo-argumentativo.

"C" de criado e "F" de certo

Hoje em dia estamos cada vez mais longe daquele modo de falar que está na gramática. O distanciamento da forma de falar do cidadão quanto ao que rege a gramática tem sido alvo de muitos estudos.

Saber que é fundamental comunicar-se é algo que se aprende desde pequeno. Ao estudar a gramática nos salas de aula, os alunos (que fazem parte de uma sociedade) vêm uma forma de falar de "outro mundo" ou seja, quando vão tendo em vista que os laços unem num âmbito social onde o uso da língua é "fora dos eixos", segundo a gramática, criam-se assim divergências.

Ora, vivendo os jovens e a sociedade num total distanciamento das variedades prescritas criam-se tabus sobre eles. As classes sociais desfavorecidas tiveram que se abrigar do meio em que vivem onde palavras "difíceis" não são compreendidas e nem ditas. Tendo assim, os cidadãos que se acostumaram e procuram manusear mais "fáceis" de se expressar, ficando assim cada vez mais da gramática.

O resultado do distanciamento é o preconceito linguístico, levando os indivíduos a julgarem a forma de se falar de seguintes e inferiores. Isso leva ainda a consequências maiores, como dizer que alguém fala "certo" e outro fala "errado".

Entende-se que do ponto de vista científico não existe o "certo" e nem o "errado" na língua, o que existe são formas e costumes criados de se comunicar com as demais pessoas.

11. Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto.

A Língua do Brasil

A nossa língua é diversificada e cheia de riquezas, por isso as pessoas e os grupos sociais "criam" palavras que não tem seus verdadeiros significados, dando assim a entender as palavras de duas formas e linguagem popular e a linguagem culta.

Como já foi dito, esta pesquisa está apenas começando, mas aproveito para enfatizar sua importância para além de um (a) simples entrevistado (a), um (a) parceiro (a) na pesquisa em educação.